



236

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

LIV.-	01
PAE.-	42
REG.-	1351

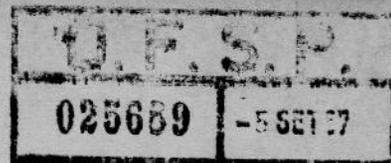
TÍTULO DA PEÇA: " REVOLUÇÃO NA AMÉRICA DO SUL "

AUTOR DA PEÇA: " AUGUSTO BOAL "

DISTRIBUIÇÃO

67

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL



SRA. - DA. - D. F. S. P.

RECEBI 5, 9 1967 AS 12 HS

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E NEGÓCIOS INTERIORES

DEPARTAMENTO FEDERAL DE SEGURANÇA PÚBLICA

DELEGACIA REGIONAL EM PERNAMBUCO

TURMA DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Of. nº 44/67-TCDP

Em 28 de agosto de 1967

Do: Delegado Regional do DPF/DR/PE

Ao: Sr. Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas.

Assunto: Script de Peça Teatral - encaminha

Senhor Chefe.

Anexo, encaminho para a apreciação de V.S. 1 (um) Script da Peça de Augusto Boal "REVOLUÇÃO NA AMÉRICA DO SUL", comédia em 2 (dois) Atos, que foi submetido à censura prévia da Turma de Censura / desta Regional, tendo sido o mesmo impugnado, em vista de ferir o que dispõe as letras C e D do Art. 41 do Decreto nº 20.493 de 24/1/1946.

Aproveito a oportunidade para reiterar a V.S. protestos de elevada estima e consideração.


HAROLDO TORRES - Cel. R/1
Del. Regional DPF/DR/PE.

JJMF/jjmf.

1ª parte

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0098, p. 3



REVOLUÇÃO NA AMÉRICA DO SUL

AUGUSTO BOAL

GRUPO CONSTRUÇÃO

Recife, 7/7/67

(COMÉDIA EM DOIS ATOS)

Revista de Arte e LiteraturaAugusto de 1Alô, Alô - Espectadores,

O mundo está por um fio.

Não vos assusteis,

Não ide embora,

Ficai.

Mas mesmo calmos calados,

Cu rindo de vez em quando,

Não vos esqueçais:

O mundo está por um fio.

Pode acabar hoje, amanhã...

Ainda há tempo de pensar

Ainda há tempo de agir.

Há revolta na Venezuela

em Israel

no Egito

No Vietnam, muito sangue,

muita luta.

Ontem mataram um preto no Sul.

Causa mortis: era preto.

Operário morreu de fome.

Causa mortis: operário.

há guerra!

Bomba atômica no Saara!

Bomba H em Pequim!

No Atlântico!

Bomba na bolsa de uma senhora idosa...

mas a guerra é fria...

buses no estrangeiro alertas!

submarinos não identificados,

portadores de bombas, torpedos,

esperam um sinal,

Um só.

Arrogante visita de cortezia.

de cá vem lá,

de lá vem cá.

Evitar estrechamentos
 nas relações internacionais.
 Inimigos abertos às mãos,
 sorrindo para o mundo.
 Sorrindo em Washington,
 Paris, Genebra,
 Moscou para vocês, sorrindo...
 Dizem que bastava um botão.
 Onde fica?
 Onde não fica?
 Onde é?
 Onde não é?
 Ninguém sabe que botão.
 Sabemos
 que o mundo está por um fio de cabelo.
 Cuidado ó gente
 que ainda está viva!
 O mundo está por um fio.
 Civilizações distantes
 Rebelam-se
 Lutam contra o imperialismo
 Do norte.
 Do sul.
 Do leste.
 Do centro-ocidente.
 Somos uma ilha
 Cercada de imperialistas
 Por todos os lados.
 Menos por um
 que nos leva a fazer graça.
 O mundo se agita.
 O mundo inseguro grita.
 É preciso disfarçar:
 De um botão
 depende o mundo.
 Quando virá a notícia
 de que o mundo acabou?
 O mundo está por um fio.
 O mundo vai acabar.
 NARRADOR - Não, o mundo não vai acabar...
 MAS LONJE DAQUI.
 MAS NÃO HÁ SOMO,
 MAS HÁ REVOLUÇÃO.
 MAS POUCO DE LUTA,
 MAS NÃO HÁ REVOLUÇÃO.

Esta peça não conta bombas,
nem massacres,
nem crime de morte.

~~BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.~~
BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0098, p.6

simples história
de um homem e de sua virtude:
"José".

Pleno de esperança e de bondade.
Um homem que morreu
sem conhecer o inimigo
o inimigo o cercou
e até as calças roubou.
E no fim da peça o matou.
E vocês verão por que.
Embora José da Silva,
Continue sem saber.
É uma história engraçada.
(Se é que a fome tem graça.)
Vamos esquecer bem longe.
O mundo.
O mundo que ninguém vê.
Vamos pensar em José,
que tem tanto prá sofrer.

(Entre todo o elenco e canta).

INTRODUÇÃO

Atenção
muita atenção
aviso à população
revolução
revolução
revolução
na América do Sul
cuidado minha gente
cuidado minha gente
que a revolução vai começar...

CENA UM -

A cena está vazia. Os próprios atores devem trazer os poucos elementos necessários à ação. Cadeiras só devem ser usadas quando absolutamente necessárias. Máxima economia em objetos de cena. Luz. Toca a sirene da fábrica. Hora do almoço. Entra JOSÉ DA SILVA e seu amigo, ZÉQUINHA MALUCA. Zéquinha traz uma marmita do tamanho aproximado de um estôjo de injeção. José vem de mãos abanando. Os dois sentam-se no chão.

ZÉQUINHA - A gente trabalha feito um burro de carga, de manhã até de noite, e quando acaba, olha o tamanho do meu almoço...

JOSÉ - Você até parece a minha mulher: vive se queixando...

ZÉQUINHA - Tá tudo errado! A gente de ia fazer qualquer coisa!

JOSÉ - Fazer o que?

ZÉQUINHA - Uma revolução!

JOSÉ - É, uma revolução ia bem. Mas vamos almoçar primeiro (esfregando as mãos). O que é que você tem hoje?

ZÉQUINHA (sempre resmungão) - A mesma gororoba de sempre: feijão com arroz.

JOSÉ - Tá com cheiro bom, diferente. Será que tem carne?

ZÉQUINHA - Claro que não.

JOSÉ - Claro por que?

ZÉQUINHA - Hoje não é domingo... (começa a desembulhar a marmita).

JOSÉ - Posso dar uma cheiradinha? (os dois cheiram).

ZÉQUINHA - É, o cheiro tá diferente...

JOSÉ - Tá com jeito de ser almôndega.

ZÉQUINHA - Não, porque se fôsse, tinha macarrão também, e se tivesse macarrão, tinha que ter queijo. Isso não tá com cheiro de queijo.

JOSÉ (exultante, eufórico, feliz) - Já sei! Descobri!

ZÉ ZINHA - Que é?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0098, p. 8

JOSÉ - Feijão com arroz mesmo!

ZÉ ZINHA - E qual a diferença?

JOSÉ - A diferença é que tem um pouquinho de sobremesa! Entendeu? Feijão com arroz e sobremesa! Parabéns, heim! Você é que dá sorte: vai comer sobremesa. Felicidades.

ZÉ ZINHA (sisudo) - Escuta. O que é... sobremesa?

JOSÉ - Você não se lembra de antigamente? A gente comia, e depois vinha sempre uma sobremesa!

ZÉ ZINHA - Café?

JOSÉ - Antes do café: doce de jerimum, goiabada...

ZÉ ZINHA - Aaaaahh! Me lembro sim. Será que é isso?

JOSÉ - Abre.

ZÉ ZINHA - Não como sobremesa vai pra uns vinte anos (abre a mor-nita).

JOSÉ - A última vez que comi, levei uma curra da minha mãe!

ZÉ ZINHA - Por que?

JOSÉ - Roupei uma banana da quitanda. Eu era moleque...

ZÉ ZINHA (dececionado) - Olha: é só feijão com arroz.

JOSÉ - É esse embrulho?

ZÉ ZINHA - Sei lá.

JOSÉ - Abre.

ZÉ ZINHA - Tô com medo.

JOSÉ - Vai ver, a sobremesa bem se pode estar aí dentro.

ZÊ JINHA - Não adianta mesmo! está tudo errado! Só o que dá jeito é a revolução!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0098, p.10

JOSÉ - Como é que faz uma revolução?

ZÊ JINHA - Tem de pegar revólver, faca, pedaço de pau, tudo! Ir prá rua gritar que a gente quer aumento. Aí eles dão!

JOSÉ - Isso não ia dar certo.

ZÊ JINHA - Se o povo topasse, dava! Finna que dar!

JOSÉ - Então vamos fazer! A gente vai todo mundo pra rua de faca, pau e navalha! Aí a gente grita: "queremo aumento! queremo aumento! queremo aumento!" (fica excitado pela visão da comida). Toma mais cinco: deixa eu dar outra cheiradinha! (paga. Respira fundo. O movimento da mastigação o levou à excitação extrema). E se ela viesse me dar a bronca, eu dizia: "minha mulher, agora eu sou um revolucionário! Eu brigo na rua de faca, pau e navalha! Vamos fazer a revolução! E quem fôr macho me segue! E você vá já prá cozinha e me faça um feijão com arroz e sobremesa! (brada de punhos cerrados). Eu quero marmelada! Marmelada!" (entra a mulher. José fala agora em tom baixo e brando). marmelada...

MULHER - Gritar você sabe, mas a gosto como ainda não foi pedir aumento.

JOSÉ (tíido) - Eu estava conversando aqui com o Zêquinha sobre a idéia de fazer uma revoluçãozinha. Você não acha revolução uma boa idéia!

MULHER - Via te revisar pela última vez: não me ponha os pés lá em casa enquanto não trouxer mais dois contos e oitocentos por mês!

JOSÉ - Prá que essa fortuna?

MULHER - Já esqueceu que tem que pagar escola pro teu filho mais velho?

JOSÉ - Escola? Mas nós não somos milionários, meu bem! Prá que pôr o nosso filho na escola?

MULHER - Tem que comprar chupeta pro menino que nasceu ontem!

JOSÉ - Isso é que não: chupeta é anti-higienico!

MULHER - É ele vai morrer de fome?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0098, p.11

JOSÉ - Dá de amar ai... (aponta o seio dela).

MULHER - É onde é que você pensa que eu tenho leite? Não te pedi prá trazer uma malzbier então? Sem malzbier não tem leite, tem que comprar chapeta!

JOSÉ - É... pelo menos o menino pensa que está mamando.

MULHER - Que é que você está esperando? Vai pedir aumento!

JOSÉ - Vou sim, depois do almoço.

MULHER (saindo) - E não me volte prá casa sem o dinheiro! (vai sair).

JOSÉ - Escuta meu bem, você ia esquecendo de me dar o almoço.

MULHER - Que almoço, seu desavergonhado? Então você pensa que vai comer todo dia? Não é milionário prá pôr o nosso filho na escola, mas é milionário prá comer todo santo dia! Vai pedir aumento! (sai).

JOSÉ (triste) - O que é que eu faço?

ZÉQUINHA - Revolução (come).

JOSÉ - Eu vou é falar com o patrão!

ZÉQUINHA - Pensa que adianta?

JOSÉ - Quem sabe, êle tem bom coração.

ZÉQUINHA - Na fábrica êle quer é ficar rico.

JOSÉ - .rincero eu vou contar a minha miséria. Se êle disser que não, aí eu ameaço! (exaltando-se). "Eu vou prá rua de faca, pau e navalha! Esse aumento de salário tem que sair! Já fui explorado a minha vida inteira! Eu quero aumento! Nós queremos aumento!" (luz no patrão que pode entrar no escuro carregando a sua mesa e cadeira. Usa cartola e casaca. Maquiagem exagerada de homem mau. Está sentado, sozinho, José da Silva, humilde, tira o chapéu que põe no peico, abaixa a cabeça e fala em tom submisso). .atrãozinho. Eu vim aqui porque, sabedor que o senhor tem bom coração, vim pedir, se fôsse possível, um aumento. Um aumentozinho, bem pequeni-

aluno! (o patrão continua falando, sem olhar para ele). Porque
ao contrário, eu não posso mais trabalhar. Vá lá que eu não almo
ce todo o santo dia, também não sou exigente, mas pelo menos de
vez em quando. E se o senhor me dá um aumento de dois centos e
oitocentos... (o patrão move o bafejo). O que é que o senhor dese
ja? Apertar esse botão? Pois não, às ordens (aperta o botão. To
ca uma campainha. Entram dois homens. José não os vê). É oito
centos, dizia eu, eu podia comer melhor e trabalhar mais pro se
nhor. Quem sabia lucrando era Vossa Excelência e Excelentíssima
família, que podia comprar mais um cadillac sedan de quatro por
tas, o que aliás é muito justo (os dois homens obedecem a um si
nal, seguram-no pelo fundilho, e põem-no para fora. Limpam as m
ãos e saem). Patrão, patrãozinho! Eu ainda não acabei de falar. Is
so aqui é uma democracia (apaga a luz do patrão). Isso aqui é u
na democracia, ou aqui se habia castellano?

ZÉ JINHA - Está tudo errado!

JOSÉ - Eu quero ver a hora que eu morrer de fome, como é que eu
vai ganhar dinheiro!

ZÉ JINHA - Vai prá tua de faca, meu e a navalha!

JOSÉ - Então vamos logo fazer essa porcaria dessa revolução!

ZÉ JINHA - Como é que se come marmelada?

JOSÉ (quebra) - Fando na boca (olha com gula).

ZÉ JINHA (desajeitado) - Assim?

JOSÉ - Vou te ensinar (esquece a revolução). Primeiro você corta
um pedacinho com a faca, assim. Depois você abre a boca e fecha
os olhos, assim. Vai prestando atenção. Depois tira a faca e mas
tiga, assim (mastiga didaticamente). Agora engole.

ZÉ JINHA - Ah...

JOSÉ - Não entendeu, não tem importância. Eu explico de novo! Pri
meiro você pega a faca... (enquanto procura a faca Zéquinha, rá
pido, engole o pedacinho que sobrou).

ZÉ JINHA - Assim vai mais de ressu! (toca música semelhante ao
refrão musical do Repórter Esso. Luz no Jornalista).

JOSÉ SILVA - É agora, meus amigos, uma notícia de fundamental importância! O governo, atendendo a uma solicitação do clamar popular, resolveu aumentar o salário mínimo em dois centos e oitocentos! A boa nova, como era de se esperar, foi recebida alegremente pelas classes trabalhadoras! Não haverá pois, necessidade de uma revolução! E aqui temos o nosso magnífico amigo, o Líder, que dará as suas impressões vocais sobre a suprema felicidade das classes trabalhadoras em possuir um governo capaz, digno, honesto e zombeteiro! Convosco, o Líder (o Líder levanta os braços cumprimentando o povo que começa a entrar em cena).

LÍDER - meus amigos, eu vos saúdo em nome do povo, em nome do governo, em nome da nação! O povo está de parabéns! O governo está de parabéns! O futebol está de parabéns! (começa a tocar uma charanga fora de cena). Foi concedido um novo aumento de salário! O salário mínimo atingiu o seu teto máximo até hoje jamais alcançado nestes rincões da América do Sul. O homem da rua exulta! A mulher da rua exulta! (acompanha charanga). A vida agora é mais fácil! É o Eden terrestre que se aproxima a passos largos! Graças a um ato do governo, o Arcanjo Gabriel baixou a sua espada, e o homem do povo pode agora penetrar nos jardins do Paraíso terrestre dos bens da vida, que não eram por êle frequentados desde o lamentável incidente com Adão e Eva. O proletário agora, com este inaudito aumento, é um capitalista! Ide para as ruas, mas... cuidado: nada de revolução! Comprai as vossas mercadorias, comprai o vosso pão! E antes de comê-lo, dai vivas à figura histórica do nosso amado e benquisto governo! (apaga-se a luz no Líder que sai. Ficam em cena os compradores, em número mínimo de dois: Homem do frete e do pneu, além de Zequinha e José da Silva, e mais um farricante).

CANÇÃO DA FEIRA

POVO	- Tá na hora. Tá na hora (bis) da feira começar.
VENDEDOR	- Nois viemo prá vendê
POVO	- Nois viemo prá comprá
VENDEDOR	- Nois viemo prá vendê
POVO	- Nois viemo prá comprá
TODOS	- Na feira tem laranja Na feira tem verdura Na feira tem feijão E também tem rapadura
VENDEDOR	- Olha essa laranja Tão doce como mel É preciso pagá caro Ela não caiu do céu
POVO	- Deve gente prá plantá
VENDEDOR	- Deve gente prá cuidá

POVO - Teve gente prá colhê
 VENDEDOR - Teve gente prá tranê
 fêmo eu prá vendê
 POVO - É tem nós prá comprá
 POVO - mas o que a gente ganha
 Nô pode tudo comprá
 Nô dá prá bem vivê
 Nô dá prá mim comê
 Só dá prá continuá
 Outra vez a trabalha
 Só dá prá continuá
 Outra vez a trabalhá
 Ôlho por ôlho
 Dente por dente
 Dente por dente
 Ôlho por ôlho

VENDEDOR - (com o apareci ento de um guarda)
 quem não trabalha não come

FIM DA CENA UM

CENA DOIS -

FERRANTE - Sai um pão e laranja.

JOSÉ - Que foi que você disse?

FERRANTE - Eu disse: "Sai um pão e laranja!"

JOSÉ - Que idéia é essa, que tôda vez que eu passo pela sua barra
 ca, você grita: "Sai um pão e laranja". Ficou maluco?

FERRANTE - pensei que fôsse almoçar.

JOSÉ - Eu vou almoçar.

FERRANTE (rotina) - Sai um pão e laranja!

JOSÉ - Hoje eu vou comer! A minha vida inteira almocei pão e la-
 ranja, mas hoje vou tirar a barriga da miséria! Uúúiii! Estou
 com uma fome!...

FERRANTE - Você ganhou no bicho?

JOSÉ - Saiu aumento de salário mínimo! (cantando). Salve lindo pen
 ão de esperança, salve símbolo augusto da paz...

FERRANTE - Ah, saiu aumento e ninguém me avisou... (começa a tro-
 car os preços afixados nas mercearias). É por isso que está todo
 mundo comprando, comprando... o que foi?

JOSÉ - Dois contos e oitocentos por mês.

FEIRANTE - Pode escolher aí no cardápio!

JOSÉ - Me dá um quilo de filé minhão!

FEIRANTE - Com osso ou sem osso?

JOSÉ (sempre alegre, liberto) - Um quilo de filé minhão sem osso, que eu não sou cachorro!

FEIRANTE - Duzentos paus! (diz o preço certo).

JOSÉ - O que?

FEIRANTE - Filé minhão sem osso: 200 paus!

JOSÉ (pensa um pouco, depois se recupera e fala de novo animado)
- Então me dá um quilo de filé de alcatra.

FEIRANTE - 100 paus.

JOSÉ - Coxão duro?

FEIRANTE - Cinquenta.

JOSÉ - Bofe?

FEIRANTE - Frinta.

JOSÉ (explodindo) - Me dá um osso!

FEIRANTE - Preço de lixidação: dez paus.

JOSÉ - Não tem um mais mole? (tenta mastigar o osso inutilmente).

FEIRANTE - Deixa de luxo: osso tem proteína e carbo-hidratos, sem falar em fosfato que serve pra inteligência e cálcio pro esqueleto.

JOSÉ - A minha dentadura está toda cariada! (devolve o osso).

FEIRANTE - Fome cálcio que fortifica.

JOSÉ - De mole só tem verdura, é?

FEIRANTE - Bom pros intestinais.
JOSÉ - Ah cinco não, ue eu tenho desintéria: e não de me fazer bem.

FEIRANTE - Brócoli?

JOSÉ - Ingratidão: tem nome de comida ue eu nem sabia ue existia.

FEIRANTE - Vinze p us.

JOSÉ - Não sabia por causa do preço.

FEIRANTE - Alfa ce é quinze.

JOSÉ - É batata? Feijão com arroz?

FEIRANTE - Só pensa em artigo de luxo!

JOSÉ - Capim tem vitamina?

FEIRANTE - De onde dá a qualidade: o que eu vendo a i, é o único que tem clorofila.

JOSÉ - Serve pra que?

FEIRANTE - Pros olhos. Comendo o meu capim você vê tudo verde. E economiza óculos "ray-ban".

JOSÉ - Então me dá cinco cruzeiros de capim.

FEIRANTE - Leva um pouco pra estoque.

JOSÉ - Não que dá: tenho só onze filinos.

FEIRANTE - Cinco cruzeiros de capim, sai!

JOSÉ - É pro meu alôgo, agora, vou comer pão e laranja mesmo.

FEIRANTE - Não não tem.

JOSÉ - acabou?

FEIRANTE - Que é ue voce quer: há mais ano não vem trigo da Argentina.

JOSE - Vai só a Laranja. Quando chegar o trigo da Argentina me a
visa.

FEIRANTE - Pode ir pagando.

JOSE - Sete cruzeiros.

FEIRANTE - Que é isso?

JOSE - Cinco do capim, dois da laranja.

FEIRANTE (bronqueado) - Você pensa que eu sou palhaço? Está que-
rendo desprestigiar a minha mercadoria? Onde é que já se viu com-
prar uma laranja pera do Rio por dois cruzeiros?

JOSE - Não leve a mal, mas quando eu cheguei o senhor mesmo...

FEIRANTE (enfurecido) - Isso foi quando você chegou! Faz mais de
cinco minutos!

JOSE - Já subiu?

FEIRANTE - Claro que subiu! Tenho que progredir os preços tam-
bém.

JOSE - Então o que é que adianta aumentar o meu salário?

FEIRANTE - Sei lá eu! A culpa não é minha. Não tenho nada com is-
so!

JOSE - E quem é que tem a culpa?

FEIRANTE - Isso eu não sei.

JOSE - Mas tem que saber! Por que foi que você aumentou a laran-
ja?

FEIRANTE - Porque aumentou o frete!

JOSE - Então a culpa é de quem aumentou o frete!

HOMEM DO INEU (comeido) - Ai é que você está errado. A culpa não
é minha!

JOSE - Mas se foi você que aumentou o frete!

HOMEM DO FRETE - Eu aumentei o frete, porque aumentou o pneu!

JOSÉ - Ah, então a culpa é de quem aumentou o pneu!

HOMEM DO PNEU (comendo) - Aí é que você está errado. Eu não tenho culpa nenhuma.

JOSÉ - Não foi você que aumentou o pneu?

HOMEM - Não posso dizer que não.

JOSÉ - Então a culpa é toda sua!

HOMEM DO PNEU - A culpa não é minha não. Se eu aumentei o pneu é porque também aumentou a borracha!

JOSÉ - Agora nós descobrimos. O culpado de todos esses aumentos, é quem aumentou a borracha.

FEIRANTE - Claro que a culpa é d'êle?

JOSÉ - Quem foi que aumentou a borracha?

FEIRANTE - Foi o teu patrão.

JOSÉ - Então a culpa é do meu patrão.

PATRÃO - A culpa não é minha não.

JOSÉ - Mas, patrãozinho, tem que ser. Pois se eu acabei de saber que o senhor aumentou a borracha.

PATRÃO - O que é que eu podia fazer?

JOSÉ - Tava bom o preço que tava.

PATRÃO - E o teu aumento, quem é que dava?

JOSÉ - Então a culpa é minha?

PATRÃO - Não foi você que pediu aumento? A culpa é sua, é claro que tem que ser.

FEIRANTE - A culpa é toda sua que me pediu aumento primeiro! (sai o patrão).

FEIRANTE - É, José da Silva, você é que tem culpa (José começa a rir).

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0098, p. 19

JOSÉ - Não, a culpa não é minha, não. Eu pedi aumento porque a minha mulher mandou eu pedir.

FEIRANTE - Então a culpa é dela.

PODS - Eééééé...

JOSÉ - Também não é: ela mandou eu pedir, porque o nosso filhinho que nasceu ontem, estava chorando de fome (faz gesto mostrando o menino pequenininho).

FEIRANTE - Que maravilha: então a culpa é do seu filho!

JOSÉ - Que garoto safado!

FEIRANTE - Que coisa extraordinária!

JOSÉ - Mal acabou de nascer e já está desorganizando as finanças do país (joga fora o gesto do menino). Nessa terra está tudo errado por causa do meu filho! Quando chegar em casa, vou-lhe dar uma surra que ele não vai esquecer.

FEIRANTE (entusiasmado) - Quebra a cara do menino em nome do bem estar da nação!

JOSÉ - O govê no devia baixar um decreto proibindo criança chorar quando tiver fome. Agora eu vou embora almoçar em casa.

CONDUTOR DE BONDE - Vila Mazei! Quem vai pra Vila Mazei? (todos os figurantes fazem mímica de passageiros aglomerando-se atrás do motoneiro).

JOSÉ - Eu.

CONDUTOR - Pode subir! (estende a mão para receber a passagem).

JOSÉ - Não precisa dar a mão que eu subo sozinho.

CONDUTOR - Paga, engraçadinho.

JOSÉ - Pronto (paga).

CONDUTOR - E o resto?

CONDUZOR - Vamo s'incora, quem nam paga vai a pé, tlin, tlin (sai).

FERRANTE - Não reclama, velhinho: você pediu aumento, o motorneiro pediu aumento, o telé pediu aumento, a borracha pediu aumento, o vigário pediu aumento, todo, todo mundo pediu aumento, E quem é que vai pagar tanto aumento?

JOSE - Eu!

FERRANTE - Você pede aumento, e você paga! E de quem é a culpa?

JOSE - Do meu filho!

FERRANTE - O remédio é ir pra casa a pé.

JOSE - Tudo por causa do menino.

FERRANTE - Andar a pé é um exercício tão bom como nadar. Você faz muito bem: vai todo dia a pé pra Vila Mazzi. Acorda duas horas mais cedo e vem respirando o ar da madrugada! Vida e ra tem suas vantagens. Aumentando o preço da condução nós teremos um povo sadio, de faces rosadas, um ovo que faz ginástica pra poder viver! A lei do aumento é uma lei sábia! E o governo que aumenta, é um governo sábio!

JOSE - Só tem uma coisa: pra eu acordar duas horas mais cedo, tenho que acordar duas horas antes de ir dormir.

FERRANTE - De fato ainda não se pensou nesse detalhe.

JOSE - Mas já que eu não vou pra casa, fica me sobrando o dinheiro da passagem. Me dá uma laranja (sonoplastia: Barulho de carro freando violentamente). Que... Que foi isso? De que?

FERRANTE - Cadillac Sedan quatro portas conversível (entra Madame). Madame?

MADAME - Duas laranjas.

FERRANTE - Pra comer ou pra levar?

MADAME - Embrulha pra presente.

FERRANTE - Papel celofane e fio de ouro. As suas ordens, madame.

MADAME - Pode ficar com o trôco (sai. Ruído de partida).

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0098, p.21

FEIRANTE - Manuel de Oliveira, secos e molhados, carnes e verduras, barraca setenta e nove (curva-se e leva um pontapé de José).

JOSÉ - A minha não precisa papel celofane.

FEIRANTE - Acabou, vai fechar.

JOSÉ - Não tem mais?

FEIRANTE - Não guardo estoque. Quando elas chegam já estão quase podres, não posso ficar arriscando.

JOSÉ - Não sobrou nada?

FEIRANTE - Limão galego e uma melancia.

JOSÉ - Limão não gosto, me dá a melancia!

FEIRANTE - Cinquenta paus.

JOSÉ - Pode ser na prestação?

FEIRANTE - Depende do avaliista (luz no Patrão).

JOSÉ - Patrãozinho, desculpe estar incomodando a tôda hora, mas como vai o doutor? Em casa todos bem? E a família, e a madame patrão?

PATRÃO - Que é que você quer?

JOSÉ - Comprar uma melancia.

PATRÃO - Verdulírio: tanta gente passando fome e você comprando artigo de luxo.

JOSÉ - Também comprei capim pros meus filhos!

PATRÃO - Capim pros filhos, melancia pra ele.

JOSÉ - Quer ser o meu avaliista?

PATRÃO - Claro que não.

JOSÉ - Mas eu não tenho mais ninguém no mundo, a não ser o meu patrãozinho.

PAIRÃO - Eu não sou mais seu patrão: você está despedido.

JOSÉ - Mas que foi que eu fiz?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0098, p. 22

PAIRÃO - Pediu aumento.

JOSÉ - Foi o meu filho!

PAIRÃO - Como é que eu vou manter gente desocupada na minha fábrica? Aumentei a borracha e agora ninguém compra! Vou te pagar pra não fazer nada? Saboteador! É por sua causa que esse país não vai pra frente! (sai).

FEIRANTE - Como é, arranjou o avalista? Você paga noventa por cento de entrada e o resto numa suave prestação mensal no dia seguinte.

JOSÉ - Acho que vou morrer de fome!

FEIRANTE - Não caia nessa asneira.

JOSÉ - Não tem outra solução: eu não como!

FEIRANTE - Com essa porcaria de aumento que você pediu aumentou tudo, inclusive a madeira pra fazer o teu caixão! Sem falar em velas, sem falar em missa de sétimo dia!

JOSÉ - Olha, ir pro Inferno, nessa altura, já não me preocupa muito, não viu? Acho até que não tenho mais intestinos.

FEIRANTE - Só tem uma saída, velho: vai na Câmara dos Deputados.

JOSÉ (feliz outra vez) - Ééééé mesmo! Como é que eu não tinha pensado nisso? Eu vou te dizer a verdade: eu estava quase perdendo a fé nesse país, mas ainda bem que tem a Câmara dos Deputados! Imagina se não tivesse: eu estava perdido! Agora me voltou a fé!

FEIRANTE - É melhor não ter tanta fé assim!

JOSÉ - Não preciso mais morrer.

FEIRANTE - Chupa o teu limão galego, depois da sobremesa chupa o dedo, e vai tocando em frente! Morrer está caro demais. Toma o teu limão, paga amanhã.

JOSÉ (senta no chão, começa a tirar vidrinhos do bolso) - Um pouco de vinagre, um pouquinho de sal,imenta do reino... Quanto mais arder no estômago, mais eu tenho a impressão de que estou comendo uma feijoada carioca! Ah, uma feijoada agora ia bem!

FIM DA CENA DOIS

CENA TRES -

Estao em cena o Líder da maioria, e três deputados vestidos profissionalmente: lenço escondendo a boca, boné, capa escura, lanterna elétrica. José da Silva e Zéquinha Tapioca assistem à cena das galerias. A cena começa em trevas.

LÍDER (ainda no escuro) - Meus nobres colegas. Raramente vos tenho falado com tanta gravidade, e se assim vos falo, é porque a situação é grave (acendem-se as luzes). O que vem de acontecer, põe em perigo a própria indústria nacional!

JOSÉ - Que bonito! Eu não disse que era preciso ter fé?

DEPUTADO - O dólar subiu (grita enfático, depois emudece e volta a fazer tricô, tranquilo).

LÍDER - E uma nação sem indústria é... uma nação sem indústria, o que absolutamente não é a mesma coisa.

TODOS - Muito bem!

LÍDER - E não sendo a mesma coisa, o futuro da nação repousa em nós!

TODOS - Apoiado!

JOSÉ - O que será? Estao falando em indústria! Deve ser alguma coisa boa.

LÍDER - E repousando em nós, não podemos eludir esta tarefa histórica. Proponho, pois, nobres colegas, uma proposta! Deverá ser aceita sem ressalvas, correções, emendas ou magidos de descontentamento. Antes, porém, quero passar a palavra a quem quiser fazer uso da palavra.

JOSÉ (num ímpeto) - Eu queria dizer que eu tenho fé. Que sem Vossas Excelências, nós o povo, não seríamos nada!

DEPUTADO - Apoiado! (volta a ler Gibi Mensal).

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0098, p. 24

LÍDER - A galeria não se manifesta!

JOSÉ - Deus vos abençoe!

ZÉQUINHA - Cala a boca, Zé da Silva, eles estão trabalhando.

JOSÉ (para Zéquinha) - Não sei do que se trata, mas tenho pressen-
timento de que eles vão arranjar uma solução pra gente.

DEPUTADO (tomando a palavra) - O que eu queria dizer, nobres cole-
gas, é o seguinte: (veemente, patético). Eu estou a-bi-se-lu-ta-
men-te de acôrdo.

DEPUTADOS - Brave! Apoiado!

DEPUTADO - O dólar subiu! (como sempre, grita e desmaia. Os de-
mais deputados se confraternizam).

LÍDER - Obrigado, obrigado, as massas estão comigo... (ritualísti-
co). Ora, pois, considerando tratar-se de artigo de primeira ne-
cessidade; considerando que é necessário usá-lo, pois, do contrá-
rio o homem perderia tôda a sua dignidade humana, resolvo: primei-
ro: é artigo de primeira necessidade; segundo: é necessário usá-
lo; terceiro: eu me dou bem com qualquer marca!

DEPUTADO - Devemos prestigiar a indústria nacional!

JOSÉ - Muito bem!

ZÉQUINHA (aborrecido) - Você sabe o que eles estão tratando?

JOSÉ - Prestigiar a indústria nacional, pra mim, é me dar de co-
mer!

LÍDER - Porém, como somos a vanguarda do povo, e portanto nao so-
mos o próprio povo...

DEPUTADO - O senhor é contra a indústria nacional?

LÍDER - Mesmo que fôsse não dizia, que eu não sou bêsta (sai do
tom coloquial, e volta ao ritual). Não sendo o povo, dizia eu, pre-
cizamos ter alguma coisa que nos separe do cujo. Proponho, pois,
que recomendemos à nação o uso de uma marca ligeiramente inferi-
or, de procedência nacional, resolvendo assim o nosso problema re

lativo à importância de divisas, e não, que somos a vanguarda, e
deremos continuar usando papel higiênico Helena Rubinstein, cor
de rosa!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0098, p. 25

TODOS - Salvamos a indústria nacional! Salvamos as divisas! Mui-
to bem.

LÍDER - E para o povo nada?

TODOS - Tico-tico! Tico-tico! Tico-tico! Tico-tico! (em tom de
hip hurra).

ZÉQUINHA - Viu?

JOSÉ (triste) - Pra mim não interessa muito, eu uso jornal...

LÍDER - Já que chegamos a esta conclusão tão sábia, farei meu se-
cretário redigir um discurso de improviso no qual ficará provado
que o meu partido salvou a indústria nacional de uma debacle to-
tal, com vistas às próximas eleições (abraçam-se em círculo e ca-
da um bate a carteira do nobre à direita).

DEPUTADO (sotaque evidente nordestino) - Excelência! Eu gostaria
de trazer para o lenório um fato muito desagradável! O meu tio,
que é Pau-Ararense, me escreveu contando que o filhinho dêle es-
tava no quintal brincando de esconde-esconde, quando de repente
estourou uma bomba atômica no ar! Ora, isso não se faz.

LÍDER - Infelizmente essa matéria não está na pauta! (continua
contando o produto da carteira alheia).

DEPUTADO NORDESTINO - Mas, Excelência, a radioatividade é extrema-
mente nociva ao desenvolvimento glandular da infância!

LÍDER - Que é que eu posso fazer? Não está na pauta!

DEPUTADO - Imagina se a bomba cai um pouquinho mais pra baixo e
explode no ouvido do menino? Pedia levar um susto e ficar gago
pro resto da vida!

DEPUTADO - Que... que... que horror...

DEPUTADO - Jogar bomba não é política de boa vizinhança.

DEPUTADO NORDESTINO - Amigos, amigos, bombas atômicas à parte! Vão
jogar bombinhas lá pras neguinhas dêles.

DEPUTADO - Mas terá sido de propósito?

LÍDER - Me contaram que foi sem querer. Até já mandaram pedir desculpas e avisaram que sem só mais duas bombinhas que vão testar no mesmo lugar, sem querer!

DEPUTADO - Ah, agora está explicado; foi sem querer.

DEPUTADO - Ainda assim é bom mandar o menino brincar dentro de casa.

DEPUTADO NORTISTA - " nós não vamos tomar nenhuma providência?

LÍDER (enfocado) - Nós não precisamos de providências! Precisamos é ser mais civilizados, mais elegantes, mais britânicos, e não ficar reclamando por qualquer coisa. Vamos confiar nos nossos amigos. Não vos esqueçais de que o mundo atravessa uma grande crise! Avante, companheiros. Avante para a outra sala! O Líder da maioria vai receber o povo no seu regaço acolhedor! (levantam-se os Deputados e saem. Entra o Secretário).

JOSE - Oba, agora é a nossa vez! Eu vou pedir goiabada, e você?

ZÉQUINHA - Será que eles me dão dinheiro pra fazer uma revoluçãozinha? (entra o povo).

SECRETÁRIO - Excelência! Três beneméritos do povo vieram visitá-lo.

LÍDER - Manda entrar e limpar o pé no tapete.

SECRETÁRIO - Limpa o pé no tapete (entram os três beneméritos).

LÍDER - Nome e assunto de cada um.

SECRETÁRIO - Nomes: Fulano de Tal, Sicrano de Tal e Beltrano - de Tal. Assunto, pra variar: dinheiro.

LÍDER (assustado) - Diz que eu não estou (vai fugir mas é seguro pelos presentes).

BENEMÉRITO DO ESFORÇE - Mas já que nós estamos, eu gostaria de fazer um pedido.

LÍDER (sent não-se contrafeito) - Vou logo visando que não dá pé o Estado está num estado lastimável! Os cofres públicos foram de predados. Nem mesmo eu consigo arrancar mais dinheiro desse país. Estou quase abandonando a política (tôda vez que se fala em dinheiro êle tenta fugir e é detido).

BENEMÉRITO DO ESPORTE (em crescendo, demagógico) - Porém o dinheiro que peço é dinheiro sagrado e consagrado!

LÍDER - Vê, desembucha.

BENEMÉRITO DO ESPORTE - Vossa Excelência não ignora que o povo necessita do esporte, porque o esporte é vida e saúde.

JOSÉ - Isso mesmo, Benemérito: é melhor jogar futebol do que andar a pé por falta de condução!

LÍDER - Se der mais um palpite, mando evacuar as galerias!

BENEMÉRITO - Precisamos pois construir raças de esportes para alegrar os domingos do homem do povo! O povo gosta de futebol, e futebol é o esporte das multidões. As multidões fazem comícios. Os comícios fazem votos e os votos fazem um presidente! Se vós derdes dinheiro ao povo, o povo vos retribuirá com a sua gratidão, e a sua gratidão se traduzirá nas urnas e as urnas vos elegerão!

LÍDER - Agora entendi. Quanto é?

BENEMÉRITO (sorridente) - Cinco mil contos, por baixo.

LÍDER - Paga êle aí. Mas quero ver como mando jogar bola na rua. Vamos acabar com o trânsito: é só futebol. Põe trave em tudo quanto é esquina. E não esquecer o galangue, para que eu possa me dirigir às casas trabalhadoras, e convertê-las ao meu credo! Assina o recibo.

BENEMÉRITO (preocupado com a contagem da quantia estipulada) - Excelência, aqui têm só quinhentos contos.

LÍDER - Então? Está certo.

BENEMÉRITO - Quinhentos contos é a minha comissão. E o resto que está faltando?

LÍDER - Orresto é a minha, ou você pensa que eu sou relógio, pra trabalhar de graça (indignado). O povo se diverte jogando bola e eu, que não sei jogar, me divirto pelo meu credo. Assina logo e dá o fora.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0098, p. 28

BENEMÉRITO DO ESPORTE (resmungando).

LÍDER - Quem é o próximo?

BENEMÉRITO DAS DIVERSÕES - O próximo é o Carnaval!

LÍDER - Vai logo cantando o teu samba.

BENEMÉRITO DAS DIVERSÕES - Vossa Excelência anda tão preocupado com os afazeres públicos, como aliás acaba de demonstrá-lo brilhantemente, tão devotado à causa do povo, ue, estou certo, não se apercebeu ainda da proximidade sorradeira de uma das grandes datas magnas da nossa civilidade: o dia das eleições.

LÍDER - Tô nessa boca!

BENEMÉRITO DAS DIVERSÕES - E como as eleições não tardam, precisamos desde já preparar os nossos préstimos carnavalescos, os nossos carros alegóricos. Para tanto, eu, o Benemérito das Diversões do Povo, preciso dinheiro. Quero antes informar-vos que o povo gosta de carnaval. O carnaval é o próprio povo, o povo são os homens, os homens se dividem em homens propriamente ditos, mulheres e crianças, os maiores de dezoito anos são eleitores, os eleitores votam, e os votos consagram o vosso nome!

LÍDER - Fala em cifrao!

BENEMÉRITO - Fica por cinco milhão...

LÍDER - Tá bom (vai assinar. O Benemérito faz um gesto detendo a sua mão).

BENEMÉRITO - Cinco milhões, MAIS ... a vossa digna comissão.

LÍDER (coçando a cabeça) - Então precisa passar pelo Tribunal de Contas pra ver se eles aceitam essa fórmula. Enquanto isso vai assinando (Benemérito assina). Quero ver todo mundo jogando futebol e cantando "Tristeza não tem fim, felicidade sim..." (canta)

BENEMÉRITO DO ESPORTE - O senhor me chamou?

LÍDER - Quem? Eu?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0098, p. 29

BENEMÉRITO DO ESPÍRITO - Falou em tristeza. Somos todos pobres e sofredores e pecadores. Esta vida é um vale de lágrimas. O povo precisa sofrer. Através do sofrimento, através da dor, ganharemos o reino dos céus. E para a penitência nada melhor do que uma catedral de ouro, e ouro é o símbolo da virtude, a virtude é necessária ao povo, e, para poupar a vossa atenção, salto do povo ao púlpito, do púlpito às massas. Como vêdes todos os caminhos conduzem às urnas.

LÍDER (piedade) - Eu também tenho sofrido muito, sabe? Pensa que é bom estar no meu lugar? É muito triste ter dinheiro. Tenho que obedecer àquela sábia lei que diz: "Dai a César o que é de César, e dai a mim o que é meu". Por isso, não posso isentar a vossa subvenção da minha taxa, contudo rogai por nós, pecadores, agora e na hora das eleições.

SECRETÁRIO - Amém (Benemérito do Espírito assina).

LÍDER - Muito obrigado, santo homem, e fazei o povo sofrer para que tão mais cedo chegue aos céus e de lá ore por mim, que permaneço nesta carne imunda e triste e... pecadora.

JOSÉ - Agora que não tem mais ninguém, vamos nós!

LÍDER - Agora que não tem mais ninguém, fecha o expediente.

JOSÉ - Tem o próximo.

LÍDER - Quem é o próximo?

JOSÉ - José da Silva, desempregado pede emprego.

LÍDER - Que é isso, meu filho? Por que você está dobrado assim?

JOSÉ - Dor de barriga.

LÍDER - Vai lá dentro, filho. Última porta à esquerda.

JOSÉ - Fazer o que? Eu não como há quinze dias.

LÍDER - Não come por que? Ora essa!

JOSÉ - Pede aumento de salário.

LÍDER - Mas eu dei!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0098, p. 30

JOSÉ - Pois é: deu! E o patrão me despediu!

LÍDER - Está vendo? Bem que eu era contra essa mania de aumentar salário mínimo todo fim de semana!

JOSÉ - Vim aqui porque o senhor disse que a política é o povo.

LÍDER - Linguagem cabalística: cada um interpreta pelo seu credo.

JOSÉ - E como eu não posso trabalhar nem morrer, porque entêrro está caro, vim pedir emprêgo.

LÍDER - Você vota?

JOSÉ - Se aguentar até lá.

LÍDER - Então não me fale em morte antes das eleições. Depois, já não faz tanto mal à pátria.

JOSÉ - Mas eu preciso de emprêgo agora.

LÍDER - Que impertinência, menino, as eleições ainda demoram. Volta depois. Não me viu dando dinheiro pra todos aqueles benemériticos? Você não estava lá dizendo "muito bem, muito bem?" Então? Que é que você quer agora?

JOSÉ - Excelência, eu não posso jogar futebol de barriga fazia, não posso cantar tristeza não tem fim morrendo de fome, e mesmo pra sofrer é bom estar bem alimentado.

LÍDER - Os Benemétites já levaram tudo. Espera. (nesse meio tempo já entraram outros esfarrapados).

ESFARRAPADOS - Excelência. Estou com fome. Eu quero comer. Eu quero enterrar a minha mulher e não tenho dinheiro. Eu fui despedido. Eu não tenho emprêgo. Meu pai está de cama!

(José da Silva, Zéquina fapioca e os três Esfarrapados cantam a "Canção do povo que espera dias melhores").

LÍDER E

BENEMÉRITOS - Tenham paciência
esperem mais um pouco
porque dias melhores virão

apertem mais o cinto
remendem um pouco as calças
porque dias melhores virão.

rezem uma oração
assistam o futebol
cantem uma canção
porque dias melhores virão

esqueça de comer
de rir e de vestir
porque dias melhores virão

pense o que vai ser
e dia que há de vir
porque dias melhores virão

LÍDER - E então, quando o dia chegar
jogaremos flôres sobre o riso tão feliz
dêste povo tão valente e confiante
que constrói nosso grande país.

LÍDER E BENEMÉRITOS - Mas tenham paciência
esperem mais um pouco
porque dias melhores virão
porque dias melhores virão (fogem)

POVO - Esperar é uma palavra
que diz tudo ao mesmo tempo
sem dizer certo o que diz
quem espera sempre alcança
quem espera desespera
quem espera sem re alcança
é bom esperar sentado
porque assim não cansa...
É bom esperar sentado
porque assim não cansa...
porque assim...
não cansa...

ESFARRAADO - Tá tudo errado.

ESFARRAADO - A gente precisava é de uma revolução.

ZÉ ZUINHA (deslumbrado) - Meus irmãos! Até que enfim vos encontrei.

ESFARRAADO - Por que? Você também acha?

ZÉ ZUINHA (excitadíssimo) - Já está tudo pronto. Tenho todos os pla-
nos aqui comigo. Pra fazer revolução não é preciso muita gente não
porque o povo adere logo. Pra ser revolucionário basta ter passado
fome, e eu passei fome. Eu não passei fome, José da Silva?

JOSÉ - Nós dois.

ZÉ ZUINHA - Nós dois. Irmãos...

JOSE - Ele nem sabia o que era sobremesa. Lembra?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0098, p. 32

ZÉQUINHA - Eu nem sabia o que era sobremesa.

ESFARRAPADO - O que é sobremesa?

JOSE - Se você tiver aí, eu explico como é que come.

ESFARRAPADO - O povo não sabe o que é sobremesa.

ZÉQUINHA - Portanto vamos fazer a revolução.

ESFARRAPADO - Topado.

ZÉQUINHA - E pra revolução nada?

TODOS - Tudo.

ZÉQUINHA - Então como é, como é, que?

TODOS - É...

ZÉQUINHA - Psiuuuu, Cuidado com a polícia (fala em sussuro). Nós não podemos ser apunhados... (todos fazem psiuuuu e olham em tôno, vigilantes). Agora só tem uma coisa: o chefe sou eu.

ESFARRAPADO - Topado: e o responsável é você.

ZÉQUINHA (corrigindo) - Responsáveis somos nós todos, mas o chefe sou eu. Quem mais vocês conhecem?

ESFARRAPADO - Vamos fazer uma reunião que eu trago todo mundo. O filho do meu patrão é estudante e conhece uma porção de gente.

ZÉQUINHA - Vamos na casa dele?

ESFARRAPADO - Não, na boite.

ZÉQUINHA - Que boite?

ESFARRAPADO - É onde ele se distrai com os amigos.

ZÉQUINHA - Mas nós vamos fazer uma revolução na boite?

ESFARRAPADO - Lá é melhor porque a polícia não desconfia.

JOSÉ - Olha, se revolução da cadeia, é melhor eu ir pra casa.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0098, p. 33

ZÉQUINHA - Meus amigos: chegou a nossa hora. Vamos fazer a revolução. Vamos nos unir a todos os interessados, sem distinção de classe, ou credo, ou côr. E para começar, procuremos a juventude, essa nossa juventude distraída, porque no futuro dos nossos filhos repousa o futuro da pátria. Os jovens de hoje são os homens de amanhã. Procuremos os nossos jovens.

FLA DA CENA TRES

CENA QUATRO -

Entra um ié-ié-ié tocando fortíssimo, ainda no escuro. Luzes: boi-te íntima, duas ou três mesas, poucas cadeiras. Iluminação azul com pinceladas vermelhas, nítidas. Playboys e playgirls em cena, dançando freneticamente. Marcações grotescas, super-kazanianas. Alguns gritam coisas sem nexo, desarticuladamente, tentando imitar Roberto Carlos. A dança dura apenas o tempo de introdução da cena. Sobre um pequeno praticável, diante do microfone, o ANIMADOR acompanha o ritmo. A música cai em BG, os casais sentam-se nas cadeiras, nas mesas e no chão.

PARADO - Quando acaba essa música eu sinto um vazio.

PARADO - É a chuva. Quando não chove é que eu sinto que o mundo está perdido.

PARADO - Hei, pessoal, eu tive uma idéia. Vamos fazer um bacanal?

PARADO - Parou a chuva (Algazarra. Sai todo mundo correndo, empurrando José e os Esfarrapados. Ficam apenas os revolucionários, filhos do Patrão. Uma prostituta ainda está sentada e outra vem voltando com um homem que se despede).

PROSTITUTA - E apareça, viu?

PROSTITUTA - Esse não vem mais. Também, você cobrou a tabela nova...

PROSTITUTA - O que é que você queria? Com mais esse aumento de salário, niniê...

PROSTITUTA - O jeito é arranjar uma boa colocação. Se bem que trabalho a biscate rende muito mais...

PROSTITUTA - É... mas coronel tá difícil hoje em dia...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0098, p. 34

PROSTITUTA - Minha avó, que foi quem me iniciou nos segredos da profissão, costumava dizer que nos tempos da monarquia...

PROSTITUTA - Eu por mim, sempre fui monarquista... (senta, nostálgica dos velhos tempos).

ESFARRAPADO - É aquêle.

REVOLUCIONÁRIO - Vão entrando.

REVOLUCIONÁRIO - Está todo mundo aqui?

REVOLUCIONÁRIO - Quem é que você disse que é o chefe?

ESFARRAPADO - Ainda não veio.

JOSÉ - Elas também são revolucionárias?

REVOLUCIONÁRIOS - Vão ajudar. Com elas aqui a polícia não descortia de nada. Hei, minha filha, chega prá cá.

PROSTITUTA - Que parangolé de abóbora é êsse?

REVOLUCIONÁRIO - Sucede que nós somos revolucionários.

PROSTITUTA - Eu não gosto de banhos quentes: se quiser fazer negócio vamos logo regatear. Se não quer não me ocupa.

PROSTITUTA - Olha que é tabela nova.

ESFARRAPADO - Silêncio, que o Chefe vem aí (entra Zêquinha Tapioca. Comprou um terno novo em prestações, penteou o cabelo, fêz a barba, engraxou os sapatos, e pôs até gravata. Tem voz de professor, sacerdote e diretor do centro de pesquisas atômicas).

ZÊQUINHA - Meus amigos. Estamos aqui reunidos para deliberar o futuro desta nação vili enxada e depauperada pelos consórcios nacionais e estrangeiros que paulatinamente estrangulam a sua economia ainda incipiente. Preclaros confrades...

JOSÉ (apalermado) - Zêquinha, como você audou...

REVOLUCIONÁRIO - Isso não serve pra chefe da revolução...

REVOLUCIONÁRIO - Você não contou que ele era assim.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0098, p. 35

PROSTITUTA - Ele não era assim...

ZÉQUINHA - Não sirvo? Por que? (atônito).

PROSTITUTA - Eu só queria saber que pito eu toco nisso tudo.

REVOLUCIONÁRIO - Pra ser chefe, você tem que dá um jeito no cabelo.

ZÉQUINHA - Eu dou (descabelando-se imediatamente).

REVOLUCIONÁRIO - Precisa trocar de roupa.

ZÉQUINHA (afrito) - Eu troco (tira o paletó. Por dentro tem uma camisa esfarrapada que dá o tom de homem do povo. Faz o mesmo com as calças e com os sapatos).

REVOLUCIONÁRIO - Agora fala um pouquinho pra eu ouvir.

ZÉQUINHA (exaltado, violento) - Durante tôda a sua história a nossa pátria foi roubada, espoliada, conspurcada pelos nossos inimigos na guerra e amigos da paz. Chegou a hora de dizer "basta!" Já fizemos 35 revoluções, 87 golpes de estado sem sangue... (fala rápida e enérgicamente).

JOSÉ - Conclusão: o hábito faz o monge.

REVOLUCIONÁRIO - Agora sim.

REVOLUCIONÁRIO - Agora pode contar qual é o seu plano.

ZÉQUINHA (animado) - O plano é o seguinte. O nosso povo passa fome.

JOSÉ (um momento de admiração e aplauso) - Bravo. Apoiado.

ZÉQUINHA - O país está cada vez mais pobre, os pobres estão cada vez mais pobres...

PROSTITUTA - Nós estamos cada vez mais pobres...

ZÉQUINHA - Todo mundo é pobre, pobre, pobre de matrê, marrê de sim. E tôdas as revoluções falharam. Falharam por que? Por que?

PROSTITUTA - Sei lá eu.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0098, p.36

ZÉQUINHA - Muito simples: por que sim. Porque foram todas revoluções corruptas. Revoluções sem idéia. Mas a nossa, ah! a nossa revolução, essa sim, tem uma idéia, se chama: honestidade.

REVOLUCIONÁRIO - O que é isso?

ZÉQUINHA - A economia do país é devorada por migos e inimigos, a nação está à beira da falência, e qual é a solução? A Revolução da Honestidade.

JOSÉ - Mas, o que é que vai mudar?

ZÉQUINHA - Não vai mudar nada, vai ficar tudo como está.

JOSÉ - E qual a diferença.

ZÉQUINHA - Que diferença?

JOSÉ - Se a gente vai fazer uma revolução é pra mudar alguma coisa.

ZÉQUINHA - Ah, claro. Vai mudar. Vai todo mundo ser honesto.

JOSÉ - E eu não vou mais passar fome?

ZÉQUINHA - Sei lá... Mas se passar fome, você será um faminto honesto.

PROSTITUTA - E eu não vou precisar mais de...

ZÉQUINHA - A senhora será uma prostituta honesta.

JOSÉ - Quem sabe se a gente arranjasse uma maneira de me dar de comer?

REVOLUCIONÁRIO - Você parece que não entende as coisas? Então não sabe o que significa uma reforma moral?

JOSÉ - Desculpe. Eu estou com fome. Eu faço qualquer revolução que vocês quizerem, mas de barriga cheia.

ZÉQUINHA (para os Revolucionários) - Não reparem, ele já está embrateado. Tem essa idéia fixa: comer, comer, comer.

REVOLUCIONÁRIO - Agora só falta marcar a data histórica para a
nossa revolução.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 00 98, p. 37

JOSÉ (quase para si mesmo) - Foi mundo honesto: o operário, o
banqueiro, o dono do cartório, o juiz, o advogado...

ZÉQUINHA - Até a data já está marcada. Amanhã ao meio-dia.

REVOLUCIONÁRIO - Amanhã?

ZÉQUINHA - Ao meio-dia em ponto. Vamos atacar o palácio do govêr-
no. Matar os vendilhões da pátria. Vamos fuzilar, enforcar.

REVOLUCIONÁRIO - Amanhã eu não posso.

ZÉQUINHA (quebrado tom) - Não pode?

REVOLUCIONÁRIO - Meu pai embarca pra Paris, tenho que levar ele
na estação.

ZÉQUINHA - Que horas é o embarque?

REVOLUCIONÁRIO - À tarde.

ZÉQUINHA - Então não pode, que pena. É amanhã à noite? No escuro é
melhor. Às oito.

OUTRO REV. - Ih, velho, oito não dá.

ZÉQUINHA - Por que?

OUTRO REV. - Marquei um encontro com o meu broto junto pra essa
hora.

ZÉQUINHA - Desmarca.

OUTRO REV. - De jeito nenhum. Eu estava controlando essa menina, e
ontem ela aderiu. Não posso dar mancada logo no primeiro dia.

ZÉQUINHA - Quem sabe ela pode entrar pra revolução?

OUTRO REV. - Ela é de família, né?

ZÉQUINHA - Bem, se não puder amanhã à tarde, nem amanhã à noite, então o melhor é não fazer logo essa revolução.

REVOLUCIONÁRIO - Isso é que não. Agora que eu já comprei até as bandeiras, não vamos fazer mais revolução?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0098, p. 38

ZÉQUINHA - Que bandeira você comprou?

REVOLUCIONÁRIO - A revolução precisa de uma bandeira.

ZÉQUINHA - Como é que é? É bonita, é?

REVOLUCIONÁRIO - Foi minha mãe que bordou. Quer ver? tem um fran-zido lindo.

ZÉQUINHA - Quero sim.

REVOLUCIONÁRIO (para José) - Vai lá dentro buscar.

JOSÉ - Eu vou comer essa bandeira, heim? (sai).

REVOLUCIONÁRIO - Vamos marcar logo a data.

OURO REV. - De madrugada é melhor: eu estou muito mais deserto.

ZÉQUINHA - De madrugada minha mulher não me deixa sair de casa.

REVOLUCIONÁRIO - Terça-feira?

ZÉQUINHA - Todo mundo pode?

REVOLUCIONÁRIO - Posso.

ZÉQUINHA - Então está combinado. Quando o governador sair do palácio, gente joga uma bomba no carro dele e todo mundo sai de perto.

REVOLUCIONÁRIO - Vai matar também o chofer? (condeído).

ZÉQUINHA (alucinado) - Vamos matar todo mundo. Nós somos honestos. Vamos fazer a revolução da honestidade. Triturar, trucidar... (as duas prostitutas já tinham saído devidamente acompanhadas por seus cavaleiros. Uma delas voltou fobada).

PROSTITUTA - Ih, gente, a conversa está muito animada, mas vamos picar a mala que a polícia vem aí (gritaria: Ah, meu Deus. Ah,

minha Nossa Senhora. Socorro. Pega ladrão. O resto "Ad Libitum".
Sem te os. Entram dois guardas, um dêles puxando uma prostituta pelo braço).

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0098, p. 39

GUARDA (voz nortista) - Mas minha filha, você não sabe que não pode andar fazendo essas coisas?

PROSTITUTA - Ah, seu guarda, larga mão, todo mundo faz.

GUARDA - Mas num pode cobrar. Se não eu vou ser forçado a prendê-la pra restituí-la de bon caminho (entra José da Silva, Alegre, sorridente).

JOSÉ - Sabe que essa bandeira da revolução é muito mais bonita do que o estandarte do meu bloco? (não entende a ausência dos campanheiros). Hei, Onde é que está o resto do pessoal?

GUARDA - Que pessoal?

JOSÉ - Eles foram tudo embora? (o guarda está parado observando, imóvel com a prostituta pendurada pelo pescoço).

GUARDA - E você onde é que vai?

JOSÉ - Vou pra casa que já é tarde (entregando-lhe a bandeira). Se um sujeito chamado Zéquinha Tapioca perguntar assim: (imitando, infantil). "Onde é que está aquela bandeira da revolução", o senhor diz que está aqui e entrega, tá bom?

GUARDA - Vamo s'imbora que o patro está esperando... (agarra José).

FIM DA CENA QUATRO

CENA CINCO -

Delegacia, mesa com telefone. Policial sentado, tomando notas. Vários papéis amarrados, no chão, perto dêle.

POLICIAL (escrevendo) - Pois não, minha senhora. Já tomei nota de tudo (conferindo). Roube, vinte contos, Bento Freitas, 37. A Rádio-patrolha já vai. Té logo, passar bem (desliga, amarra o papel e joga no chão perto dos outros. Toca o telefone). Delegacia. Mataram o seu marido? Não me diga. Mas se êle morreu, com quem a senhora vai o cinema hoje à noite? Endereço? Vou tomar

providências pessoalmente, pode ficar dessa maneira. Tá logo, queri da (guarda o papel cuidadosamente no bolso. Telefone). Alô, Delegacia (tomando notas). Cheque sem fundos. Nome e endereço. Passar bem (amarreta o papel, joga no chão, vai desligar quando ouve qualquer coisa. Muda completamente de atitude). Senhor Deputado? Pois não, Excelência. Vou movimentar até o FBI e a Gestapo, Excelência (de gatinhas procura o papel no chão. Sirenas lá fora). A polícia já está na rua. Chegaram aí? Prenderam o homem? Obrigada, Excelência, de fato são seres muito eficientes. Feliz Natal (entra o Delegado acompanhando o milionário).

DELEGADO - Esta é a sala dos interrogatórios. A mais moderna do mundo. Isto é o Detector de Mentiras. Uma maravilha.

MILIONÁRIO - Extraordinário.

DELEGADO - Dizem que a nossa terra é o país do futuro. Mas não que se refere aos métodos policiais, garante que já somos o país do presente. Imagine que já temos até métodos indoleres. Por exemplo, este Detector...

MILIONÁRIO - Isso não dá?

DELEGADO - Absolutamente.

MILIONÁRIO - E o facinora confessou assim mesmo?

DELEGADO - Claro que confessou: é a verdade eletrônica. Vou fazer uma pequena demonstração (ruídos fora). O que é isso? (entra José e o Guarda).

JOSÉ - Oba, eu fui preso. Vou pra cadeia. Até que enfim.

GUARDA - Seu delegado. Isso aqui é um revolucionário.

DELEGADO - Ótimo! Põe ele sentado aqui (para o Milionário). Agora o senhor vai ver que maravilha, que perfeição, que técnica moderna.

JOSÉ - Oba, óba, vou ficar em casa (coloca o Detector na cabeça de José. As lâmpadas pendem como duas orelhas, uma verde e outra vermelha).

DELEGADO - Faça a pergunta e o condenado responde sim ou não. Se for verdade acende a luz verde. Mentira, a vermelha.

MILIONÁRIO - Ah, o que é a Ciência...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0098, p. 41

DELEGADO - O Detector veio substituir o Pau-de-Arara, que era um método anti-psicológico, e é hoje uma raridade de museu.

JOSE - Isso está com jeito de cadeira elétrica.

DELEGADO - Eu faço uma pergunta e você responde sim ou não (o guar da acerta os fios na cabeça de José, que aliás, se sente muito pouco à vontade). Você alguma vez roubou o Banco do Brasil?

JOSE (pensativo - Não... (luz verde, pisca-pisca).

DELEGADO (vitorioso, como que fazendo uma explanação) - Agora temos a certeza eletrônica de que ele não roubou o Banco do Brasil.

MILIONÁRIO - Mas é a Oitava Maravilha do Mundo Antigo...

DELEGADO - Você matou o Gandhi?

JOSE (muito sincero) - Nunca vi mais gordo... (luz verde).

MILIONÁRIO - O Senhor vai me desculpar, mas da próxima vez que a minha mulher aisser que esteve na costureira, vou trazer ela aqui pra tirar isso a limpo.

DELEGADO - É uma bela idéia. Foi você que crucificou Jesus Cristo?

JOSE - Não (luz vermelha).

MILIONÁRIO - Extraordinário.

DELEGADO - Fantástico.

GUARDA - Acendeu a vermelha.

MILIONÁRIO - Então foi ele (José esconde a lâmpada).

DELEGADO - Ven cá, seu safado. Foi você que crucificou Jesus Cristo.

JOSE - Eu nem conhecia ele, juro.

GUARDA - Fala a verdade. A eletrônica não mente.

JOSÉ - Não fui eu.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0098, p. 42

DELEGADO - Tira a prova dos nove (Guarda leva José para o interior da sala, sob protestos de mesmo. Muito envergonhado). Parece que desta vez a eletrônica falhou. Não creio que tenha sido êle o desalmado que matou Jesus (vão saindo). Hoje em dia já não se cometem mais essas atrocidades (José da Silva, lá dentro, dá um urro de dor).

MILIONÁRIO (ponderado) - Certamente foi um episódio negro na história do Homem. Eles não deviam ter feito isso... (saem. Entra o Guarda seguido de José).

GUARDA - Eu sabia que não tinha sido você.

JOSÉ - Mas eu não sabia que ainda existia pau-de-arara. Agora diz logo qual é o número da minha cela.

GUARDA - Por que essa vontade de ser prêso?

JOSÉ - Porque estou com fôôôme, não me aguento mais de pé, e o único lugar onde ainda tenho esperanças de comer de graça é na cadeia.

GUARDA - Dá uma cela pra êle aí (Policial procura a chave),

JOSÉ - Já falei com a minha mulher e com os meus filhos. Eles vão matar, roubar, assaltar, fazer o diabo pra vir a família inteira se reunir aqui na cadeia.

POLICIAL - Cela 16.

GUARDA - Não pode.

POLICIAL - Já está cheia?

GUARDA - Tem umas quarenta e nove pessoas lá.

POLICIAL - Dezessete?

GUARDA - Superlotada.

JOSÉ - Não tem importância: eu fico prêso aqui no corredor mesmo. Prometo que não fujo.

COZINHEIRO (cantando) - Seu Delegado. Assim o orçamento acabou es-
tourando. Tá toda a população vindo comer na cadeia. Se vocês
prenderem mais alguém a Penitenciária vai à falência.

POLICIAL (para José) - Você está em liberdade por falta de pro-
vas.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0098, p 4

JOSÉ (desesperado) - Mas eu sou perigoso.

GUARDA - Você é um homem livre.

JOSÉ - Eu sou um temível facínora. Grrr... (faz careta).

POLICIAL - Pode dar o fora que na cadeia não tem lugar. Você está
livre.

JOSÉ - Me prende pelo menos até amanhã. Eu matei o Ghandi. A ele-
trônica estava certa: eu crucifiquei Jesus Cristo.

POLICIAL - Que diabo de homem que não quer a liberdade.

GUARDA - Você é um homem livre (joga-no para fora pelo fundilho
das calças).

JOSÉ (canta a "Canção da Liberdade").

ZÉ DA SILVA - Passo a vida trabalhando
Dando duro no batente
A comer de vez em quando
Isso é vida minha gente?
Se ser livre é passar fome
Nao basta ser livre nao

CORO - Zé da Silva é um homem livre
O que, o que, o que...
Zé da Silva é um homem livre
O que ele vai fazer?

ZÉ DA SILVA - Pro patrão pedi aumento
Só levei um pontapé
Sem dinheiro e sem vintém
E agora seu José?
Se ser livre e passar fome
Nao basta ser livre nao.

CORO - Zé da Silva é um homem livre
O que, o que, o que...
Zé da Silva é um homem livre
O que ele vai fazer?

ZÉ DA SILVA - No zadrês não me quiseram
Passe fome lá prá fora
Se estou livre, estou faminto
Com a barriga dando hora
Sem comida a liberdade,
É mentira, não é verdade.

2ª parte

CÓRO - Zé da Silva é um homem livre
O que, o que, o que...
Zé da Silva é um homem livre
O que ele vai fazer?

ZÉ DA SILVA - O que?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0098, p. 44

CÓRO - é livre, é livre, é livre, é livre,
é livre.

ZÉ DA SILVA - Tô, que eu sou livre!

FIM DA CENA CINCO E DO PRIMEIRO ATO

SEGUNDO ATO

CENA SEIS -

Sede do Partido da Maioria. Estão em cena os chefes dos diferentes partidos, designados como "magro" e "Baixinho". Além deles, o Jornalista e o Líder que toma posição na tribuna: circunspeto, sério, ponderado, enérgico. Discrepância entre a sua maneira de falar e o conteúdo. Também presente o anjo da guarda sentado no seu trono.

LÍDER (depois de agradecer uma ligeira salva de palma, curvando-se) - Conterrâneos. O homem é um homem, e o gato é um bicho. Isto significa que hoje vamos fazer política (fazendo uma revelação). Nós somos políticos. Porém... o que é a política? Política não significa trabalho, porque quem trabalha é o trabalhador, e o trabalhador se divide em operário e camponês, sendo considerados votantes apenas os maiores de 18 anos. Política não é futebol, porque futebol é um esporte, e nós aqui estamos por profissão. Portanto, o trabalhador trabalha, o jogador faz goal, o padre reza, o condutor tlin-tlin, a mulher tem filho, o filho cresce e se transforma num belo eleitor. E os políticos... politicam. Porém, para o bom desempenho das suas funções, é necessário conhecer os princípios fundamentais da politicagem, que são e em número de três, a saber: primeiro: vencer as eleições; segundo: não decepcionar os amigos; terceiro: iludir o povo (discursa com base interior, seríssimo). Para vencer as eleições é preciso união, porque união faz a força. Para não decepcionar os amigos,

existem as autarquias. Para iludir o povo, é preciso muita bossa.

JORNALISTA - Muito bem, muito bem (os demais não se manifestam. Jornalista perde o elan). Ele falou muito bem, não falou?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0098, p. 45

LÍDER - Sem mais delongas passo a palavra a mim mesmo para propor uma proposta. O meu Anjo da Guarda, aliás aqui presente (o Anjo agradece com a cabeça) me aconselhou a não fazer coligação nenhuma, porque vocês são uns... como direi? Crápulas. E sem a menor ressonância no seio das massas. Eu argumentei que deixa pra lá e como o seguro morreu de velho, resolvi juntar os vossos votos à minha campanha. Eu sou o nosso candidato!

MAGRO - Não apoiado.

B. IXINHO - Apóio o não apoiado.

MAGRO - Vossa Excelência é carta fora do baralho.

LÍDER - Fora do baralho? O povo me ama, o povo se diverte com os meus discursos, e qual é a função da política se não a de ajudar a digestão do povo?

MAGRO - Ajudar o povo a comer.

LÍDER - Sou digestivo.

MAGRO - Desculpe Vossa Excelência não usar de circalóquios, mas Vossa Excelência é o que se chama em linguagem bíblica de um refinado ladrão.

LÍDER - Cuidado, olha o Anjo ali.

MAGRO - Vossa Excelência, meu nobre colega, em toda a sua vida pública tem um enorme acervo de roubos e peculatos... (fala sem pausas).

LÍDER (intimidado pela violência) - Olha o Anjo...

MAGRO - O povo está cansado de gatunagem, ratinagem e estelionatagem.

LÍDER (enfezadinho) - O meu nobre colega vai ter que...

MAGRO - Concluindo o meu lúcido pensamento numa só palavra: Vossa Excelência é um ladrão.

LÍDER - É a mãe (confusão. O Anjo da Guarda permanece tranqüilo tratando das unhas).

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0098, p. 46

BALIXINHO (com dignidade parlamentar) - Nobilíssimos colegas. Isto é uma vergonha para a mãe-pátria (prosegue o "Ad Libitum" dos demais personagens). Não invocai o nome dos vossos ancestrais em vão. Prometei-me, nobre, não mais aludir desairosamente à veneranda genitora dêste dignatário.

LÍDER - Tá bon, não xingo mais, mas se êle torna a dizer que eu sou ladrão, a velha volta ao plenário.

MAGRO - Vou chamar de que?

LÍDER - Prometo só começar roubando depois de eleito.

MAGRO - Já é um progresso.

BALIXINHO - Vamos votar no nosso candidato a candidato.

LÍDER - Já.

TODOS - Eu.

LÍDER - Eu, quem? Eu?

TODOS - Não, eu.

LÍDER - Eu, quem? Vocês.

JORNALISTA - Eu voto em mim.

LÍDER - Chega de palhaçada. Basta de individualismo. O meu Anjo da Guarda não está gostando nada (para o Anjo). Você está gostando?

ANJO - No.

LÍDER - Viu? Ele disse "no".

MAGRO - Nós temos que eleger alguém desconhecido, o povo já conhece Vossa Excelência e o povo só vota iludido. Precisamos caras novas, precisamos "New faces".

LÍDER - Se conhece, sabe que nunca roubei um conterrâneo meu (explodem os rison). Quer dizer: um conterrâneo pobre. A nação

é rica.

BAIXINHO - Vamos fazer uma nova votação, mas não vale votar em si mesmo.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0098, p. 47

LÍDER - Um, dois, três, já.

MAGRO - Em branco.

BAIXINHO e JORNALISTA - Ele (apontam o Magro).

MAGRO - Obrigado, compatriotas. Eu sabia que seria o eleito dos vossos corações, principalmente depois que fui obrigado a fazer tantas promessas, e assinar sabe Deus o que assinei.

BAIXINHO e JORNALISTA - Parabéns, felicidades, feliz Natal, boas festas.

MAGRO - Vou fazer minha proclamação de candidato (toma posição de discurso). Povo, meu amigo, povo, povo, povo... (engasga. Batem-lhe nas costas).

ANJO (indignado) - No, no, no, no, no, no.

LÍDER (gozando) - Tá vendo? Ele disse "no". E agora? Não vamos perder tempo, a gente precisa chegar a um acôrdo.

MAGRO - Já chegamos: o nosso candidato a candidato sou eu.

LÍDER - E eu ia fazer uma coligação pra eleger você, minha bêsta? E te dava o meu Anjo da Guarda de graça? Já entrei em conchavos, já comprei mais de um milhão de votos, já... (gesto). Tô.

ANJO (na deixa) - Good, Good.

LÍDER - É a última chance. Eu sou o nosso candidato e vocês entram na mamata comigo, ou vão fazer coligação lá com as suas nêgas. Agora conf bulem! (retira-se para perto do Anjo).

MAGRO - A gente precisa de um candidato desconhecido: eu.

JORNALISTA - O povo está farto de saber quem ele é.

MAGRO - Ladrão de galinhas.

JORNALISTA - Até o meu jornal mete o pau nêle. E olha que nós so-

MAGRO - Sim, porque é preciso dizer um mínimo de verdade.

JORNALISTA - Não tem mais crédito na praça.

MAGRO - Nem moral.

BALIXINHO (quebra) - Mas tem dinheiro.

MAGRO - E se a gente fizesse uma campanha pra eleger eu?

JORNALISTA - Eu tenho um jornal, sei fazer discurso.

MAGRO - Já planejei uma "Campanha da Recuperação Moral e Financeira".

BALIXINHO (quebra) - Mas não temos dinheiro. Nem Anjo da Guarda. E quem não tem Anjo da Guarda não se meta em eleição (o Líder, no seu canto estica o ouvido e rege de acordo com o que eles dizem).

MAGRO - Então vamos fazer o quê?

BALIXINHO - Votar nele.

MAGRO - Mas eu sou o nosso candidato.

BALIXINHO - Sem propaganda, ninguém fica sabendo se você é bom ou mau. É propaganda, só com o Anjo.

LÍDER - Na sua terra também é assim, é?

ANJO (sorrindo) - Well...

BALIXINHO - Decidimos fazer nova votação.

JORNALISTA - De fora não fico: política é profissão que rende muito.

LÍDER - S. peça lá.

OS IRMOS - O nosso candidato é Vossa Excelência (declararam monótonamente). O único candidato honesto, íntegro, honrado, amigo do povo, etc., etc.

JORNALISTA - Agora vamos ao "ponto número dois" !

LÍDER + Que ponto dois?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0098, p. 49

JORNALISTA - "Não decepcionar os amigos". Assina aqui esta papeleta.

LÍDER - Isso é o que?

JORNALISTA - Romeações.

LÍDER - Espera eu ser eleito.

MAGRO - Quero ser Secretário de Finanças (ritmo em crescendo).

JORNALISTA - Eu quero o SESC, o IAPI, o SENAI, o IAPETEC, o...

BAIXINHO - Chega. Me dá a Secretaria da Fazenda.

MAGRO - Espera lá: Secretaria da Fazenda fui eu que pedi primeiro.

BAIXINHO - Então vai Caixa Econômica.

JORNALISTA - Deixa de ser bôbo: pede o Banco do Estado.

BAIXINHO - Correios e Telégrafos será que dá dinheiro? (a cena vai rapidamente atingindo o frenesi).

JORNALISTA - Pode tirar no sêlo.

MAGRO - Secretaria de Viação e Obras Públicas já tem dono?

BAIXINHO - Eu quero ser Embaixador no Paraguai.

JORNALISTA - Quer trocar a COSAP e o IASER pela Caixa Econômica?

BAIXINHO - Se der o SESC de quebra, vou pensar... (o Líder vai assinando tudo).

JORNALISTA - Eu troco o SESC e o IAPI pela sua Secretaria.

MAGRO - Se você me dá o IAPETEC também eu dou o IAPI de quebra, mas ele vai ser que trocar tudo pela Caixa Econômica.

BAIXINHO (no telefone) - Alô. Folhas informações? Quanto é que ganha o Presidente do Banco do Estado? (os outros dois continuam jogando figurinhas). E quanto é mais ou menos que eu posso rou-

bar por mês? Obrigado (desliga). Olha, se você quiser, eu te dou o Banco do Estado mais a Caixa Econômica, pela Secretaria da Fazenda, e você me volta a COAR. BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0098, p. 50

MAGRO - É, bebê, mamar na gata tu num qué.

JORNALISTA - Ai, eu fui roubado.

BAIXINHO - Quem roubou você?

JORNALISTA - Onde é que está o meu SESC, SENAI, IAPI?...

MAGRO - Não sabe jogar, depois reclama.

JORNALISTA - Estou com a impressão de que alguém aqui é desonesto.

LÍDER (anunciando) - Ponto número três: "Como iludir o povo". Vamos tratar a enas da nossa campanha eleitoral.

JORNALISTA - Nossa, vírgula, que eu vou fazer a pista.

LÍDER - Vai onde?

JORNALISTA - Guinar pro outro lado. E lá vou exigir a Caixa, o Banco e a Secretaria. Bye, bye, Anjo (sai).

LÍDER - O plano, aliás importado do estrangeiro, é o seguinte (para o Magro). Você vai ter que nos fazer um favor mais uma vez.

MAGRO - Ah, não, isso é que não!!!

LÍDER - Você é o maior inimigo político do nosso adversário.

MAGRO - E daí?

LÍDER - E vai daí que vamos quebrar a sua cara e pôr a culpa no adversário.

MAGRO - Já é a terceira vez, ninguém mais acredita.

LÍDER - Vai lá pra dentro.

MAGRO - Seria muito mais publicidade quebrar a sua cara!

LÍDER - Preciso fazer discurso. Fica bonzinho (entra um secretário e arrasta o magro lá pra dentro). Pode levar (o magro berra o seu protesto). Agora vamos fazer a propaganda do adversário.

BAIXINHO - Propaganda pra Sie? BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0098, p. 51

LÍDER - Está aqui o texto. "Não vote no Líder". Eu. "O Líder é o candidato do populacho, do homem da rua, do povo imbecil, estúpido e ignorante. Vote em mim". Assinado, fui no. Já decidiram quem é que vai correr comigo?

BAIXINHO - Um tal de Zêquinha Tapioca.

LÍDER - "Zêquinha Tapioca, o candidato das elites esclarecidas, do high-society endinheirado, o candidato da Standard Oil à presidência da República" (durante essas falas o Magro grita). É a propaganda dele. Tá boa, num tá?

MAGRO (entrando todo cheio de esparadrapo e gaze) - Hei, roubaram a minha carteira. Pega ladrão.

BAIXINHO - Cadê o meu dinheiro? Roubaram a minha também.

NJO (fulo) - Isso não se faz, roubaram a minha carteira.

LÍDER (fugindo assustado, de costas) - Não fui eu, heim, não fui eu (sai correndo).

CÔRO FORA - O anjo não é anjo
DE CENA O anjo anjo é
O seu, o meu, o nosso
Depende só de nós.

O anjo não é anjo
O anjo anjo é
Quem não quer ter anjo forte
Forte tem que se tornar.

FIM DA CENA SEITA

CENA SEITE -

Esta cena deve ser representada com um mínimo de objetos indispensáveis. O m is deve ser feito em mímica. Está em cena José da Silva, deitado, dormindo. O anjo d Guarda, no escuro, continua

no seu pedestal e no seu trono.

MULHER - José acorda, e tá na hora. Parece até filho de capitalista: passa a vida na cama.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0098, p. 52

JOSÉ - Deixa eu dormir um pouquinho mais hoje. Estou desempregado.

MULHER - Pois acorda e vai procurar emprego. Põe o terno mais bonito. Acho bom até comprar uma gravata. Tem sabonete no banheiro.

JOSÉ (estremunhando) - Ainda é madrugada. Acende essa luz que eu não enxergo nada. (mulher acende a luz e sai. Entra uma música angelical, etérea, que daqui pra frente será o tema do Anjo da Guarda. Entra o Anjo vestido de anjo). Hei, quem é esse cara?

ANJO - O Anjo da Guarda.

JOSÉ - Que bom que você veio. Imagina que ontem perdi o meu emprego. Quem sabe se nós dois juntos, a gente não acha outro melhor. Aliás, eu sempre achei que esse mundo materialista que não acredita em Anjo da Guarda, está muito errado. Vá, te arruma e vamos procurar emprego pra mim.

ANJO (fala com sotaque sempre) - Agora não posso. Estou ocupado.

JOSÉ - Se você é meu Anjo da Guarda, tem que me ajudar. Vou te buscar pra trabalhar. Anjo da Guarda meu, tem que dar duro!

ANJO - Sou Anjo da Guarda, mas não o seu. E estou aqui trabalhando.

JOSÉ - Então trabalha, vá.

ANJO (estendendo a mão) - Paga.

JOSÉ - O que? Não te comprei nada.

ANJO - Você acendeu a luz.

JOSÉ - Estou na minha casa.

ANJO - Sou o Anjo da Guarda da Light. Paga o royalty.

ANJO - Toma lá, mas pode ir andando porque eu não preciso de Anjo

que, em vez de me dar uma moedinha, ficou me espreitando (paga e entra no banheiro, em mímica). Que é que você está esperando?

ANJO - Receber, senhor.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0098, p. 53

JOSÉ - É o dinheiro que eu dei?

ANJO - Foi p a Light, mas o que é isso na sua mão?

JOSÉ - Pasta de dentes.

ANJO - Sou o Anjo da Guarda da Phillips do Brasil. Paga e não bufa.

JOSÉ - Toma (faz mímica de descarga).

ANJO - Você vai lavar as mãos com sabonete. Não se esqueça que eu sou o Anjo da Guarda da Lever Sociedade Anônima (Jose paga).

JOSÉ - Agora vou tomar café, não me venha com histórias. Café é feito aqui, e na sua terra num dá café.

ANJO - Feito aqui mas controlado pela American Coffee Company. Marcha.

JOSÉ - Claro que nessa altura não posso tomar bonde da Light, nem ônibus da Mercedes-Benz, nem taxi da Ford. Vou é a pé mesmo.

ANJO - Então paga.

JOSÉ - Eu disse que vou a pé.

ANJO - A sola do seu sapato é da Goodyear.

JOSÉ - Bolsa, bem que eu queria comer uma feijoada em lata, mas não quero pagar a Wilson, Swift, Armour, Anglo... Já sei: vou ver um far-est. Toma (paga, respira fundo). Ah. Tá fresquinho aqui dentro (Anjo estende a mão). Eu já paguei.

ANJO - Que é que você está fazendo agora?

JOSÉ - Nada. Respirando.

ANJO - Respirando o ar refrigerado pela Westinghouse.

JOSÉ - Você não me dá um folga. acabou o dinheiro, toma a minha camisa. Não me larga um instante: se eu fôr ra casa de condução, ppago. Se compro um jornal, o papel é importado, se subo num elevador, a marca é Otis, se como pão, o trigo vem da Argentina.

ANJO - Esqueci de dizer que essa calça é de linho irlandês.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0098, p. 54

JOSÉ (entrega-lhe as calças) - Só falta eu me suicidar (põe e re vólver no ouvido).

ANJO (afobado) - Não, isso não, pelo amor de Deus, não faça isso. José da Dilva, não se mate! Não! (chora).

JOSÉ (comovido) - Pelo menos você tem coração, não que me ver morto.

ANJO - Não é isso, pode se matar a vontade, mas antes não esqueça de pagar royalties para a Smith & Wesson, fabricante de armas desde 1837 (leva o revólver). Agora pode morrer (José dá gargalhadas).

MULHER (entra assim que o Anjo sai) - Está rindo de que? É por isso que a gente vive nessa miséria. Eles te roubam até as calças, e ainda por cima você acha graça.

JOSÉ (em segredo) - Nós enganamos êle.

MULHER - Ele é que nos roubou.

JOSÉ (baixinho) - Imagina se êle descobrir que a minha cueca é de nylon. Eu ac bava ficando nu... (ri).

FIM DA CENA SEITE

CENA OITO -

Estão em cena o Jornalista e o Milionário

JORNALISTA - Estou com um drama de consciência. Eu estava do lado de lá, agora estou do lado de cá. Eu de um lado e você do outro, nós dois metíamos o pau no Zêquinha Tapioca. Agora que estamos do mesmo lado, elogiamos o Zêquinha Tapioca. O Zêquinha Tapioca, que nunca ninguém soube de que lado estava, queria fazer

revelação contra você, que estava do lado de cá, e contra mim, que estava do lado de lá. Agora já não sei mais de que lado é o lado de lá, de que lado é o lado de cá. BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0098, p. 55

MILIONÁRIO - Nós estamos do lado do povo.

JORNALISTA - Então está todo mundo do mesmo lado.

MILIONÁRIO - Os nossos inimigos estão sempre contra o povo, e o povo está sempre do nosso lado.

JORNALISTA - Como eu sou Jornalista, quero simplificar as coisas: quem é que eu tenho que elogiar, e quem é que eu tenho que meter o pau? Tem que elogiar o Zéquinha. Ele é revolucionário!

MILIONÁRIO - Jesus Cristo também foi, meu filho.

JORNALISTA - Revolução pra que? Está tudo indo tão bem. Aumentaram o salário mínimo, meu jornal está cada vez mais rico, minha filha casa amanhã... Revolução pra que?

MILIONÁRIO - Foi ele que descobriu a honestidade.

JORNALISTA - Isso já existia. Lá na Suíça, onde eles passam a vida fazendo relógio, lá eles são honestos até em política.

MILIONÁRIO - Que absurdo (morre de rir). Parece piada...

JORNALISTA - Você acha mesmo que o Zéquinha serve pra nosso candidato?

MILIONÁRIO - Sabe o que o meu Anjo da Guarda disse?

JORNALISTA - Não.

MILIONÁRIO - Que esse negócio de plataforma, programa programático, isso tudo é besteira. O que resolve mesmo é o personalismo, o eleitor vota na cara. É quem vê cara não vê programa.

JORNALISTA - Você acha ele bonito?

MILIONÁRIO - Já viu candidato bonito? Precisa ser feio como a fome. Dá a impressão de que o povo está votando em si mesmo. (toca a campanha). É ele. Dá o fora (saem os dois apressados; entra Zéquinha. Logo atrás entram José e a mulher).

JOSE - O Zêquinha vai falar com o patrão. Vai ver se ele quer financiar uma revoluçãozinha.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0098, p. 56

MULHER - Revolução pra que?

JOSE - Então você não sabe que o país está cada vez mais pobre, que nós estamos cada vez mais pobres, e os pobres estão cada vez mais pobres?

MULHER - E daí?

JOSE - Daí vamos fazer a Revolução da Honestidade.

MULHER - Honestidade? Que é isso?

JOSE - Num sei. Só sei que eu sou pobre, pobre, pobre de marré, marré de sim (sai. Voltam Zêquinha e o Milionário).

MILIONÁRIO - Política não é diversão de pobre.

ZÊQUINHA - Eu sou pobre.

MILIONÁRIO - Fuma estora peito, anda todo sujo, cheira mal...

ZÊQUINHA - Em casa não tem chuveiro.

MILIONÁRIO - É assim mesmo que você me serve.

ZÊQUINHA - Por que?

MILIONÁRIO - Primeiro: você é feio. Segundo: inventou a honestidade.

ZÊQUINHA (feliz) - Já ganhei. Já ganhei.

MILIONÁRIO - Mas quem é que vai financiar a sua campanha?

ZÊQUINHA - É mesmo, eu nem pensei nisso. É muito cara?

MILIONÁRIO - Pensa bem: cartazes na rua, faixas, pixe, comícios, rádio, viagens... Quem é que vai pagar tudo isso?

ZÊQUINHA - Tem razão. Quem é que vai pagar tudo isso?

MILIONÁRIO - Eu. Eu pago a sua campanha.

ZÉQUINHA - Mas você é do lado de lá.

MILIONÁRIO - Então vem pro lado de cá.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0098, p. 57

ZÉQUINHA - How?

MILIONÁRIO - Qual é a sua bandeira?

ZÉQUINHA - Honestidade.

MILIONÁRIO - E a minha?

ZÉQUINHA - Verde e amarela com uma garrafa de Coca-Cola no centro.

MILIONÁRIO - Certo. Mas, concretamente?

ZÉQUINHA - O dinheiro!

MILIONÁRIO - E qual a solução? Honestidade e dinheiro?

ZÉQUINHA - Juntar a honestidade com o dinheiro.

MILIONÁRIO - Juntemos as nossas bandeiras.

JOSÉ (entrando) - Você está louco, chefe. Nós vamos fazer uma revolução.

MILIONÁRIO - Manda ele embora que isto é uma conferência de cúpula.

ZÉQUINHA - Isto é cúpula!

JOSÉ - Até você está entrando nessa marmelada? Você que passou fome comigo?

ZÉQUINHA - Parece carrapato, fica grudado na gente. Cúpula sou eu e ele, você não tem que resolver nada. Tem que votar em mim, depois.

MILIONÁRIO - Toma dez cruzeiros e vai comprar um Bauri.

JOSÉ - Custa doze.

MILIONÁRIO - Toma vinte e traz o troço.

JOSÉ - Posso comer sanduíche americano com ovo?

MILIONÁRIO - Vi, vi (ele sai). É assim que se deve tratar esse
gênero: alien et circus.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0098, p.38

ZÉ JINHA - Tradução: feijão com arroz e filme da Metro com a Gra
ce Kelly.

MILIONÁRIO - Vamos fazer um só partido.

ZÉ JINHA - Mas não pode. A revolução, como o nome indica, é da
Oposição, e vocês, com perdão da palavra, são a Situação. Eu sou
Oposição.

MILIONÁRIO - Exatamente: você! Quando se fala em político hones-
to em quem é que se fala?

ZÉ JINHA - Em mim.

MILIONÁRIO - Quando se fala em dinheiro, em quem é que se fala?

ZÉ JINHA - Você.

MILIONÁRIO - Vamos nos unir?

ZÉ JINHA - Vamos.

MILIONÁRIO - Você top?

ZÉ JINHA - Topo.

MILIONÁRIO - Como é o nome disso?

ZÉ JINHA - Hipnotismo.

MILIONÁRIO - Co-li-ga-ção. A honestidade e o dinheiro, juntos nu
na só bandeira.

ZÉ JINHA - E você paga a festa!

MILIONÁRIO - Eu não.

ZÉ JINHA - Então quem? (entra o Anjo da Guarda).

MILIONÁRIO - Hello, Angel, take a seat (explicativo). É o meu An
jo da Guarda. Veio fazer uma visita de cortesia (para o Anjo).
It's all set (entra o Jornalista. O Anjo traz uma casaca que ves
te em Zéquinha, que põe também uma cartola).

JORNALISTA - Acertaram tuão?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0098, p 59

MILIONÁRIO - Põe em manchete: Zêquinha Tapioca aderiu.

JORNALISTA - Vamos começar a distribuição?

MILIONÁRIO - Distribuir o que?

JORNALISTA - Quero o Banco, a Caixa e a Secretaria da Fazenda.

MILIONÁRIO - Que falta de compostura, na frente de estranhos...

JORNALISTA - É pra facilitar o serviço...

ZÊQUINHA - Vamos todos mudar de nome.

MILIONÁRIO - Por que?

ZÊQUINHA - É uma grande jogada. Todo mundo vai ter o nome de coisa que limpa. Somos honestos e vamos lavar a podridão do país. Vote em Zêquinha Tapioca, o Sabonete da Alma.

JORNALISTA - Eu sou o criolina.

MILIONÁRIO - Eu sou o palha-de-aço.

ANJO - Good, good, that's my boy.

ZÊQUINHA - E nós três juntos, somos o Comando Sanitário: Sabonete, criolina e palha-de-aço (cantam a "Canção da Limpíssima Trindade").

Nos três ue bela trinca
Trinca que lava, trinca que limpa
Somos três mosqueteiros do bem
Irmãos da honestidade
Somos límpissima trindade
Somos higiênica trindade
Um por todos
Todos por um

FLM DA CENA OITO

CENA NOVE -

Está em cena José, dobrando-se com dor de barriga. Entra a mulher, sempre reclamando.

OSÉ (choramingando) - Fone.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0098, p. 61

MÉDICO - Pelo barulho que está fazendo deve ser pedra na vesícula.

OSÉ - Vai precisar pôr o motor no dente? Motor eu não gosto, tenho medo.

MÉDICO - Mas já que a senhora insiste que é úlcera, tá aqui a receita...

MULHER (lendo) - "Leite, ovos, frutas... repouso..."

OSÉ - Doutor, o senhor vem aqui pra caçar da gente? Leite, frutas, repouso...

MÉDICO - Ou então o remédio é operar...

OSÉ - Melhorai não resolve?

MÉDICO - Quanto é que você ganha?

OSÉ - Salário mínimo.

MÉDICO - Com ou sem aumento.

MÉDICO - Cinco contos e novecentos.

MÉDICO - Então precisa operar urgente.

MULHER - Quanto é?

MÉDICO - Cinco contos e novecentos.

MULHER - Deixa pedrinha aí mesmo, porque ele não vai operar, não.

MÉDICO - Vai no Instituto. Você paga em dia?

OSÉ - O dinheiro já vem descontado.

MÉDICO - Lá tudo é de graça. Operação, enfermagem, hospital. O Instituto é uma maravilha. É a única coisa que funciona certo nessa terra...

JOSÉ - Minha vesícula nem vai doente carol, e olha se eu tenho fé, hein.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0098, p.62

MÉDICO - Pode ir sossegado. O senhor vai ser tratado maravilhosamente bom. (Cena muda para a enfermeira. Estão três médicos deitados, no chão mesmo. José entra com a enfermeira).

JOSÉ (esperançoso) - Essa idéia de Instituto é muito boa, sabe. Os médicos são uns exploradores. Cobram muito mais caro do que o Pai Joaquim. E aqui tudo é de graça, né? Posso até reter a sobremesa, não posso?

ENFERMEIRA - Sintomas?

JOSÉ - Dor de barriga. Dói...

ENFERMEIRA - A sala dos médicos é essa. Pode entrar.

JOSÉ - Qual deles? (a Enfermeira já saiu). Será que eu devo incomodar? Uuuuuii, minha barriga... (aproxima-se do primeiro. Hesita antes de chamar). Doutor, doutor... Desculpe estar incomodando a essa hora da noite, mas é que o meu estômago está doendo muito. Ai, meu Deus, uma pedrinha tão pequenininha e como dói...

MÉDICO (acordando sobressaltado) - Que foi? Onde é que eu estou? Quanto está o jôgo?

JOSÉ - O senhor está de plantão no Instituto.

MÉDICO - Me acordar pra que? Acabou o jôgo? Que é que você quer?

JOSÉ - É minha vesícula. Se o senhor puder dar uma olhadinha, eu fico muito agradecido.

MÉDICO - Não é comigo. Eu sou um médico obstetra (deitado).

JOSÉ - Mas é que...

MÉDICO (irritado) - Obstetra. Obstetra. O senhor vai ter um filho?

JOSÉ - Eu não.

MÉDICO (dormindo) - Então não é comigo (ronca).

JOSÉ (afastando-se) - Desculpe qualquer coisa (o segundo médico acorda).

MÉDICO - que barulhada é essa? A gente não pode nem dormir sossegado.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0098,p.63

JOSÉ (assustado) - Vesícula...

MÉDICO (de mau humor) - que é que tem a vesícula.

JOSÉ (gesto) - Uma pedrinha...

MÉDICO - e eu com isso?

JOSÉ - O senhor não quer me examinar?

MÉDICO - A minha especialidade é a otorrinolaringologia, mas vamos lá fazer o exame...

JOSÉ (enche o peito, alegre, e fala sem pausa) - Trinta e três, trinta e três, trinta e três.

MÉDICO (sentado, sem nem olhar para ele) - De fato é vesícula. Vai operar?

JOSÉ - Se o senhor achar conveniente, e como aqui tudo é de graça mesmo...

MÉDICO - Isso é perigoso. Você já está nas últimas, vai morrer...

JOSÉ (alarmado) - Depressa, doutor, pelo amor de Deus... (tira a camisa).

MÉDICO - Pra que é que você está tirando a roupa?

JOSÉ - Pra operar, rido, eu não pos o morrer já.

MÉDICO (bocejando) - Eu não sou operador (deitando-se). Fala com aquele ali. (ronca. José, transtornado, procura o terceiro médico).

JOSÉ - Por favor, me ajuda. Estou com uma pedra que vai me matar...

TERCEIRO MÉDICO (quase acordando, rala abraçando-se a José e continuando a sonhar) - Meu mor... quem diria que a tua doença ia acabar na cama...

2ª parte
José (muito sigilo) - Operação L, doutor... Já não sou doutor e o senhor está pensando.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0098, p.64

MÉDICO (no mesmo estado) - Quando é que vai ver o próximo filme?

JOSÉ - Eu? Fazer um filme?

MÉDICO (acordando) - Eu estava sonhando com a Kim Novak. Você não acha ela meio fria?

JOSÉ - É um pouco, sim.

MÉDICO - Não é pra me gabar, mas o meu broto põe a Kim no chinelo.

JOSÉ (tentando um tom infantil e brincalhão) - É que tal fazer uma operaçãozinha hein? Uma vesiculazinha que eu tenho aqui. E enquanto o senhor opera a gente pode ir conversando...

MÉDICO - Olha, não é má vontade, se você quiser posso operar... pra mim, tanto faz...

JOSÉ - Quero, sim, doutor...

MÉDICO - Só tem um problema: há muito tempo que nenhum paciente meu tem pedra na vesícula...

JOSÉ - Aproveita agora, aproveita...

MÉDICO - Estou meio destreinado. Não opero vai pra uns quinze anos... (levanta-se). Enfim, seja o que Deus quiser... (faz o sinal da cruz. José que já estava deitado, levanta-se inquieto).

JOSÉ - Quinze anos?

MÉDICO - Deus ajudando... É preciso ter fé...

JOSÉ - Fé eu tenho, mas vai me desculpar...

MÉDICO - Eu tenho um amigo que é especialista, se quiser o endereço... (dá um cartão). Ele cobra barato... (José pega o cartão e vai saindo). Não querem usar o Instituto, que é de graça, e depois ainda falam mal do governo... (Cena muda para o consultório do especialista, que é o mesmo médico do início).

MÉDICO - Precisa pagar adiantado.

JOSÉ (contando o dinheiro) - É melhor pagar do que morrer. Cinco contos e novecentos.

MÉDICO - Sete e duzentos.

JOSÉ - Mas o senhor disse que era o salário mínimo.

MÉDICO - Você não soube? O salário mínimo já foi aumentado de novo. No mês que vem você já recebe com aumento.

JOSÉ - Tá bom. No mês que vem eu passo aqui pro senhor fazer a minha autópsia e ver se foi de vesícula mesmo que eu morri...

FIM DA CENA NOVE

CENA DEZ -

Em cena o Jornalista segurando um microfone ou transmissor portátil usado em campos de futebol. Seu estilo de speaker é igualmente esportivo. Na entrada dos candidatos é possível utilizar música circense, o mesmo acontecendo com algumas marcações.

JORNALISTA - E agora, senhores telespectadores, vamos apresentar a maior atração política deste ano de eleições. Com vocês, dentro em pouco, nada mais nada menos do que os dois candidatos à presidência da República. Ambos estarão aqui assessorados pelos seus respectivos segundos. Aí vem... o candidato do Partido Ou Vai ou Racha: (entra o Líder, vai até o meio do ringue, cumprimenta a platéia com os braços levantados). Pode ir sentando no seu corner (onde há um banquinho usado pelos pugilistas). E agora, em carne e osso, o candidato do Partido Comando Sanitário (frenético), também conhecido como Honestidade Futebol Clube. Entram em campo os segundos dos dois contendores (entram o Magro, completamente enfaixado, o Milionário e pouco depois, o Anjo da Guarda). Neste momento, tenho a honra de apresentar aos senhores telespectadores, o juiz da partida, o Sr. Anjo da Guarda. Como todos sabem, Sua Senhoria é o Embaixador de um país tão nosso amigo, mas tão amigo, que resolveu financiar todas as nossas campanhas eleitorais. Isso já se tornou mais do que um hábito: é uma verdadeira tradição da nossa vida política. E agora, espectador, tomarei a liberdade de dirigir algumas perguntas indiscretas aos dois candidatos, para que você (dirige-se face a face a

José, que assiste o programa), eleitor, possa votar com a consciência tranquila, certo de que estará servindo aos sagrados interesses da nação (voltando-se para o Líder). Senhor candidato. Qual será o seu programa político caso venha a ser eleito presidente da República?

LÍDER - Sou nacionalista. Estou com o povo. Se fôr eleito, darei ao povo escolas, hospitais, transporte e comida.

JORNALISTA - É um belíssimo programa, não há dúvida. E Vossa Excelência, o que fará?

ZÉQUINHA - Sou nacionalista. Estou com o povo. Se fôr eleito, darei ao povo escolas, hospitais, transporte e comida.

JORNALISTA - Bravo, bravíssimo. E já que nós estamos com a mão na massa, o que é que o senhor pensa do seu adversário.

ZÉQUINHA - Como dizia Sócrates, roupa suja lava-se em casa: vou anotar alguns podres na vida do meu adversário.

JORNALISTA - Uns pôôôôdres na vida do seu adversário.

ZÉQUINHA - Desviou dinheiro da nação para o bolso dos seus amigos.

JORNALISTA - Infelizmente eu já não sou seu amigo.

ZÉQUINHA - Portanto precisamos acabar com êle.

JORNALISTA - Acabar com êle et caterva. Admirável. Admirável. O senhor positivamente não tem papas na língua. Gratíssimo pelas suas declarações vigorosas e oportunas.

LÍDER - Eu também quero falar.

JORNALISTA (hostil) - Espera a vez, que êle ainda não acabou.

ZÉQUINHA - Lembra aquêle banco?

JORNALISTA - Como não, foi um escândalo que abalou a opinião pública.

ZÉQUINHA - Foi de propósito: êle tinha depositado dinheiro do governo.

JORNALISTA - Será verdade? BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0098, p. 67

ZÉQUINHA - Saiu até em jornal.

JORNALISTA - Eu sei, fui eu que publiquei, mas será verdade?

ZÉQUINHA - Deve ser, sei lá eu.

JORNALISTA - Depois de denunciado este crime à opinião pública, como é que Vossa Excelência vai sair dessa?

LÍDER - Infâmias. Política, meus filhos, é assim mesmo: hoje eu estou por cima e ele está por baixo, amanhã ele estará por baixo e eu por cima. Logo, quem está lá no palácio sempre descobre uma coisinha ou outra.

JORNALISTA - O senhor nos tira um peso da consciência (para o Líder). Ele não sabia que o banco ia quebrar.

LÍDER - Lógico que sabia: pois se fui eu quem deu a idéia.

JORNALISTA - Senhor candidato, mas isso não se faz.

LÍDER - O ordenado é pouco: a gente tem que fazer uma negociatazinhas a título de verba de representações.

JORNALISTA - Bem raciocinado!

LÍDER - Mas o que você não sabe, é que esta estação de televisão que está me sabotando, foi comprada com dinheiro público porque o dono, você, com vários títulos protestados, tá do lado deles.

ZÉQUINHA - Calúnia!

JORNALISTA - Claro que não passa de uma vasta mentira!

ZÉQUINHA - Mentira não é, mas ele aí andou emprestando dinheiro pra uma fábrica de pipocas.

JORNALISTA - Que mal há nisso?

ZÉQUINHA - Há que o dono da fábrica era ele (confidencial). E sabe quem é que está agendo a campanha eleitoral dele?

MILIONÁRIO - ZÉQUINHA, cala a boca. Não toca nesse assunto.

ZÊQUINHA - São os gringos que andam emporcalhando a cidade, enchendo de cartazes, faixas, volantes...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0098, p. 68

MILIONÁRIO - Zêquinha, não mete a mão em combuca.

ZÊQUINHA (aparte) - Que é que tem? Deixa meter o pau!

MILIONÁRIO - É a nossa, quem é que paga?

ZÊQUINHA - Você, não é?

MILIONÁRIO - Nós somos um país sub-desenvolvido. O capital nativo não dá pra essas orgias de propaganda.

JORNALISTA - É por isso que todo candidato viaja para o estrangeiro (os dois tratam Zêquinha com infinita bondade, como uma professora primária explicando a uma criança que dois e dois não são absolutamente sete).

ZÊQUINHA - Mas se agam, levam o que em troca?

JORNALISTA - Bem, isso está fora do tema da nossa reportagem.

ZÊQUINHA - Quer dizer que o negócio da honestidade, com ndo sanitário... nessa altura... lalalilalalai...

JORNALISTA - Funciona. Funciona nas faixas que a gente põe na rua.

MILIONÁRIO - Você estava dizendo que ele deu dinheiro a uma fábrica de pipocas. Continua.

ZÊQUINHA - Perdi a bossa...

LÍDER - Difamações. Emprestei dinheiro porque o proprietário era um homem digno, honrado, como há poucos nesta pátria infeliz e espoliada: Eu.

MAGRO (embuçado) - Já ganhou. Já ganhou.

LÍDER - Mas como a tara é botar tudo em pratos limpos, então vamos já fazer a Comissão de Inquérito pra descobrir a origem da fortuna desse milionário (para o magro). Vai passando a lista pra os demais. Vou provar que ele é apenas um testa de ferro dos grandes consórcios internacionais.

MAGRO (tom de vendedor de emendoim) - Comissão de Inquérito, Comissão de Inquérito. Vai assinar aí?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0098, p. 69

JORNALISTA (afobado) - Não é possível. Essa reunião em família está se tornando muito grave! O patrocinador do programa não vai pagar.

MAGRO (para o Anjo da Guarda) - Já tem número. Vai querer entrar num acordo?

ANJO (contrariado) - Well... (entrega-lhe um papel).

JORNALISTA - Por favor, retire o seu projeto.

LÍDER - Vai ter que me contar muito...

MAGRO (para o Anjo) - Sessenta mil por mês? Não dá pra aumentar um pouco, não?

ANJO - No.

MAGRO (para o Líder O.T.) - Escuta aqui, eu estive pensando melhor...

LÍDER - É pra mim, quanto?

MAGRO - Esqueci.

LÍDER - Volta lá (para os Jornalistas). Aqui está a bomba que eu queria revelar à nação estarecida. Vem cá, meu filho (o Magro se aproxima depois de terminadas as novas negociações com o Anjo). Vêde o que ele fez. Espatifou a cara do meu companheiro de chapa (descobre a cara do Magro, tôda avermelhada, aparte). Pra mim quanto é que ele deu? (todos fazem "Oh". O Magro faz cara de que está à morte. Todos se penalizam).

MAGRO - Quarenta por mês. Você vai ser advogado da firma. Anjo da Guarda S.A.

LÍDER - Pensa que eu não vi? Pra você, que não é candidato, sessenta, e pra mim quarenta. Não aceito. Vou fazer a comissão de inquérito.

MAGRO - Espera aí, vou dar um jeitinho (corre para o Anjo nas pa-
ra no meio do caminho e fala). Vêde o que fizeram minha cútis.
Estragalharam-na (recomeça a corrida. Coloquial, para o Anjo).

ANJO - Those natives... (põe a mão no bolso).

MAGRO - Thank you.

ZÉQUINHA (lendo) - "Se só existissem dois bancos, em qual você depositaria o seu dinheiro, eleitor? No meu ou no dele?"

JORNALISTA - No seu, Excelência.

ZÉQUINHA - Porque sou o chefe do Comando Sanitário, da Campanha das Orelhas Limpas, porque quem tem os ouvidos entupidos não ouve as reclamações do povo. Sou o Sabonete da Alma (baixo para o Milionário). Vamos também ameaçar uma comissãozinha qualquer? Ele arruma emprêgo pra nós.

LÍDER - Trabalhador - se só existissem duas fábricas, em qual você trabalharia, na minha ou na dele?

MAGRO - Na sua, Excelência.

LÍDER - Porque sou o amigo dos fracos e oprimidos, e a indústria nacional é fraca e oprimida. Se eu fôr eleito o petróleo será nosso, ou, como diz o vulgo no seu linguajar poético: cara que namora beijou, vagabundo nenhum põe a mão.

MAGRO - Não fala assim que ele se enateia e te tira o em rôgo.

LÍDER - Depois a gente se explica.

ZÉQUINHA - Tá vendo? Ele é um ladrão!

LÍDER - E voce um bateador de carteiras.

ZÉQUINHA - Desmoralizador do patrimônio público.

LÍDER - Entreguista confesso.

ZÉQUINHA - Assaltante fantasiado de nacionalista.

LÍDER - Agente de Wall Street.

ZÉQUINHA - Cavalo de aluguel dos trusts internacionais.

LÍDER - Pega ladrão.

MULHER - Põe a cabeça em cima dessa pedra, que serve de travessei-
ro.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0098, p. 72

JOSE (hesitante) - Não seria melhor morrer lá em casa mesmo?

MULHER - Bem que eu queria... (chora).

JOSE - Não chora, meu bem.

MULHER - Queria que você morresse na nosa cama, onde nasceram os
nosos filhos. Por falar nisso, na semana passada nasceu mais um,
você ainda não viu.

JOSE - Com essa história de procurar emprego, nem tenho tempo.

MULHER - É uma gracinha. Todo enrugadinho (fala sorrindo em tom
de chôro).

JOSE - Então vamos voltar pra casa: eu morro lá.

MULHER - Você sabe que não pode.

JOSE - Por que?

MULHER - Por sua culpa. Quem mandou pedir aumento? Agora a gente
não tem mais dinheiro pra comprar a madeira do caixão.

JOSE - Então vai aqui mesmo, porque de hoje eu não passo.

MULHER - Um pouco pra lá, o chão é mais macio.

JOSE (deitando-se) - Escuta: antes de voltar pra casa, não esque-
ce de procurar emprego pro nosso filho.

MULHER - Qual? Esse último?

JOSE - Sei que nós já estamos atrasados, mas antes tarde do que
nunca.

MULHER - Segure a vela (dá-lhe uma velinha de aniversário).

JOSE - Não tinha uma maior?

MULHER - Não tinha é dinheiro pra comprar. Te ajuda com essa mes-
mo (ele acende a vela). Desculpe ter que ir andando: tá na hora de
dar de morrer.

JOSE - Está de culpada (deita de todo com a vela acêsa. A luz vai anoitecendo). Olha (a mulher que ia saindo, pára). É dia do nosso filhinho pra nunca pedir aumento de salário. E não esquecer de beijar os pés do patrão.

BRDFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0098, p. 73

FULHER - Adeus (vai sair).

JOSE - Dizer "arôm" toda vez que o patrão falar com êle.

FULHER - Então até logo (vai sair).

JOSE - E devolve aquêles cem mil réis que a gente deve pro vizinho.

FULHER - Não precisa: ele já morreu também.

JOSE - Morreu de quê?

FULHER - De fome, ora essa. Também se morre de outra coisa?

JOSE - Onde?

FULHER - Preferiu se atirar no rio.

JOSE - No rio é melhor: as piranhas só deixam o osso.

FULHER - Mas aqui, a família pode ficar toda junta e no rio a água leva.

JOSE - Então foi por isso que êle preferiu se afogar: não se dava bem com a mulher.

FULHER - De culpe eu não poder ficar fazendo gala...

JOSE - Até logo.

FULHER - Até o além.

JOSE - Até (ela vai sair). Não esquece de dar recomendação a todo mundo que perguntar por mim.

FULHER - Não esqueço nao, pode morrer em paz.

JOSE - Adeus (a mulher volta).

FULHER - Posso pedir um favor?

JOSÉ - Se eu puder ser útil em alguma coisa...

LUIZIER - Quando meu pai morreu, minha mãe chorou muito porque viu ele morrendo. Eu queria também chorar, feito a minha mãe, na hora da sua morte.

JOSÉ - Dá uma sentadinha aí e espera mais uns dez minutos. Não de_umore mais que isso.

LUIZIER - Esperar não posso, mas se você não se incomodar, eu dou uma choradinha agora mesmo.

JOSÉ - Esteja à vontade.

LUIZIER - Então, com licença (ajoelha-se perto dele e desata num choro violento): Meu maridinho morreu. O que será de mim? Eu quero morrer também. José da Silva, me leva contigo. Ai.Ai.Ai (para subitamente. Levanta-se, recompõe-se. Pausa breve). Pronto. Já chorei o que eu queria chorar. Até logo.

JOSÉ - Até logo (sai silenciosa. José a segue com o olhar, depois olha para o céu. Chamando). Nossa Senhora! Daqui a pouco eu estou aí em cima e nós vamos ter uma conversinha. Você não está agindo bem comigo não, viu?

FIM DA CENA ONZE

CENA DOZE -

Cenário: mesa com bola de cristal, baralho e demais anetrechos próprios à honrada profissão de cartomante. Entra Madame. Líder já está em cena.

MADAME - Doutor Líder, doutor Líder, nem queira saber o que foi que me aconteceu.

LÍDER - Diga.

MADAME - O senhor nem vai acreditar. Ontem quando o expediente já estava encerrado, não é que eu esqueci a bola de cristal aberta?

LÍDER - E daí?

LADAME - Baixou uma porção de espíritos, tudo procurando vossa Excelência.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0098, p.75

LÍDER - Queriam o que?

LADAME - Não sei, mas estavam perturbados, viu? O que é que o senhor andou fazendo?

LÍDER - Preciso falar com o meu guia. Me dá uma especial, materialista.

LADAME - Materialista sai um pouco mais caro. Se Vossa Excelência não anda bom de finanças, vai no baralho que faz o mesmo efeito.

LÍDER - Vou gastar tudo, cobra o que quiser, mas hoje preciso ver o meu guia. Tem que ser hoje.

LADAME - Por que essa pressa?

LÍDER - Por que? Então a senhora não sabe? Hoje é véspera das eleições.

LADAME - E amanhã?

LÍDER - Dia de eleição. Estou frito. Esse povo está cada vez querendo saber de mais. Estou suando frio.

LADAME - Descobriram tudo?

LÍDER - Tudo também não, mas mais do que deviam.

LADAME - Vossa Excelência é que manda (gritando para dentro). Maria.

MARIA (de dentro) - Senhora.

LADAME (gritando) - Materialista.

MARIA (de dentro) - Sim senhora.

LADAME - Só falta apagar a luz e a gente pode começar (ergue-se rapidamente o ritual da materialização do espírito. Entra o Guia, sonolento e cambalento. Pode surgir debaixo da mesa. O Líder pula de satisfação).

LÍDER - Ó, velho, você veio!

GUIA - Estava dormindo sossegado. A gente não pode ter descanso nem lá onde eu estou.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0098, p. 76

LÍDER (submisso) - Desculpe incomodar o seu descanso merecido, mas sabe que dia é hoje?

GUIA - Pra mim tanto faz! Eu vivo na eternidade.

LÍDER - Eu ainda estou aqui em baixo: tenho que rebolar até sem barbolê. E hoje é a véspera.

GUIA - Já que eu materializei mesmo, meERVE uma caipirinha.

LÍDER - Whiskey, manda comprar whiskey (fala para a Madame).

GUIA - De whiskey já estou cheio. Lá em cima só se bebe Johnny Walker. Sinto saudade é de uma caipirinha nossa. Capricha no li-
mão.

LÍDER - É produto nacional! Aliás, é a única indústria nossa que repousa em bases sólidas.

GUIA - Vamos lá. Qual é o seu parangolé?

MADAME - Vou lá pra dentro fazer o relogado, que ainda não jantei. Quando o senhor quiser entrar (aponta a bola de cristal) é só me chamar, viu? (sai).

LÍDER - Estou com medo de perder, e então vim aqui pra ver se você me dava uma ajudazinha, hein? (cutuca-o amistosamente).

GUIA - Eu não voto mais. Se fôsse no meu tempo...

LÍDER - Mas aí por cima você tem amigos...

GUIA - É, mas esta tudo morto... o mais vivo sou eu.

LÍDER - Você se entende o meu plano. Isto aqui é um lápis. Você e os seus amigos se materializam dentro da urna, riscam o nome que estiver na cédula, e escrevem o meu.

GUIA - Voto rabiscado não conta.

LÍDER - Eu trouxe cédulas também. Você entra na urna, tira tudo que estiver lá, e põe essas... Por favor. Faz isso pra mim. Só essa vez...

GUIA - Eu sou invisível, mas a cédula não é. Imagina uma porção de cédulas voando e entrando tudo na sua urna. Tem cabimento?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0098, p. 77

LÍDER - Você vai deixar eu perder? Eu, o seu melhor amigo. Lembra quando você estava aqui em baixo? Te dei cada emprêgo, velho! Tudo ó de penacho! Não tinha nem que assinar o ponto. Não vai agora me deixar na mão!

GUIA - A gente precisa pensar num método mais decente.

LÍDER - Não funciona. Você está esquecido, pode ser que as coisas aí em cima sejam diferentes, mas aqui em baixo a decência não funciona.

GUIA - Vou te dar um conselho: comigo não conte muito não.

LÍDER - Mas meu Espírito, meu Espiritozinho, meu Guia do peito, meu amigão! Da não posso perder!

GUIA - Vou te dar outro conselho: age com a cabeça. A turma do lado de lá deu um golpe genial. Faz o mesmo.

LÍDER - Como é que eu vou dar um golpe genial. Eles descobriram a honestidade e ficaram donos da bola. Essa ninguém tasca.

GUIA - Esse é o segundo conselho que eu vou te dar. Você roubou muito, aí na terra.

LÍDER - Mas não foi por mal, foi com boa intenção. Roubei bens materiais, e de que servem os bens materiais? Você que o diga. Os bens materiais são o pó. São o reverteren ad locum tuum.

GUIA - Pois devolve os bens materiais que você roubou.

LÍDER - Você está louco!

GUIA - É um golpe melhor que o deles, devolver tudo que você roubou.

LÍDER (afastando-se) - Preciso ser eleito pra continuar roubando, e você quer que eu devolva o que já consegui com o suor das minhas mãos?

GUIA - O regenerado é um ladrão que já não rouba mais: o homem honesto é um que ainda não começou. Vai por mim!

LÍDER (entusiasmado) - Para presidente da República vote em mim, o Ex-ladrão. Bom ladrão, não fica melhor? Ganha o voto dos religiosos.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0098, p. 78

GUIA - Foi justo na Bíblia que eu me inspirei.

LÍDER - A idéia não é ruim, não. Vou dar só metade, tá?

GUIA - Faz o seguinte: tem muita gente por aí morrendo de fome. Muita gente que vai morrer hoje e amanhã não vota. Sai por aí, procura alguém morrendo de fome, diz que é promessa, e devolve o dinheiro.

LÍDER - Metade, né?

GUIA - Sai gritando: "O dinheiro que roubei dos ricos poderosos, dou aos eleitores fracos e oprimidos". Robin Hood.

MADAME - Seu espírito. Seu Espírito (entra afobada). O senhor nem queira saber.

GUIA - Que foi?

MADAME - Tornei a esquecer a bola de cristal aberta, desceu uma porção de anjos seus.

GUIA - Ainda embora.

MADAME - Querem todos falar com a Sua Excelência.

LÍDER - Comigo?

MADAME - Estão brabos! (vozeiro dos espíritos fora).

ESPÍRITO - Achei. Ele está aqui.

GUIA - Que é que vocês querem?

ESPÍRITO - Esse não é o Líder?

GUIA - Por que?

ESPÍRITO - Vamos acertar umas contas com ele.

GUIA - Sai pra lá. Vamos devagar. Madame, segura a turma aí. (en-

eram outros espíritos de brancos. (ele explica ao Líder). E
tudo gente do novo. Estão pedindo de volta o dinheiro que
você roubou.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0098, p. 79

LÍDER (assustadíssimo) - Tu dou em cheque depois, tá?

GUIA - Some daqui e faz o que eu mandei.

LÍDER - Mas onde é que eu vou encontrar alguém morrendo de fome.

GUIA - Qualquer esquina desses você encontrá. Tem um aqui perto.
Se chama José da Silva. Dá dinheiro que ele vota em você. E bate
no peito.

LÍDER - José da Silva?

GUIA - Chama pelo apelido: Povo.

GUIA - E no lateral, me manda uma garrafa de cachacinha.

LÍDER - Povo. Obrigá-o. Não larga eles atrás de mim, hein? (cri-
tando. Po-vo. Po-vo. (sai confuso).

ESPÍRITO - Você é mesmo pelego, hein?

GUIA - Deixa pra lá. Daqui há pouco essa turma tá toda aqui, pe-
nando...

ESPÍRITINHO - Papaiê. Por que é que a gente tá aqui pensando? Nós
nunca fizemos nada de mal.

ESPÍRITO - Fizemos, sim, Espiritinho.

ESPÍRITINHO - O que foi que a gente fez?

ESPÍRITO - Nós morremos de barriga vazia. (cantam o "Hino do Po-
vo que Morreu de Barriga Vazia").

Morreu de barriga
Morreu de barriga
Morreu de barriga (bis)

Nós somos gente infeliz
que morreu de barriga vazia
Enchendo a barriga dos outros
Enchendo a barriga dos outros

Passamos a vida e não vivemos
Porque viver é lutar
Para um dia poder
Ser velho morrer
Feliz e contente
Depois do jantar

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0098, p.80

Cuidado ó gente
Que ainda está viva
Cuidem da vida
É preciso lutar
Para não ter o castigo
De morrer como nós
De barriga cheia
De barriga vazia
De barriga vazia

FIN DA CENA DOZE

CENA TREZE -

Floresta. José continua deitado no mesmo local. Resta um teco de vela. As mãos postas sobre o peito, em atitude de quem já não está entre nós.

JOÃO - Será que eu já morri? Vou me beliscar pra ver se ainda estou vivo (beliscando-se e dá um berro). Tô, tô vivo (grusa). Por que será que demora tanto? (sorrindo malicioso, contente com a descoberta). Está com medo de mim, hein? Você sabe que queria que eu me suicidasse pra ir pro inferno e não ter uma conversinha contigo, aí eu cina, hein (acertando para o céu, travêso). Está com medo de mim, hein? Logo Sonhôôôôrrr? (sério). Pode ficar sossegado que eu não vou dar bronca não. Só queria que você me explicasse umas coisas, que eu não entendo, mesmo. Vai ver, você também não entende. Linguém entende, mas todo mundo vai levando, vai levando sem pensar, e vai todo mundo morrendo, morrendo que nem eu, vai todo mundo roubando, e se de repente alguém pergunta porque, a resposta que vem é "eu não entendo". Não dou bronca não, deixa eu morrer (O.T.). Ah, vá, deixa eu morrer (chateado). Você, hein, vou te contar... Tudo que eu pedi, você nunca atendeu. Me faz ósse favor agora: deixa eu morrer (torcendo-se). Tô doendo... (ouve-se voz do Líder, ao longe, chamando "Po-vo. Po-vo"). Parece alguém desconsolado pela perda de um gato de estimação. José olha pro céu, assustado). Você disse alguma coisa, log

so Senhor? Falou comigo (de novo, o Líder). É alguém que está me chamando.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0098, p. 81

LÍDER (entre suspiros, vagando pela arena, desesperado) - Po-ooooovo. Pooooovo.

JOSE - Tô aqui.

LÍDER - Moço, o senhor viu alguém morrendo aqui perto.

JOSE (olhando em torno) - Não, não vi...

LÍDER - Ah, meu Deus, onde é que eu vou achar esse povo.

JOSE - Serve qualquer um?

LÍDER - Eleitor!

JOSE - Então tem eu, que estou vai ou não vai.

LÍDER - Quem é você?

JOSE - Não se lembra de mim?

LÍDER - Como é o seu nome?

JOSE - José da Silva.

LÍDER (feliz) - José da Silva, povo, meu irmão! Há quantos anos! Porque você não me procurou? (abraça-o efusivo) Lá no palácio eu sou o teu escravo. Não vamos nos separar nunca mais, nunca mais (quase chorando). Meu irmão, meu filho, minha mãe, meu pai.

JOSE (emocionado mais pela surpresa) - Papai...

LÍDER - Como você está acabado, quase só pele e osso...

JOSE - E já não tenho mais intestino...

LÍDER - Que houve com o teu intestino? (demonstrando).

JOSE - Uma tripa foi entrando por dentro da outra, comendo a outra por falta de uso, ficou um canal só, retinho.

JOSE - Agora tudo que eu ponho na boca, cai no chão (faz a mágica com duas moedas, é claro).

LÍDER - Você até mais morto do que vivo.

JOSE - Pensei até que já estivesse à mão direita (olha pro céu).

LÍDER - Será que neste estado, vão te deixar votar?

JOSE - Estando vivo, têm que deixar!

LÍDER (tirando uma banana do bolso) - Então como uma banana, meu filho. Fica forte. Aqui tens uma banana (José come a banana quase que dentro do bolso do líder, com casca e tudo. Para si mesmo). O que foi que o meu Gaio mandou dizer?

JOSE (comendo) - Não sei... não sei...

LÍDER (representando penitência) - Eu roubei muito durante toda a minha vida política. Sou um ex-ladrão. Sou o Bon Ladrão. Aquêle que morreu ao lado de Cristo, lutando, batalhando, sofrendo crucificado como ele. Ele comove. Fica comovido.

JOSE - Comovo. Mas me dá outra banana.

LÍDER - Banana? Eu te darei toda a minha vida, todo o meu dinheiro, todo o fruto do meu neclato, quer dizer, metade (tira um terço enorme de um embrulho e tenta vesti-lo em José). E toma também dinheiro (dá-lhe algumas notas de um cruzado).

JOSE - Isso tudo é pra mim?...

LÍDER - Tudo.

JOSE - E o que é que você leva em troca?

LÍDER - O seu perdão.

JOSE - Tá perdoado.

LÍDER - E o teu voto.

JOSE - Tá votado.

LÍDER - É uma vez eleito, começaremos vida nova.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0098, p. 83

JOSÉ - Escuta, você não quer ser perdoado pela minha mulher também?

LÍDER - É pelos seus filhos maiores!

JOSÉ - Vamos correndo lá em casa.

LÍDER - Quantos filhos?

JOSÉ - Só dois são eleitores.

LÍDER - Prê esses eu dou casa, comida e um emprego público.

JOSÉ - Vou trazer o vizinho, o padeiro, o leiteiro. Dependendo da verba, trago até o sapateiro. Quase a dizer: "Já ganhou. Já ganhou". Pura, a minha mulher vai ficar contente... Se tivesse eleição todo mês, ninguém precisava morrer de fome... As eleições resolvem a miséria do povo. As eleições deviam ser patrocinadas pelo... (entra a mulher. traz roupas e maquiagem próprias de teatro infantil, exageradíssima).

MULHER - José da Silva, querido, você não precisa mais morrer.

JOSÉ (assustado) - Quem é essa mulher?

MULHER - A sua (os dois estão mais fantasiosos que alhaços).

JOSÉ - Você descobriu petróleo no quintal lá de casa?

MULHER - Descobri uma mina de ouro: um homem honesto.

JOSÉ - Maria, você prometeu não me trair, nem mesmo depois de morto.

MULHER - Ele é do Comando Sanitário.

JOSÉ (para o Líder) - Chegamos tarde. O voto é deles.

ZÉ DILMA (entrando) - Pooo-vooo. Pooo-vooo. José da Silva, meu irmão. Por que você me abandonou? Não vamos nos separar nunca mais. Somos como dois irmãos gêmeos: eu sou teu e o teu voto é meu.

JOSE (para a Mulher) - Que é que eu faço?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0098, p. 84

LÍDER - Eu sou teu e o teu voto ninguém tasca.

ZECUINHA - Eu vim primeiro.

LÍDER - Eu paguei primeiro.

ZECUINHA - Ele vai votar em mim porque eu sou honesto.

LÍDER - Vai votar em mim porque eu fui ladrão.

ZECUINHA - Ser ladrão e confessar, é muito melhor do que também ser e não dizer.

ZECUINHA - Resolve, José da Silva: qual é melhor?

JOSE - Quem dá mais?

LÍDER - Isso se diz, José da Silva?

ZECUINHA - Isso se faz?

JOSE - Eleição pra presidente, só daqui há cinco anos.

FEIRANTE (entra correndo, excessivamente bem vestido) - José me acode, esse daqui quer que eu vote nêle.

MAGRO (correndo atrás) - Eu sou a salvação da pátria, você tem que votar em mim (saem correndo os dois).

HOMEM (nas mesmas condições que o feirante) - José da Silva, o que é que eu faço? Tenho só um voto prá dar?

MILIONARIO (correndo) - Conigo a indústria vai progredir.

JOSE - Eles também já te pagaram?

FEIRANTE (reentra) - Deixa eu ver a tua roupa. Em quem é que você vai votar?

MILIONARIO - Eu dobelarei a fome.

ZECUINHA - Eu vos darei hospitais...

LÍDER - Eu vos darei escolas...

ZEUZINHA - ... e escolas...

LÍDER - ... e hospitais...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0098,p.85

ZEUZINHA - Eu vos darei estradas...

LÍDER - Eu vos darei comida...

ZEUZINHA - ... e comida...

LÍDER - ... e estradas...

FAGRO - Vote em mim pelo amor de Deus.

ZEUZINHA - Vote em mim pelo amor da pátria espoliada.

LÍDER - Vote em mim pelo amor da pátria cambalida.

FILIONÁRIO - Vote em mim pela pátria conspurcada.

ZEUZINHA - Vote em mim e nos meus.

LÍDER - Vote nos meus e em mim. (os quatro candidatos cantam, em torno de José da Silva e sua mulher, a "Canção do Vote em Mim").

CORO DOS CANDIDATOS - Vote em mim
Vote em mim
Vote em mim
E só olha pra logo vê
De nós quem é o melhor

Vote em mim
Vote em mim
Vote em mim

Se eu ganhá você ganhou
E a vida vai melhorá
Porque eu lhe dou
Se eu vencer
O céu, a terra e o mar

LÍDER - Eu fui um bom ladrão
Mas tenho a alma pura
Roubar é má ação
Mas é linda aventura
Regenerado estou
Imploro o teu perdão
Passado já morreu
Limpei o coração

ZÉQUINHA - Eu nunca fui ladrão
 Eu sempre fui bonzinho
 Você é meu irmão
 Me dá o seu votinho

 Eu sou você
 Você sou eu (bis)
 E é, em mim que você vai votar

JOSÉ - O que é que eu vou fazer
 Para todos agradar

(declamando) - Todos são tão poderosos
 Mas precisam de mim prá votá

CORO DO POVO - É preciso tirar a sorte
 É preciso tirar vantagem

JOSÉ - O bon ladrão, o bon Zéquinha
 O arreventado e o patrãozinho

CORO DO POVO - Eu preciso escolher um nome
 Que mata melhor a fome
 Vota em mim
 Vota em mim
 Vota em mim

Se eu ganhar você ganhou
 E a vida vai melhorar
 Vote em mim
 Vote em mim
 Vote em mim

Porque eu lhe dou se eu vencer
 O céu, a terra e o mar

MILIONÁRIO - É em mim
 É em mim

CORO - Que você vai vota
 Vote em mim

MILIONÁRIO - É em mim

CORO - É em mim
 Que você vai votá
 Vote em mim

MILIONÁRIO - É em mim
 É em mim
 Que você vai votar
 Vote em mim
 Vote em mim
 Vote em mim

FIM DA CENA TREZE

Esta cena segue-se imediatamente. Os quatro candidatos recuam, ajoelham-se. Se rezam, e assistem silenciosos à votação. Material de cena: uma urna.

JOSE - Agora eu vou votar.

MULHER - Eu também.

JOSE - Em quem você vai votar?

MULHER - Nos dois. Prometi aos dois.

JOSE - Mas quem foi que te deu o dinheiro?

MULHER - Os dois me deram dinheiro. E a você?

JOSE - A mim também.

MULHER - Vote em quem deu mais.

JOSE - Como é que eu vou saber quem foi que deu mais?

MULHER - E agora?

JOSE - É muito simples: a gente não pode votar no homem.

MULHER - Que homem?

JOSE - Precisamos votar conscientemente no programa político, na plataforma, nas idéias. Esse é o voto consciente do bom cidadão.

MULHER - Bom, teve um que prometeu escolas, hospitais, transporte e comida.

JOSE - E o outro prometeu escolas, hospitais, transporte e comida. Quem é o melhor?

MULHER - Vamos votar nós e.

JOSE - Qual? O que prometeu escolas, hospitais...

MULHER - Não: no que prometeu escolas, hospitais, transporte e comida.

JOSE - Já sei: você vota num e eu voto no outro. Assin a gente não pode errar.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0098, p. 88

LULHER - Então eu voto no que prometeu escolas, hospitais, transporte e comida.

JOSE - Não, burra. Nesse quem vota sou eu. Você vota no que prometeu escolas, hospitais, transporte e comida.

LULHER - É que os programas são meio parecidos (mostrando uma cédula). Este é o meu voto.

JOSE (idem) - Este é o meu.

LULHER (observando) - Mas o programa deste é escolas, hospitais...

JOSE - ...transporte e comida. Então troca. Esse é o meu.

LULHER - Já sei: eu voto no outro, o que prometeu hospitais, escolas...

JOSE - ...transporte e comida. Esse é o seu. Custou!

LULHER - Mas são dois votos.

JOSE - Não há jeito de errar. Você vota nesse e eu voto neste. Alguém da família tem que acertar nessas eleições.

LULHER (indeciso diante da urna) - José.

JOSE - Que foi?

LULHER - Você lembra da última vez nós dissemos a mesma coisa?

JOSE - Se lembro.

LULHER - Não vamos votar não (triste).

JOSE - O bom cidadão vota no programa. O bom candidato que o cumprimento. Esse é o seu candidato, este é o meu (macambúzios, deixam cair as cédulas na urna. Põe a mão no peito). Cumprimos o nosso dever de cidadãos. Cumprimos o dever sagrado do voto.

LULHER - Amém (ajoelha-se).

JOSE - E Deus que nos perdoe.

LUIZ ER - Nós ficamos juntos (levanta-se assustadíssimo). Corre .
Corre.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0098, p. 89

JOSE - Corre por que?

LUIZ ER - O nosso filho mais velho vem aí.

JOSE - Que é que tem?

LUIZ ER - Ele também vota.

JOSE - E daí?

LUIZ ER - Vai nos perguntar em quem deve votar.

JOSE (apavorado) - Corre, corre (saem correndo de cena).

FIN DA CENA CATOZE

CENA QUINZE -

De um lado estão o Líder, o Magro e o Baixinho. Do outro lado, Zequinha, o Milionário e o Jornalista. O Anjo da Guarda ronda. No centro, um garoto com o placard do Pacaembu, onde está escrito: ZEQUINHA O X LÍDER O. Inquietação. Todos falam em sussuro.

LÍDER - Foi uma campanha bonita. Desta vez vou prá cabeça.

BAIXINHO - Eu estava com a razão, nós já ganhamos.

MAGRO - Mas o melhor candidato era eu.

BAIXINHO (bagulando) - O nosso líder é sempre o nosso candidato.

MAGRO - Muito bem. Com ele marchamos para a glória.

LÍDER - O Líder é como um pai, e vocês meus filhos. Somos uma grande família.

BAIXINHO (para o Magro) - Você é muito vaidoso.

MAGRO - Ficando com a Fazenda, me conformo (confraternizam-se).

LÍDER - Obrigado, meu amor (dá um beijo na testa do Magro, do ou

LAGRO - Eu quero também a Viação e Obras Públicas.

LÍDER (todos eufóricos) - Acumular cargo não vale. (tudo é dito rapidamente, na palhaçada geral).

LAGRO - Vale tudo. Nós estamos ganhando.

LÍDER - Obrigado, meu amigo novo. Eu não vos esquecerei nas próximas eleições (euforia futebolística. O garoto pega um novo número). Lá vai ele de novo. Dois a zero. Essa tá no papo.

JORNALISTA (que, como todos do seu grupo, ficou olhando cubicosamente para a alegria alheia) - Eu sabia que não ia dar certo.

MILIONÁRIO - Espera, está no começo.

JORNALISTA - Eu sabia que ser honesto nessa terra não ganha voto.

MILIONÁRIO (irritado) - Mas quem é honesto nessa joça? Eu sou honesto? Você está acusando a mim? Pense que eu fiquei milionário como? Fritando bolinho?

JORNALISTA - Não quis ofender.

MILIONÁRIO - Você disse que eu era honesto.

JORNALISTA (nervoso) - Foi uma calúnia que você me fez publicar no próprio jornal, envenenando a opinião pública. E viu no que é que deu?

MILIONÁRIO (furioso) - Eu aceitei a pecha de honesto, porque pensei que funcionasse. Mas nós estamos num país de analfabetos, de índios botocudos.

ANJO (sereno) - Good... good...

ZÉQUINHA (desata a chorar, cai no chão de joelhos, de mãos postas para o céu) - Padre Iosso que estais no céu, Santificado seja o Vosso Nome, venha a mim o Vosso beneplácito nestas eleições, porque nada tens contra mim que sou tenente a Deus, ao Pai, ao Filho, ao Tio, ao Espírito Santo, a toda a Santíssima Família enfim. Prometo que se ganhar, nunca mais hei de trair o meu povo.

JORNALISTA (inconformado) - Essa história de honestidade é pra

mais civilizado, nós ainda não estamos à altura (o garoto põe 1 X 1 As atitudes mudam imediatamente nos dois grupos).

GRUPO DE ZÉQUINHA (piores que os torcedores do Palmeiras).

JORNALISTA (inconformado) - Essa história de honestidade é pra nada.

JORNALISTA - Claro que a gente precisa ser original.

MILIONÁRIO - Claro que a gente precisa ser original.

MILIONÁRIO - Ser original é ser honesto.

ZÉQUINHA - Obrigado, meu bom Deus. Já ganhei.

JORNALISTA - Foi o que eu sempre disse.

MILIONÁRIO - Salvemos a Indústria.

JORNALISTA - Salvemos a Imprensa.

ZÉQUINHA - Salvemos a nação.

JORNALISTA - Lá vai ôle de novo. Dois e um.

ZÉQUINHA (para os céus) - Pelo amor de Deus, Nosso Senhor, não torça pra brincar comigo: eu sofro do coração.

LÍDER - Eu só queria saber qual foi esse cretino que votou contra mim. Vai ver foi a minha mãe: ela nunca foi com a minha cara. Mas se foi um de vocês, que se acuse.

BALNEIRO - Ainda está no começo, calma.

MAGRO - Calma, né? A idéia de votar nessa calvagem foi sua!

LÍDER - Calvagem, ou? Olha que a velha volta ao plenário! (o garoto põe Zéquinha 2 X Líder 1).

MILIONÁRIO (no meio da algazarra geral) - Onde é que você vai?

JORNALISTA - Conheço ninguém podendo. Conheço ninguém podendo.

ZÉQUINHA - Não viu que está dois a um? Agora a vitória é certa.

MILIONÁRIO - Graças a mim. BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0098, p. 93

ZÉQUINHA (querendo sair) - Vou redistribuir o Ministério, que não preciso mais de vocês.

MILIONÁRIO - Não faça isso, que nós temos acordos escritos.

ZÉQUINHA - E eu com isso? A conjuntura político-econômica mudou, não mudou?

MILIONÁRIO - Zéquinha, pelo amor de Deus. Foi eu que elegi você. Não faça isso comigo.

ZÉQUINHA - Você me ajudou no passado, mas temos que pensar no futuro. No futuro da pátria e no futuro do meu bolso. Vou comer so bremsa todo dia.

JORNALISTA - E eu? E o meu jornal?

ZÉQUINHA - Se quiser uma vaga de Public Relations, dá uma esfrega da no meu sapato que está cheio de poeira (Jornalista joga-se sobre os pés de Zéquinha e esfrega desesperadamente com as mãos). E você, dá uma lambida prá dar brilho (o Milionário obedece segurando-se as suas pernas).

MILIONÁRIO (completamente transformado) - Quer que eu faça uma cosquinha na sola do sapato, quer?

ZÉQUINHA - E você, Can-can rá me divertir (enquanto o Milionário faz cócegas na sola do sapato de Zéquinha, o Jornalista dança grotescamente. Zéquinha está feliz). Obrigado, meu bom Deus.

MAGRO (para o Baixinho) - Foi por sua causa que nós perdemos.

BAIXINHO (intimidade) - Ah, se eu soubesse...

MAGRO - E eu tinha prometido a minha sogra um emprego na Prefeitura, prá ela parar de me encher.

LÍDER (colérico) - Durro. Era ele que tinha que ser candidato. Você não viu logo que ninguém mais acredita em mim?

MAGRO - Vamos dar uma surra nêle? (os dois fecham o cerco para esmurrá-lo).

LÍDER (dobrando-lhe o braço) - Pede minico de joelhos.

BAIXINHO (acovardado) - Pinico. Pinico (flash de esperança). Olha, lá vai êle (o garoto põe 2 X 2).

PAGRO (com o braço levantado para bater) - Dá cá um abraço.

LÍDER (feliz) - Meu grande amigo das horas incertas e titubeantes.

BAIXINHO - Obrigado. Dois a dois (o garoto muda para Líder 3 X 2).

JORNALISTA (empurrando Zêquinha que cai da cadeira) - Hei, gente, tem uma vaguinha pra mim aí? Eu queria fazer uma reportagem. Um anunciozinho, pelo amor de Deus (o garoto v i mudando o placard, passando sempre pelo emate. O Jornalista fica feito barata tonta, entre os dois grupos. José da Silva tenta falar com uns e outros e recebe respostas de "vai prá lá, moleque", "não encosta", "soma da minha frente", etc.; o garoto vai se afastando com o placard e os políticos caminham atrás d'êle gritando cada novo escore. José ainda consegue segurar o jornalista que é o último a sair).

JOSE - Seu Jornalista queria dar uma noticia pro senhor.

JORNALISTA - Anúncio pago?

JOSE - É uma noticia extraordinária!

JORNALISTA - Sobre o que?

JOSE - Uma coisa que nunca se viu. Pelo menos que não se vê desde que eu ainda mamava no peito. Quando eu contar, ninguém vai acreditar. É espantosa!

JORNALISTA - Conta logo.

JOSE (solene) - Depois de muitos anos, e graças às últimas eleições, graças as eleições que resolvem os problemas do povo, eu, José da Silva, cidadão local, casado, vacinado, eleitor, vou almoçar, vou comer.

JORNALISTA (como repórter) - Deixe eu tomar nota (escreve). A imprensa estrangeira vai mandar repórteres para conhecer o fenômeno. Já se ouviu falar em mulher de duas cabeças, em homem de quatro patas, mas um homem do povo que almoça, isso é completamente inverossímil.

JOSE (com ingênua dignidade) - Como os senhores estão vendo não tenho nada nas mãos nem nas mangas da camisa (deposita a marmita no chão, embrulhada num guardanapo. Abre o guardanapo). E deste guardanapo retiro a marmita, no interior da qual os senhores poderão / ver arrôz, feijão e um pequeno embrulho. Neste embrulho encontra-se embrulhada o que se chama de sobremesa.

JORNALISTA (sempre tomando nota) - Sobremesa... (murmura baixinho, algumas palavras ditas por José). O homem do povo também vai comer uma sobremesa. Graças às eleições!

JOSE - Esta sobremesa tem o nome de marmelada. E aqui estão os talheres. Faca, garfo, e colher. Começemos pelo feijão com arrôz (para o Jornalista). Não é melhor chamar o fotógrafo?

JORNALISTA - Pelo sim e pelo não, vou me afastar um pouco, que pode acontecer alguma coisa. É perigoso ficar perto de José da Silva comendo.

JOSE - Atenção. Lá vai a primeira colherada (levanta a colher com comida acima da sua cabeça e depois engole). Ahhhhh.

JORNALISTA - Consumetun est!

JOSE (dá um grito) - Aaaaaiiii.

JORNALISTA - Está vendo? Fracassou a experiência?

JOSE - Estou morrendo.

JORNALISTA - Tinha veneno? Você foi assassinado? Quem matou você?

JOSE - Não é veneno. Enturuiu (cai no chão e estrebucha).

JORNALISTA - Você vai morrer?

JOSE - Já estou morto.

JORNALISTA - Ainda há tempo de rezar. Morre rezando, enquanto eu vou chamar o resto da quadrilha.

JOSE (sobeirinho, deitado, ao lado do guardanapo e da marmita) - Pe-dre Nosso que estais no céu, perdoai a nós pecadores, mas não é / justo perdoar os nossos devedores... fezei-os pagar, Aném (morre).

JORNALISTA (recontrando) - Para essa eleição, pessoal, não adianta mais nada. Acabou a festa. Para com isso. Não interessa quem vai ganhar (entram todos. No meio vem também espíritos, prostitutas e todos os demais personagens, vestidos cada um do seu jeito. Não fica ninguém fora de cena).

LÍDER - Parar a eleição por que?

ZÉQUINHA - Que idéia mais maluca: eu estava na frente.

LÍDER - Era eu que estava na frente.

MILIONÁRIO - Vamos decidir essa parada logo de uma vez.

JORNALISTA - Agora não adianta. Não adianta mais.

ZÉQUINHA - Não adianta?

LÍDER - Por que não adianta?

JORNALISTA - Por que não há mais ninguém a governar. José da Silva morreu (reusa).

ZÉQUINHA - Quem era José da Silva?

LÍDER - Nunca o vi mais gordo.

MILIONÁRIO - José da Silva? Quem era?

FAGRO - Ninguém conhece José da Silva...

JORNALISTA - Sem José da Silva não há eleição. A eleição escolhe quem governa: agora não há quem governar. José da Silva morreu.

LÍDER - Não tem inortância: a gente faz eleição pra escolher quem governa e o que perder, fica sendo o governado.

ZÉQUINHA - Então eu governo você.

LÍDER - Não, isso não. Eu não quero ser governado. Quero governar você.

MILIONÁRIO - Não. A mim ninguém governa. Eu governo você.

ZÉQUINHA - Vamos eleger os governados (protestos gerais).

TODOS - Eu sou governante. Eu também. Eu também. Não quero ser go-
vernado.

JORNALISTA - Ninguém quer ser governado. José da Silva era gover-
nado. Agora que morreu também não há governante. Até o Anjo da /
Guarda já foi embora.

LÍDER - Se eu soubesse que êle era tão importante, pelo menos de-
va-lhe um emprêgo prá não morrer de fome.

ZÉQUINHA - Engraçado: ninguém sabia quem era José da Silva.

JORNALISTA - Já que foi tão esquecido em vida, não podemos enter-
rá-lo em silêncio.

LÍDER - Você tem razão. E a politica não pode estar alheia ao se-
multanento. Podem me dar a palavra que eu falarei por mim e por
nós todos.

TODOS - Mais discurso! Chega de encheção.

LÍDER - É mais que um discurso: é uma encomenda da sua alma às
instâncias superiores. É mais do que a encomenda, uma surpresa.

JORNALISTA - Tem pois, a palavra, o líder, que fará o elogio do fa-
lecido, e usarei mesmo dizer, seu panegírico (o Líder prepara-se
e fala. Seu discurso deve ser demagógico e duro. Deve ser cruel).

LÍDER - Senhor cadáver, aqui presente
e também alma do defunto
que não deve estar presente
Senhores membros do entêrro;
José da Silva, operário,
aqui jaz por nosso êrro
Um operário o que é?
Pequena formiga que constrói
Muralhas contra a corrupção
Desta formiguinha, agora morta,
dependeu o futuro da nação
Operário contrói fábrica, pasta de dente,
é êle que faz catedral, bonde, cachorro quente
Pinga, vodka, whiskey
é operário que faz...
Pobre Zé da Silva
que ora aqui jaz
Vou fazer revelação:

Sem José, a formiguinha,
o que seria do patrão?
Político faz discurso
Mas é o operário que paga.
Faremos pois uma surpresa:
não o deixemos partir
para as águas do Aqueronte
sem carregar um discurso
e um beijo em sua fronte
(Dois membros do entêrro levantam José e o colocam em cima de um pedestal, em posição de estátua de mendigo).

A surpresa é um monumento.
Título do Operário Desconhecido
E a morte de José vem a propósito
Será o defunto fundamental
Vela não é preciso
basta só uma inscrição
arrancada a duras penas
de dentro do coração.
"Jose da Silva aqui jaz.
Quem era, quem não era,
Ou porque foi que morreu,
pouco importa, tanto faz,
Já que a Pátria agradece.
Obrigado José da Silva,
pois tu morreste por mim.
Foi duro fazer tanta rima,
mas agora chego ao fim"

ZEBUINHA - Agora compreendo a minha antiga condição. Mas se é verdade que tudo depende do operário, o que é que vamos fazer, já que esse morreu?

LÍDER - Parece que entramos bem.

ZEBUINHA - Precisamos descobrir outro operário que é prá gente / continuar roubando.

LÍDER - Claro que precisamos.

ZEBUINHA (observando o coveiro que cuida de José) - Coveiro é operário?

LÍDER - É. Coveiro é operário.

ZEBUINHA - Então achamos (precipitam-se todos atrás do coveiro, que foge assustado. Ficam apenas o narrador do começo da peça e uma atriz. Os dois cantam simultaneamente).

NARRADOR - Morreu de barriga.
 Morreu de barriga
 Morreu de barriga vazia (bis)

ATRIZ - Eu sou pobre, pobre, pobre
 de marré, marré de sim (bis)

NARRADOR - José é um que morreu.
 Mas vocês ainda não.
 Aqui acaba a Revolução.
 Lá fora começa a vida;
 e a vida é compreender.
 Ite embora, ide viver.
 Podeis es uecor a peça
 Deveis apenas lembrar
 que se teatro é brincadeira,
 lá fora... é pró valor.
 (cantando enquanto sai)
 Lá se vão os governantes
 Aqui não fica ninguém
 Fica o homem que morreu
 e a mulher que diz onem.

(A LUZ SAI EM RESISTENCIA)

F I M



18 SET 10 29 006800

 SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
 SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

DCDP / BSB

Ofício: nº 236/84 -SCDP/SR/RS

EM: 31.08.84

DO: Chefe do SCDP/SR/RS

ENDEREÇO: Av. Presidente Roosevelt, 420

AQ: Sra. Diretora da DCDP

ASSUNTO: Encaminhamento (faz)

Conforme determina a Portaria nº 017/78-DCDP, de 13/07/78, estamos anexando a este, para o fim previsto na letra "d" da mesma portaria, os documentos a seguir:

- 1 - uma via do "script" da peça teatral intitulada REVOLUÇÃO NA AMÉRICA DO SUL
_____, de autoria de
AUGUSTO BOAL;
- 2 - requerimento do interessado;
- 3 - relatórios da comissão técnica;
- 4 - relatórios do ensaio geral;
- 5 - uma via do Certificado de Censura provisório.

Atenciosamente,

João Bispo da Hora
Chefe do SCDP/SR/RS

1 - EMPRESA OU GRUPO (se houver)

Nome: Grupo "Presença" (teatro amador) CGC _____

Sede: Santa Maria CEP 97.100

Director ou respnsável Pedro Freire Jr.

2 - DADOS DO AUTOR

Nome: _____

Pseudônimo: _____ Filiação _____

Nacionalidade _____ Naturalidade _____

Data do Nasc. _____ Identificação _____

Estado civil _____

Profissão _____

Endereço _____

CEP _____

3 - PARCERIA

Nome: _____

Pseudônimo _____ Filiação _____

Nacionalidade _____ Naturalidade _____

Data do nascimento _____ Identificação _____

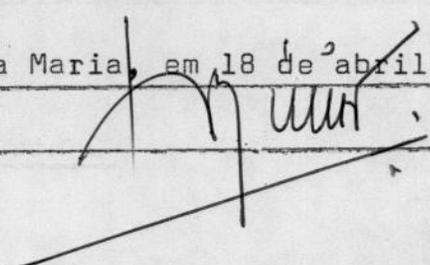
Estado Civil _____

Profissão _____ Endereço _____

CEP _____

Declaro que a matéria a ser examinada nunca foi submetida à apreciação dessa DCDP (excetuando os pedidos de renovação de certificado ou de confronto de texto), assumindo, inteira responsabilidade pelas informações aqui prestadas.

Data: Santa Maria, em 18 de abril de 1984.

Ass.: 



Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920

Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores

Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO

Rio de Janeiro — Brasil

AUTORIZAÇÃO PARA ESPETÁCULO TEATRAL

Nº 32156

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920, mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigos 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2415, de 9-2-1955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946 e artigo 1.º do decreto n.º 1.023, de 17-5-1962 e da Lei n.º 5.988, de 14-12-1973, o espetáculo teatral:

"EVOLUÇÃO NA AMÉRICA DO SUL"

Original de Augusto Boal

Música de —

Tradução de —

Direção de Pedro Freire Jr

No Teatro —, Cidade SANTA MARIA

Empresa Grupo Presença Pela Cia. —

nos dias 12 de Junho/84

sob condições de pagamento dos respectivos direitos autorais na base de 12%

de renda bruta de cada espetáculo, com a garantia mínima de Cr\$ 12.000,00

por espetáculo, obrigando-se a Empresa a fornecer, à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

Esta autorização obriga a Empresa, implicitamente, a pagar à SBAT a mesma cota percentual, a título de direitos autorais, sobre as importâncias que receber de qualquer entidade, pública ou privada, Repartições Federais, Estaduais ou Municipais, desde que tais recebimentos a obriguem a conceder ingressos, no todo ou parte da lotação, ou reduzir os preços dos mesmos, a qualquer título.

Da mesma forma obriga-se a Empresa a incluir nos bordereau da receita, como ingressos vendidos a preços normais, todos os que forem utilizados por sócios cotistas da Empresa ou do próprio teatro, para os efeitos da cobrança do direito autoral.

Santa Maria

12 de

Junho

de 19

84

Esta via de Autorização não vale como recibo. Deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes. — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.

pela (SBAT)

"REVOLUÇÃO
NA
AMÉRICA"
DO SUL

Augusto Boal

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0098, p. 104

PRIMEIRO ATO



CENA UM — PORQUE MOTIVO JOSÉ DA SILVA PEDIU
AUMENTO DE SALÁRIO MÍNIMO

A cena está vazia. Os próprios atores devem trazer os poucos elementos necessários à ação. Cadeiras só devem ser usadas quando absolutamente necessárias. Máxima economia em objetos de cena. Luz. Toca a sirene da fábrica. Hora do almoço. Entra JOSÉ DA SILVA e seu amigo, ZÊQUINHA TAPIOCA. Zêquinha traz uma marmitta do tamanho aproximado de um estôjo de injeção. José vem de mãos abanando. Os dois sentam-se no chão.

ZÊQUINHA - A gente trabalha feito um burro de carga, de manhã até de noite, e quando acaba, olha o tamanho do meu almoço...

JOSÉ - Você até parece a minha mulher: vive se queixando...

ZÊQUINHA - Tá tudo errado! A gente devia fazer qualquer coisa!

JOSÉ - Fazer o quê?

ZÊQUINHA - Uma revolução!

JOSÉ - É, uma revolução ia bem. Mas vamos almoçar primeiro (esfregando as mãos). O que é que você tem hoje?

ZÊQUINHA (sempre resmungão) - A mesma gororoba de sempre: feijão com arroz.

JOSÉ - Tá com cheiro bom, diferente. Será que tem carne?

ZÊQUINHA - Claro que não.

JOSÉ - Claro por que?

ZÊQUINHA - Hoje não é domingo... (começa a desembulhar a marmitta).

JOSÉ - Posso dar uma cheiradinha? (os dois cheiram).

ZÊQUINHA - É, o cheiro tá diferente...

JOSÉ - Tá com jeito de ser almôndega.

ZÊQUINHA - Não, porque se fôsse, tinha macarrão também, e se tivesse macarrão, tinha que ter queijo. Isso não tá com cheiro de queijo.

JOSÉ (exultante, eufórico, feliz) - Já sei! Descobri!



punhos cerrados). Eu quero marmelada! Marmelada!» (entra a mulher. José fala agora em tom baixo e brando). Marmelada...

MULHER - Gritar você sabe, mas aposto como ainda não foi pedir aumento.

JOSÉ (tímido) - Eu estava conversando aqui com o Zêquinha sobre a idéia de fazer uma revoluçãozinha. Você não acha revolução uma boa idéia!

MULHER - Vim te avisar pela última vez: não me ponha os pés lá em casa enquanto não trouxer mais dois contos e oitocentos por mês!

JOSÉ - Pra que essa fortuna?

MULHER - Já esqueceu que tem que pagar escola pro teu filho mais velho?

JOSÉ - Escola? Mas nós não somos milionários, meu bem! Pra que pôr o nosso filho na escola?

MULHER - Tem que comprar chupeta pro menino que nasceu ontem!

JOSÉ - Isso é que não: chupeta é anti-higiênico!

MULHER - E ele vai morrer de fome?

JOSÉ - Dá de mamar aí... (aponta o seio dela).

MULHER - E onde é que você pensa que eu tenho leite? Não te pedi pra trazer uma malzbier ontem? Sem malzbier não tem leite, tem que comprar chupeta!

JOSÉ - É... pelo menos o menino pensa que está mamando.

MULHER - Que é que você está esperando? Vai pedir aumento!

JOSÉ - Vou sim, depois do almoço.

MULHER (saindo) - E não me volte pra casa sem o dinheiro! (vai sair).

JOSÉ - Escuta meu bem, você ia esquecendo de me dar o almoço.

MULHER - Que almoço, seu desavergonhado? Então você pensa que vai comer todo dia? Não é milionário pra pôr o nosso filho na escola, mas é milionário pra comer todo santo dia! Vai pedir aumento! (sai).

JOSÉ (triste) - O que é que eu faço?

ZÊQUINHA - Revolução (come).

JOSÉ - Eu vou é falar com o patrão!

ZÊQUINHA - Pensa que adianta?

JOSÉ - Quem sabe, ele tem bom coração.

ZÊQUINHA - Na fábrica ele quer é ficar rico.

JOSÉ - Primeiro eu vou contar a minha miséria. Se ele disser que não, aí eu ameaço! (exaltando-se). «Eu vou pra rua de faca, pau e navalha! Esse aumento de salário tem que sair! Já fui explorado a minha vida inteira! Eu quero aumento! Nós queremos aumento!» (luz no patrão que pode entrar no escuro carregando a sua mesa e cadeira. Usa cartola e casaca. Maquiagem exagerada de homem mau. Está sentado, somando, José da Silva, humilde, tira o chapéu que põe no peito, abaixa a cabeça e fala em tom submisso). Patrãozinho. Eu vim aqui porque, sabedor que o senhor tem bom coração, vim pedir, se fôsse possível, um aumento. Um aumentozinho, bem pequeninho! (o patrão continua somando, sem olhar para ele). Porque do contrário, eu não posso mais trabalhar. Vá lá que eu não almoce todo o santo dia, também não sou exigente, mas pelo menos de vez em quando. E se o senhor me dá um aumento de dois contos e oitocentos... (o patrão move o braço). O que é que o senhor deseja? Apertar êsse botão? Pois não, às ordens (aperta o botão. Toca uma campainha. Entram dois homens. José não os vê). E oitocentos, dizia eu, eu podia comer melhor e trabalhar mais pro senhor. Quem saia lucrando era Vossa Excelência e Excelentíssima família, que podia comprar mais um cadillac sedan de quatro portas, o que aliás é muito justo (os dois homens obedecem a um sinal, seguram-no pelo fundilho, e põem-no para fora. Limpam as mãos e saem). Patrão, patrãozinho! Eu ainda não acabei de falar. Isso aqui é uma democracia (apaga a luz do Patrão). Isso aqui é uma democracia, ou aqui se habla castellano?

ZÊQUINHA - Está tudo errado!

JOSÉ - Eu quero ver a hora que eu morrer de fome, como é que ele vai ganhar dinheiro!

ZÊQUINHA — Vai pra rua de faca, pau e navalha!

JOSÉ - Então vamos logo fazer essa porcaria dessa revolução!

ZÊQUINHA - Como é que se come marmelada?

JOSÉ (quebra) - Pondo na bôca (olha com gula).

ZÊQUINHA (desajeitado) - Assim?

JOSÉ - Vou te ensinar (esquece a revolução). Primeiro você corta



um pedacinho com a faca, assim. Depois você abre a boca e fecha os olhos, assim. Vai prestando atenção. Depois tira a faca e mastiga, assim (**mastiga didaticamente**). Agora engole.

ZÊQUINHA — Ah...

JOSÉ - Não entendeu, não tem importância. Eu explico de novo! Primeiro você pega a faca... (**enquanto procura a faca Zêquinha, rápido, engole o pedaço que sobrou**).

ZÊQUINHA - Assim vai mais depressa! (**toca música semelhante ao prefixo musical do Reporter Esso. Luz no Jornalista**).

JORNALISTA - E agora, meus amigos, uma notícia de transcendental importância! O governo, atendendo a uma solicitação do clamor popular, resolveu aumentar o salário mínimo em dois contos e oitocentos! A boa nova, como era de se esperar, foi recebida alvissareiramente pelas classes trabalhadoras! Não haverá pois, necessidade de uma revolução! E aqui temos o nosso mavioso amigo, o Líder, que dará as suas impressões vocais sobre a suprema felicidade das classes trabalhadoras em possuir um governo capaz, digno, honesto e zombeteiro! Convosco, o Líder (**o Líder levanta os braços cumprimentando o povo que começa a entrar em cena**).

LÍDER - Meus amigos, eu vos saúdo em nome do povo, em nome do governo, em nome da nação! O povo está de parabens! O governo está de parabens! O futebol está de parabens! (**começa a tocar uma charanga fora de cena**). Foi concedido novo aumento de salário! O salário mínimo atingiu o seu teto máximo até hoje jamais alcançado nestes rincões da América do Sul. O homem da rua exulta! A mulher da rua exulta! (**acompanha charanga**). A vida agora é mais fácil! É o Éden terrestre que se aproxima a passos largos! Graças a um ato do governo, o Arcanjo Gabriel baixou a sua espada, e o homem do povo pode agora penetrar nos jardins do Paraíso terrestre dos bens da vida, que não eram por ele freqüentados desde o lamentável incidente com Adão e Eva. O proletário agora, com este inaudito aumento, é um capitalista! Ide para as ruas, mas... cuidado: nada de revolução! Comprai as vossas mercadorias, comprai o vosso pão! E antes de comê-lo, dai vivas à figura histórica do nosso amado e benquisto governo! (**apaga-se a luz no Líder que sai. Ficam em**

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0098, p. 107



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0098, p. 108

cena os compradores, em número mínimo de dois: Homem do frete e do pneu, além de Zêquinha e José da Silva, e mais um feirante).

CANÇÃO DA FEIRA

POVO - Tá na hora
Tá na hora (bis)
da feira começar.

VENDEDOR - Nois viêmo prá vendê

POVO - Nois viêmo prá comprá

VENDEDOR - Nois viêmo prá vendê

POVO - Nois viêmo prá comprá

TODOS - Na feira tem laranja
Na feira tem verdura
Na feira tem feijão
E também tem rapadura

VENDEDOR - Olha essa laranja
Tão doce como mel
É preciso pagá caro
Ela não caiu do céu

POVO - Teve gente prá plantá

VENDEDOR - Teve gente prá cuidá

POVO - Teve gente prá colhê

VENDEDOR - Teve gente prá trazê
Tenho eu prá vendê

POVO - E tem nós prá comprá

VENDEDOR - Porém para comprá
é preciso trabalhá
Porque para plantá
Foi preciso trabalhá

POVO - Olha essa laranja
Tão doce como o mel
É preciso cobrá caro
Ela não caiu do céu

POVO - Teve gente prá plantá

VENDEDOR - Teve gente prá cuidá

POVO - Teve gente prá colhê

VENDEDOR - Teve gente prá trazê
Tenho eu prá vendê



POVO
POVO

- E tem nós prá comprá
- Mas o que a gente ganha
Não pode tudo comprá
Não dá prá bem vivê
Não dá prá mim comê
Só dá prá continuá
Outra vez a trabalhá
Só dá prá continuá
Outra vez a trabalhá
Olho por olho
Dente por dente
Dente por olho
Olho por dente

VENDEDOR - (com o aparecimento de um guarda)
Quem não trabalha não come

FIM DA CENA UM

CENA DOIS — GRANDE PRÊMIO BRASIL: CORRIDA
ENTRE O SALÁRIO MÍNIMO E O CUSTO DE VIDA

FEIRANTE - Sai um pão e laranja.
JOSÉ - Que foi que você disse?
FEIRANTE - Eu disse: «Sai um pão e laranja!»
JOSÉ - Que idéia é essa, que tôda vez que eu passo pela sua barraca, você grita: «Sai um pão e laranja». Ficou maluco!?
FEIRANTE - Pensei que fôsse almoçar.
JOSÉ - Eu vou almoçar.
FEIRANTE (rotina) - Sai um pão e laranja!
JOSÉ - Hoje eu vou comer! A minha vida inteira almocei pão e laranja, mas hoje vou tirar a barriga da miséria! Uúúiii! Estou com uma fome!...
FEIRANTE - Você ganhou no bicho?
JOSÉ - Saiu aumento de salário mínimo! (cantando). Salve lindo pendão da esperança, salve símbolo augusto da paz...
FEIRANTE - Ah, saiu aumento e ninguém me avisou... (começa a trocar os preços afixados nas mercadorias). É por isso que está todo mundo comprando, comprando... Quanto foi?
JOSÉ - Dois contos e oitocentos por mês.
FEIRANTE - Pode escolher aí no cardápio!
JOSÉ - Me dá um quilo de filé minhão!
FEIRANTE - Com osso ou sem osso?
JOSÉ (sempre alegre, liberto) - Um quilo de filé minhão sem osso, que eu não sou cachorro!
FEIRANTE - Duzentos paus! (diz o preço certo).
JOSÉ - O quê?
FEIRANTE - Filé minhão sem osso: 200 paus!
JOSÉ (pensa um pouco, depois se recupera e fala de novo animado) - Então me dá um quilo de filé alcatra.
FEIRANTE - 100 paus.
JOSÉ - Coxão duro?

FEIRANTE — Cinquenta.
JOSÉ - Bofe?
FEIRANTE - Trinta.
JOSÉ (explodinho) - Me dá um osso!
FEIRANTE - Preço de liquidação: dez paus.
JOSÉ - Não tem um mais mole? (tenta mastigar o osso inútilmente).
FEIRANTE - Deixa de luxo: osso tem proteína e carbo-hidratos, sem falar em fosfato que serve pra inteligência e cálcio pro esqueleto.
JOSÉ - A minha dentadura está tôda cariada! (devolve o osso).
FEIRANTE - Toma cálcio que fortifica.
JOSÉ - De mole só tem verdura, é?
FEIRANTE - Bom pros intestinos.
JOSÉ - Há cinco anos que eu tenho desinteria: capaz de me fazer bem.
FEIRANTE - Brócoli?
JOSÉ - Engraçado: tem nome de comida que eu nem sabia que existia.
FEIRANTE - Vinte paus.
JOSÉ - Não sabia por causa do preço.
FEIRANTE - Alface é quinze.
JOSÉ - E batata? Feijão com arroz?
FEIRANTE - Só pensa em artigo de luxo!
JOSÉ - Capim tem vitamina?
FEIRANTE - Depende da qualidade: o que eu vendo aqui, é o único que tem clorofila.
JOSÉ - Serve pra que?
FEIRANTE - Pros olhos. Comendo o meu capim você vê tudo verde. Economiza óculos «ray-ban».
JOSÉ - Então me dá cinco cruzeiros de capim.
FEIRANTE - Leva um pouco pra estoque.
JOSÉ - Acho que dá: tenho só onze filhos.
FEIRANTE - Cinco cruzeiros de capim, sai!
JOSÉ - E pro meu almôço agora, vou comer pão e laranja mesmo.
FEIRANTE - Pão não tem.
JOSÉ - Acabou?



FEIRANTE - Que é que você quer: há meio ano não vem trigo da Argentina.
JOSÉ - Vai só a laranja. Quando chegar o trigo da Argentina me avisa.
FEIRANTE - Pode ir pagando.
JOSÉ - Sete cruzeiros.
FEIRANTE - Que é isso?
JOSÉ - Cinco do capim, dois da laranja.
FEIRANTE (bronqueado) - Você pensa que eu sou palhaço? Está querendo desprestigiar a minha mercadoria? Onde é que já se viu comprar uma laranja pera do Rio por dois cruzeiros?
JOSÉ - Não leve a mal, mas quando eu cheguei o senhor mesmo...
FEIRANTE (enfurecido) - Isso foi quando você chegou! Faz mais de cinco minutos!
JOSÉ - Já subiu?
FEIRANTE - Claro que subiu! Tenho que progredir os preços também.
JOSÉ - Então o que é que adianta aumentar o meu salário?
FEIRANTE - Sei lá eu! A culpa não é minha. Não tenho nada com isso!
JOSÉ - E quem é que tem a culpa?
FEIRANTE - Isso eu não sei.
JOSÉ - Mas tem que saber! Por que foi que você aumentou a laranja?
FEIRANTE - Porque aumentou o frete!
JOSÉ - Então a culpa é de quem aumentou o frete!
HOMEM DO PNEU (comendo) - Ai é que você está errado. A culpa não é minha!
JOSÉ - Mas se foi você que aumentou o frete!
HOMEM DO FRETE - Eu aumentei o frete, porque aumentou o pneu!
JOSÉ - Ah, então a culpa é de quem aumentou o pneu!
HOMEM DO PNEU (comendo) - Ai é que você está errado. Eu não tenho culpa nenhuma.
JOSÉ - Não foi você que aumentou o pneu?
HOMEM - Não posso dizer que não.



JOSÉ - Então a culpa é tôda sua!
 HOMEM DO PNEU - A culpa não é minha não. Se eu aumentei o pneu, é porque também aumentou a borracha!
 JOSÉ - Agora nós descobrimos. O culpado de todos êsses aumentos, é quem aumentou a borracha.
 FEIRANTE - Claro que a culpa é dêle?
 JOSÉ - Quem foi que aumentou a borracha?
 FEIRANTE - Foi o teu patrão.
 JOSÉ - Então a culpa é do meu patrão.
 PATRÃO - A culpa não é minha não.
 JOSÉ - Mas, patrãozinho, tem que ser. Pois se eu acabei de saber que o senhor aumentou a borracha.
 PATRÃO - O que é que eu podia fazer?
 JOSÉ - Tava tão bom o preço que tava.
 PATRÃO - E o teu aumento, quem é que dava?
 JOSÉ - Então a culpa é minha?
 PATRÃO - Não foi você que pediu aumento? A culpa é sua, é claro que tem que ser.
 FEIRANTE - A culpa é tôda sua que me pediu aumento primeiro! (sai o patrão).
 FEIRANTE - É, José da Silva, você é que tem culpa (José começa a rir).
 JOSÉ - Não, a culpa não é minha, não. Eu pedi aumento porque a minha mulher mandou eu pedir.
 FEIRANTE - Então a culpa é dela.
 TODOS - Éééééé...
 JOSÉ - Também não é: ela mandou eu pedir, porque o nosso filhinho que nasceu ontem, estava chorando de fome (faz gesto mostrando o menino pequenininho).
 FEIRANTE - Que maravilha: então a culpa é do seu filho!
 JOSÉ - Que garoto saúdo!
 FEIRANTE - Que coisa extraordinária!
 JOSÉ - Mal acabou de nascer e já está desorganizando as finanças do país (joga fora o gesto do menino). Nessa terra está tudo errado por causa do meu filho! Quando chegar em casa, vou-lhe dar uma surra que êle não vai esquecer.

FEIRANTE (entusiasmado) - Quebra a cara do menino em nome do bem estar da nação!
 JOSÉ - O govêrno devia baixar um decreto proibindo criança chorar quando tiver fome. Agora eu vou embora almoçar em casa.
 CONDUTOR DE BONDE - Vila Mazei! Quem vai pra Vila Mazei? (todos os figurantes fazem mímica de passageiros aglomerando-se atrás do motorneiro).
 JOSÉ - Eu.
 CONDUTOR - Pode subir! (estende a mão para receber a passagem).
 JOSÉ - Não precisa dar a mão que eu subo sozinho.
 CONDUTOR - Paga, engraçadinho.
 JOSÉ - Pronto (paga).
 CONDUTOR - E o resto?
 JOSÉ - Também subiu?
 CONDUTOR - Vamo s'imbora, quem num paga vai a pé, tlin, tlin (sai).
 FEIRANTE - Não reclama, velhinho: você pediu aumento, o motorneiro pediu aumento, o Pelé pediu aumento, a borracha pediu aumento, o vigário pediu aumento, todo, todo mundo pediu aumento. E quem é que vai pagar tanto aumento?
 JOSÉ - Eu!
 FEIRANTE - Você pede aumento, e você paga! E de quem é a culpa?
 JOSÉ - Do meu filho!
 FEIRANTE - O remédio é ir pra casa a pé.
 JOSÉ - Tudo por causa do menino.
 FEIRANTE - Andar a pé é um exercício tão bom como nadar. Você faz muito bem: vai todo dia a pé pra Vila Mazei. Acorda duas horas mais cedo e vem respirando o ar da madrugada! Vida cara tem as suas vantagens. Aumentando o preço da condução nós teremos um povo sadio, de faces rosadas, um povo que faz ginástica pra poder viver! A lei do aumento é uma lei sábia! E o govêrno que aumenta, é um govêrno sábio!
 JOSÉ - Só tem uma coisa: pra eu acordar duas horas mais cedo, tenho que acordar duas horas antes de ir dormir.

X
↑
FEIRANTE - De fato ainda não se pensou nesse detalhe.

JOSÉ - Mas já que eu não vou pra casa, fica me sobrando o dinheiro da passagem. Me dá uma laranja (sonoplastia: Barulho de carro freiando violentamente). Que... Que foi isso? Desastre?

FEIRANTE - Cadillac Sedan quatro portas conversível (entra a madame). Madame?

MADAME — Duas laranjas.

FEIRANTE - Pra comer ou pra levar?

MADAME - Embrulha pra presente.

FEIRANTE - Papel celofane e fio de ouro. Às suas ordens, madame.

MADAME - Pode ficar com o trôco (sai. Ruído de partida).

FEIRANTE - Manuel de Oliveira, secos e molhados, carnes e verduras, barraca setenta e nove (curva-se e leva um pontapé de José).

JOSÉ - A minha não precisa papel celofane.

FEIRANTE - Acabou, vai fechar.

JOSÉ - Não tem mais?

FEIRANTE - Não guardo estoque. Quando elas chegam já estão quase podres, não posso ficar arriscando.

JOSÉ - Não sobrou nada?

FEIRANTE - Limão galego e uma melancia.

JOSÉ - Limão não gosto, me dá a melancia!

FEIRANTE - Cinquenta paus.

JOSÉ - Pode ser na prestação?

FEIRANTE - Depende do avalista (luz no Patrão).

JOSÉ - Patrãozinho, desculpe estar incomodando a tôda hora, mas como vai o doutor? Em casa todos bem? E a família, e a madame patrôa?

PATRÃO - Que é que você quer?

JOSÉ - Comprar uma melancia.

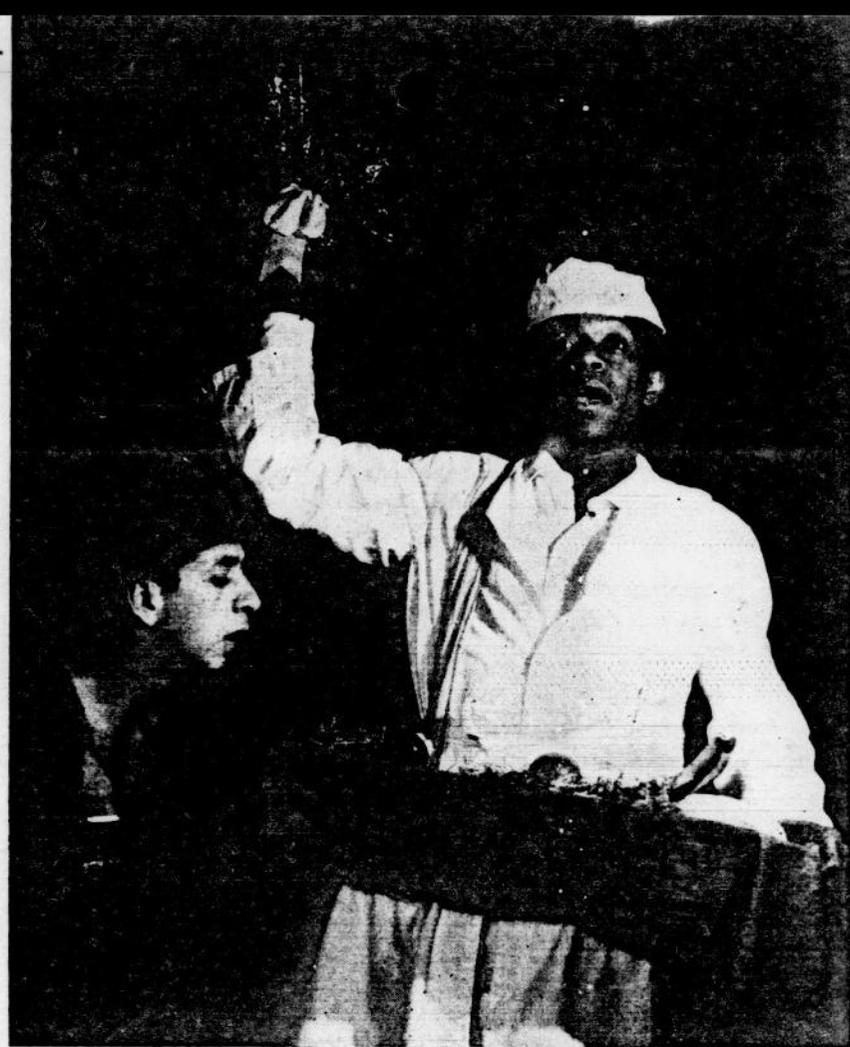
PATRÃO - Perdulário: tanta gente passando fome e você comprando artigo de luxo.

JOSÉ - Também comprei capim pros meus filhos!

PATRÃO - Capim pros filhos, melancia pra êle.

JOSÉ - Quer ser o meu avalista?

PATRÃO - Claro que não.





JOSÉ - Mas eu não tenho mais ninguém no mundo, a não ser o meu patrãozinho.

PATRÃO - Eu não sou mais seu patrão: você está despedido.

JOSÉ - Mas que foi que eu fiz?

PATRÃO - Pediu aumento.

JOSÉ - Foi o meu filho!

PATRÃO - Como é que eu vou manter gente desocupada na minha fábrica? Aumentei a borracha e agora ninguém compra! Vou te pagar pra não fazer nada? Sabotador! É por sua causa que esse país não vai pra frente! (saí).

FEIRANTE - Como é, arranjou o avalista? Você paga noventa por cento de entrada e o resto numa suave prestação mensal no dia seguinte.

JOSÉ - Acho que vou morrer de fome!

FEIRANTE - Não caia nessa asneira.

JOSÉ - Não tem outra solução: eu não como!

FEIRANTE - Com essa porcaria de aumento que você pediu aumentou tudo, inclusive a madeira pra fazer o teu caixão! Sem falar em velas, sem falar em missa de sétimo dia!

JOSÉ - Olha, ir pro Inferno, nessa altura, já não me preocupa muito, não viu? Acho até que não tenho mais intestinos.

FEIRANTE - Só tem uma saída, velho: vai na Câmara dos Deputados.

JOSÉ (feliz outra vez) - Ééééé mesmo! Como é que eu não tinha pensado nisso? Eu vou te dizer a verdade: eu estava quase perdendo a fé nesse país, mas ainda bem que tem a Câmara dos Deputados! Imagina se não tivesse: eu estava perdido! Agora me voltou a fé!

FEIRANTE - É melhor não ter tanta fé assim!

JOSÉ - Nem preciso mais morrer.

FEIRANTE - Chupa o teu limão galego, depois da sobremesa chupa o dedo, e vai tocando em frente! Morrer está caro demais. Toma o teu limão, paga amanhã.

JOSÉ (senta no chão, começa a tirar vidrinhos do bolso). - Um pouco de vinagre, um pouquinho de sal, pimenta do reino... Quanto mais arder no estômago, mais eu tenho a impressão de que estou comendo uma feijoada carioca! Ah, uma feijoada agora ia bem!

FIM DA CENA DOIS

**CENA TRÊS — JOSÉ DA SILVA, CHEIO DE FÉ, PEDE
EMPREGO NA CAMARA DOS DEPUTADOS**

Estão em cena o Líder da Maioria, e três deputados vestidos profissionalmente: lenço escondendo a boca, boné, capa escura, lanterna elétrica. José da Silva e Zêquinha Tapioca assistem à cena das galerias. A cena começa em trevas.

LÍDER (ainda no escuro) - Meus nobres colegas. Raramente vos tenho falado com tanta gravidade, e se assim vos falo, é porque a situação é grave (acendem-se as luzes). O que vem de acontecer, põe em perigo a própria indústria nacional!

JOSÉ - Que bonito! Eu não disse que era preciso ter fé?

DEPUTADO - O dólar subiu (grita enfático, depois emudece e volta a fazer tricô, tranqüilo).

LÍDER - E uma nação sem indústria é... uma nação sem indústria, o que absolutamente não é a mesma coisa.

TODOS - Muito bem!

LÍDER - E não sendo a mesma coisa, o futuro da nação repousa em nós!

TODOS - Apoiado!

JOSÉ - O que será? Estão falando em indústria! Deve ser alguma coisa boa.

LÍDER - E repousando em nós, não podemos eludir esta tarefa histórica. Proponho, pois, nobres colegas, uma proposta! Deverá ser aceita sem ressalvas, correções, emendas ou mugidos de descontentamento. Antes, porém, quero passar a palavra a quem quiser fazer uso da palavra.

JOSÉ (num ímpeto) - Eu queria dizer que eu tenho fé. Que sem Vossas Excelências, nós o povo, não seríamos nada!

DEPUTADO - Apoiado! (volta a ler Gibi Mensal).

LÍDER - A galeria não se manifesta!



JOSÉ - Deus vos abençoe!

ZÊQUINHA - Cala a boca, Zé da Silva, eles estão trabalhando.

JOSÉ (para Zêquinha) - Não sei do que se trata, mas tenho pressentimento de que eles vão arranjar uma solução pra gente.

DEPUTADO (tomando a palavra) - O que eu queria dizer, nobres colegas, é o seguinte: (veemente, patético). Eu estou a-bi-so-lu-ta-men-te de acôrdo.

DEPUTADOS - Bravo! Apoiado!

DEPUTADO - O dólar subiu! (como sempre, grita e desmaia. Os demais deputados se confraternizam).

LÍDER - Obrigado, obrigado, as massas estão comigo... (ritualístico). Ora, pois, considerando tratar-se de artigo de primeira necessidade; considerando que é necessário usá-lo, pois, do contrário o homem perderia toda a sua dignidade humana, resolvo: primeiro: é artigo de primeira necessidade; segundo: é necessário usá-lo; terceiro: eu me dou bem com qualquer marca!

DEPUTADO - Devemos prestigiar a indústria nacional!

JOSÉ - Muito bem!

ZÊQUINHA (aborrecido) - Você sabe o que eles estão tratando?

JOSÉ - Prestigiar a indústria nacional, pra mim, é me dar de comer!

LÍDER - Porém, como somos a vanguarda do povo, e portanto não somos o próprio povo...

DEPUTADO - O senhor é contra a indústria nacional?

LÍDER - Mesmo que fôsse não dizia, que eu não sou bêsta (sai do tom coloquial, e volta ao ritual). Não sendo o povo, dizia eu, precisamos ter alguma coisa que nos separe do cujo. Proponho, pois, que recomendemos à nação o uso de uma marca ligeiramente inferior, de procedência nacional, resolvendo assim o nosso problema relativo à importação de divisas, e nós, que somos a sua vanguarda, poderemos continuar usando papel higiênico Helena Rubinstein, côr de rosa!

TODOS - Salvamos a indústria nacional! Salvamos as divisas! Muito bem.

LÍDER - E para o povo nada?

TODOS - Tico-Tico! Tico-Tico! Tico-Tico-Tico-Tico! (em tom de hip hurra).

ZÊQUINHA - Viu?

JOSÉ (triste) - Pra mim não interessa muito, eu uso jornal...

LÍDER - Já que chegamos a esta conclusão tão sábia, farei meu secretário redigir um discurso de improviso no qual ficará provado que o meu partido salvou a indústria nacional de uma debacle total, com vistas ao próximo dia três de outubro (abraçam-se em círculo e cada um bate a carteira do nobre à direita).

DEPUTADO (sotaque evidente nortista) - Excelência! Eu gostaria de trazer para o plenário um fato muito desagradável! O meu tio, que é Pau-Ararense, me escreveu contando que o filhinho dêle estava no quintal brincando de esconde-esconde, quando de repente estourou uma bomba atômica no ar! Ora, isso não se faz.

LÍDER - Infelizmente essa matéria não está na pauta! (continua contando o produto da carteira alheia).

DEPUTADO NORTISTA - Mas, Excelência, a radioatividade é extremamente nociva ao desenvolvimento glandular da infância!

LÍDER - Que é que eu posso fazer? Não está na pauta!

DEPUTADO - Imagina se a bomba cai um poquinho mais pra baixo e explode no ouvido do menino? Podia levar um susto e ficar gago pro resto da vida!

DEPUTADO - Que... que... que horror...

DEPUTADO - Jogar bomba não é política de boa vizinhança.

DEPUTADO NORTISTA - Amigos, amigos, bombas atômicas à parte! Vão jogar bombinhas lá pras neguinhas dêles.

DEPUTADO - Mas terá sido de propósito?

LÍDER - Me contaram que foi sem querer. Até já mandaram pedir desculpas e avisaram que tem só mais duas bombinhas que vão testar no mesmo lugar, sem querer!

DEPUTADO - Ah, agora está explicado; foi sem querer.

DEPUTADO - Ainda assim é bom mandar o menino brincar dentro de casa.

DEPUTADO NORTISTA - E nós não vamos tomar nenhuma providência?

LÍDER (enfocado) - Nós não precisamos de providências! Precisamos é ser mais civilizados, mais elegantes, mais britânicos, e não ficar reclamando por qualquer coisa. Vamos confiar nos nossos ami-



gos! Não vos esqueçais de que o mundo atravessa uma grande crise! Avante, companheiros. Avante para a outra sala! O Líder da maioria vai receber o povo no seu regaço acolhedor! (levantam-se os Deputados e saem. Entra o Secretário).

JOSÉ - Óba, agora é a nossa vez! Eu vou pedir goiabada, e você?

ZÊQUINHA - Será que êles me dão dinheiro pra fazer uma revoluçãozinha? (entra o povo).

SECRETÁRIO - Excelência! Três beneméritos do povo vieram visitá-lo.

LÍDER - Manda entrar e limpar o pé no tapete.

SECRETÁRIO - Limpa o pé no tapete (entram os três Beneméritos).

LÍDER - Nome e assunto de cada um.

SECRETÁRIO - Nomes: Fulano de tal, Sicrano de Tal e Beltrano de Tal. Assunto, pra variar: dinheiro.

LÍDER (assustado) - Diz que eu não estou (vai fugir mas é seguro pelos presentes).

BENEMÉRITO DO ESPORTE - Mas já que nós estamos, eu gostaria de fazer um pedido.

LÍDER (sentando-se contrafeito) - Vou logo avisando que não dá pé. O Estado está num estado lastimável! Os cofres públicos foram depredados. Nem mesmo eu consigo arrancar mais dinheiro dêsse país. Estou quase abandonando a política (tôda vez que se fala em dinheiro êle tenta fugir e é detido).

BENEMÉRITO DO ESPORTE (em crescendo, demagógico) - Porém o dinheiro que peço é dinheiro sagrado e consagrado!

LÍDER - Vá, desembucha.

BENEMÉRITO DO ESPORTE - Vossa Excelência não ignora que o povo necessita do esporte, porque o esporte é vida e saúde.

JOSÉ - Isso mesmo, Benemérito: é melhor jogar futebol do que andar a pé por falta de condução!

LÍDER - Se der mais um palpite, mando evacuar as galerias!

BENEMÉRITO - Precisamos pois construir praças de esportes para alegrar os domingos do homem do povo! O povo gosta de futebol, o futebol é o esporte das multidões. As multidões fazem comícios. Os comícios fazem votos e os votos fazem um presidente! Se



vós derdes dinheiro ao povo, o povo vos retribuirá com a sua gratidão, e a sua gratidão se traduzirá nas urnas e as urnas vos elegerão!

LÍDER - Agora entendi. Quanto é?

BENEMÉRITO (sorridente) - Cinco mil contos, por baixo.

LÍDER - Paga êle aí. Mas quero ver todo mundo jogando bola na rua. Vamos acabar com o trânsito: é só futebol. Põe trave em tudo quanto é esquina. E não esquecer o palanque, para que eu possa me dirigir às massas trabalhadoras, e convertê-las ao meu credo! Assina o recibo.

BENEMÉRITO (preocupado com a contagem da quantia estipulada) - Excelência, aqui tem só quinhentos contos.

LÍDER - Então? Está certo.

BENEMÉRITO - Quinhentos contos é a minha comissão. E o resto que está faltando?

LÍDER - O resto é a minha, ou você pensa que eu sou relógio, pra trabalhar de graça (indignado). O povo se diverte jogando bola e eu, que não sei jogar, me divirto pelo meu credo. Assina logo e dá o fora.

BENEMÉRITO DO ESPORTE (resmungando).

LÍDER - Quem é o próximo?

BENEMÉRITO DAS DIVERSÕES - O próximo é o Carnaval!

LÍDER - Vai logo cantando o teu samba.

BENEMÉRITO DAS DIVERSÕES - Vossa Excelência anda tão preocupado com os afazeres públicos, como aliás acaba de demonstrá-lo brilhantemente, tão devotado à causa do povo, que, estou certo, não se apercebeu ainda da aproximação sorradeira de uma das grandes datas magnas da nossa civilidade: Três de Outubro.

LÍDER - Tô nessa boca!

BENEMÉRITO DAS DIVERSÕES - E como as eleições não tardam, precisamos desde já preparar os nossos préstimos carnavalescos, os nossos carros alegóricos. Para tanto, eu, o Benemérito das Diversões do Povo, preciso dinheiro. Quero antes informar-vos que o povo gosta de carnaval. O carnaval é o próprio povo, o povo são homens, os homens se dividem em homens propriamente ditos, mulheres e crianças, os maiores de dezoito anos são eleitores, os eleitores votam, e os votos consagram o vosso nome!

LÍDER - Fala em cifrão!

BENEMÉRITO - Fica por cinco milhão...

LÍDER - Tá bom (vai assinar. O Benemérito faz um gesto detendo a sua mão).

BENEMÉRITO - Cinco milhões, MAIS... a vossa digna comissão.

LÍDER (coçando a cabeça) - Então precisa passar pelo Tribunal de Contas pra ver se eles aceitam essa fórmula. Enquanto isso vai assinando (Benemérito assina). Quero ver todo mundo jogando futebol e cantando «Tristeza não tem fim, felicidade sim...» (canta).

BENEMÉRITO DO ESPÍRITO - O senhor me chamou?

LÍDER - Quem? Eu?

BENEMÉRITO DO ESPÍRITO - Falou em tristeza. Somos todos pobres sofredores e pecadores. Esta vida é um vale de lágrimas. O povo precisa sofrer. Através do sofrimento, através da dor, ganharemos o reino dos céus. E para a penitência nada melhor do que uma catedral de ouro, o ouro é o símbolo da virtude, a virtude é necessária ao povo, e, para poupar a vossa atenção, salto do povo ao púlpito, do púlpito às massas, das massas à Presidência. Como vêdes todos os caminhos conduzem às urnas.

LÍDER (piedoso) - Eu também tenho sofrido muito, sabe? Pensa que é bom estar no meu lugar? É muito triste ter dinheiro. Tenho que obedecer àquela sábia lei que diz: «Dai a César o que é de César, e dai a mim o que é meu». Por isso, não posso isentar a vossa subvenção da minha taxa, contudo rogai por nós, pecadores, agora e na hora das eleições.

SECRETÁRIO - Amém (Benemérito do Espírito assina).

LÍDER - Muito obrigado, santo homem, e fazei o povo sofrer para que tão mais cedo chegue aos céus e de lá ore por mim, que perma-neço nesta carne imunda e triste e... pecadora.

JOSÉ - Agora que não tem mais ninguém, vamos nós!

LÍDER - Agora que não tem mais ninguém, fecha o expediente.

JOSÉ - Tem o próximo.

LÍDER - Quem é o próximo?

JOSÉ - José da Silva, desempregado pede emprêgo.

LÍDER - Que é isso, meu filho? Por que você está dobrado assim?

JOSÉ - Dor de barriga.

LÍDER - Vai lá dentro, filho. Última porta à esquerda.
 JOSÉ - Fazer o quê? Eu não como há quinze dias.
 LÍDER - Não come por que? Ora essa!
 JOSÉ - Pedi aumento de salário.
 LÍDER - Mas eu dei!
 JOSÉ - Pois é: deu! E o patrão me despediu!
 LÍDER - Está vendo? Bem que eu era contra essa mania de aumentar salário mínimo todo fim de semana!
 JOSÉ - Vim aqui porque o senhor disse que a política é o povo.
 LÍDER - Linguagem cabalística: cada um interpreta pelo seu credo.
 JOSÉ - E como eu não posso trabalhar nem morrer, porque entêrro está caro, vim pedir emprêgo.
 LÍDER - Você vota?
 JOSÉ - Se agüentar até lá.
 LÍDER - Então não me fale em morte antes de três de outubro. Depois, já não faz tanto mal à Pátria.
 JOSÉ - Mas eu preciso de emprêgo agora.
 LÍDER - Que impertinência, menino, as eleições ainda demoram. Volta dia três. Não me viu dando dinheiro pra todos aqueles beneméritos? Você não estava de lá dizendo «muito bem, muito bem?» Então? Que é que você quer agora?
 JOSÉ - Excelência, eu não posso jogar futebol de barriga vazia, não posso cantar tristeza não tem fim morrendo de fome, e mesmo pra sofrer é bom estar bem alimentado.
 LÍDER - Os Beneméritos já levaram tudo. Espera. Espera três de outubro (nesse meio tempo já entraram outros esfarrapados).
 ESFARRAPADOS - Excelência. Estou com fome. Eu quero comer. Eu quero enterrar a minha mulher e não tenho dinheiro. Eu fui despedido. Eu não tenho emprêgo. Meu pai está de cama!
 (José da Silva, Zêquinha Tapioca e os três Esfarrapados cantam a «Canção do povo que espera dias melhores»).

LÍDER E
 BENEMÉRITOS - *Tenham paciência
 esperem mais um pouco
 porque dias melhores virão*

*apertem mais o cinto
 remendem um pouco as calças
 porque dias melhores virão.*

*rezem uma oração
 assistam o futebol
 cantem uma canção
 porque dias melhores virão*

*esqueça de comer
 de rir e de vestir
 porque dias melhores virão*

*pense o que vai ser
 o dia que há de vir
 porque dias melhores virão*

LÍDER - *E então, quando o dia chegar
 jogaremos flôres sôbre o riso tão feliz
 dêste povo tão valente e confiante
 que constrói nosso grande país.*

LÍDER E
 BENEMÉRITOS - *Mas tenham paciência
 esperem mais um pouco
 porque dias melhores virão
 porque dias melhores virão (fogem)*

POVO - *Esperar é uma palavra
 que diz tudo ao mesmo tempo
 sem dizer certo o que diz
 quem espera sempre alcança
 quem espera desespera
 quem espera sempre alcança
 é bom esperar sentado
 porque assim não cansa...
 É bom esperar sentado
 porque assim não cansa...
 porque assim...
 não cansa...
 não cansa...*

ESFARRAPADO — Tá tudo errado.
 ESFARRAPADO - A gente precisava é de uma revolução.



ZÊQUINHA (deslumbrado) - Meus irmãos! Até que enfim vos encontrei.

ESFARRAPADO - Por que? Você também acha?

ZÊQUINHA (excitadíssimo) - Já está tudo pronto. Tenho todos os planos aqui comigo. Pra fazer revolução não é preciso muita gente não, porque o povo adere logo. Pra ser revolucionário basta ter passado fome, e eu passei fome. Eu não passei fome, José da Silva?

JOSÉ - Nós dois.

ZÊQUINHA - Nós dois. Irmanados.

JOSÉ - Ele nem sabia o que era sobremesa. Lembra?

ZÊQUINHA - Eu nem sabia o que era sobremesa.

ESFARRAPADO - O que é sobremesa?

JOSÉ - Se você tiver uma aí, eu explico como é que come.

ESFARRAPADO - O povo não sabe o que é sobremesa.

ZÊQUINHA - Portanto vamos fazer a revolução.

ESFARRAPADO - Topado.

ZÊQUINHA - E pra revolução nada?

TODOS - Tudo.

ZÊQUINHA - Então como é, como é, que é?

TODOS - É...

ZÊQUINHA - Psiuuuu. Cuidado com a polícia (fala em sussurro). Nós não podemos ser apanhados... (todos fazem psiuuuu e olham em torno, vigilantes). Agora só tem uma coisa: o chefe sou eu.

ESFARRAPADO - Topado: e o responsável é você.

ZÊQUINHA (corrigindo) - Responsáveis somos nós todos, mas o chefe sou eu. Quem mais que vocês conhecem?

ESFARRAPADO - Vamos fazer uma reunião que eu trago todo mundo. O filho do meu patrão é estudante e conhece uma porção de gente.

ZÊQUINHA - Vamos na casa dêle?

ESFARRAPADO - Não na boite.

ZÊQUINHA - Que boite?

ESFARRAPADO - É onde êle se distrai com os amigos.

ZÊQUINHA - Mas nós vamos fazer uma revolução na boite?

ESFARRAPADO - Lá é melhor porque a polícia não desconfia.

JOSÉ - Olha, se revolução dá cadeia, é melhor eu ir pra casa.

ZÊQUINHA - Meus amigos: chegou a nossa hora. Vamos fazer a revolução. Vamos nos unir a todos os interessados, sem distinção de classe, ou credo, ou côr. E para começar, procuremos a juventude, essa nossa juventude distraída, porque no futuro dos nossos filhos repousa o futuro da pátria. Os jovens de hoje são os homens de amanhã. Procuremos os nossos jovens.

FIM DA CENA TRÊS



**CENA QUATRO - COMO VEDES, TORNOU-SE INADIÁVEL
A NECESSIDADE DE UMA REVOLUÇÃOZINHA**

Entra um «rock-and-roll tocando fortíssimo, ainda no escuro. Luzes: boite íntima, duas ou três mesas, poucas cadeiras. Iluminação azul com pinceladas vermelhas, nítidas. Playboys e playgirls em cena, dançando freneticamente. Marcações grotescas, super-kazanianas. Alguns gritam coisas sem nexos, desarticuladamente, tentando imitar Elvis Presley. A dança dura apenas o tempo de introdução da cena. Sobre um pequeno praticável, diante do microfone, o ANIMADOR acompanha o ritmo. A música cai em BG, os casais sentam-se nas cadeiras, nas mesas e no chão.

TARADO - Quando acaba essa música eu sinto um vazio.

TARADO - É a chuva. Quando chove é que eu sinto que o mundo está perdido.

TARADO - Hei, pessoal, eu tive uma idéia. Vamos fazer uma curra?

TARADO - Parou a chuva (Algazarra. Sai todo mundo correndo, empurrando José e os Esfarrapados. Ficam apenas os revolucionários, filhos do Patrão. Uma prostituta ainda está sentada e outra vem voltando com um homem que se despede).

PROSTITUTA - E apareça, viu?

PROSTITUTA - Esse não vem mais. Também, você cobrou tabela nova...

PROSTITUTA - O que é que você queria? Com mais esse aumento de salário mínimo...

PROSTITUTA - O jeito é arranjar uma boa colocação. Se bem que trabalho a biscate rende muito mais...

PROSTITUTA - É... mas coronel tá difícil hoje em dia...

PROSTITUTA - Minha avó, que foi quem me iniciou nos segredos da profissão, costumava dizer que nos tempos da monarquia...

PROSTITUTA - Eu por mim, sempre fui monarquista... (senta, nostálgica dos velhos tempos).

ESFARRAPADO - É aquele.

REVOLUCIONÁRIO - Vão entrando.

REVOLUCIONÁRIO - Está todo mundo aqui?

REVOLUCIONÁRIO - Quem é que você disse que é o chefe?

ESFARRAPADO - Ainda não veio.

JOSÉ - Elas também são revolucionárias?

REVOLUCIONÁRIOS - Vão ajudar. Com elas aqui a polícia não desconfia de nada. Hei, minha filha, chega prá cá.

PROSTITUTA - Que parangolé de abóbora é esse?

REVOLUCIONÁRIO - Sucede que nós somos revolucionários.

PROSTITUTA - Eu não gosto de panos quentes: se quiser fazer negócio vamos logo regatear. Se não quer não me ocupa.

PROSTITUTA - Olha que é tabela nova.

ESFARRAPADO - Silêncio, que o Chefe vem aí (entra o Zêquinha Tapioca. Comprou um terno novo em prestações, penteou o cabelo, fez a barba, engraxou os sapatos, e pôs até gravata. Tem voz de professor, sacerdote e diretor do centro de pesquisas atômicas).

ZÊQUINHA - Meus amigos. Estamos aqui reunidos para deliberar o futuro desta nação vilipendiada e depauperada pelos consórcios nacionais e estrangeiros que paulatinamente estrangulam a sua economia ainda incipiente. Preclaros confrades...

JOSÉ (apalermado) - Zêquinha, como você mudou...

REVOLUCIONÁRIO - Isso não serve pra chefe da revolução...

REVOLUCIONÁRIO - Você não contou que ele era assim.

ESFARRAPADO - Ele não era assim...

ZÊQUINHA - Não sirvo? Por que? (atônito).

PROSTITUTA - Eu só queria saber que pito eu toco nisso tudo.

REVOLUCIONÁRIO - Pra ser chefe, você tem que dá um jeito no cabelo.

ZÊQUINHA - Eu dou (descabela-se imediatamente).

REVOLUCIONÁRIO - Precisa trocar de roupa.

ZÊQUINHA (afoito) - Eu troco (tira o paletó. Por dentro tem uma





camisa esfarrapada que dá o tom de homem do povo. Faz o mesmo com as calças e com os sapatos).

REVOLUCIONÁRIO - Agora fala um pouquinho pra eu ouvir.

ZÊQUINHA (exaltado, violento) - Durante tôda a sua história a nossa pátria foi roubada, espoliada, conspurcada pelos nossos inimigos na guerra e amigos da paz. Chegou a hora de dizer «basta!» Já fizemos 35 revoluções, 87 golpes de estado sem sangue... (fala rápida e enèrgicamente).

JOSÉ - Conclusão: o hábito faz o monge.

REVOLUCIONÁRIO - Agora sim.

REVOLUCIONÁRIO - Agora pode contar qual é o seu plano.

ZÊQUINHA (animado) - O plano é o seguinte. O nosso povo passa fome.

JOSÉ (um rompante de admiração e aplauso) - Bravo. Apoiado.

ZÊQUINHA - O país está cada vez mais pobre, os pobres estão cada vez mais pobres. ...

PROSTITUTA - Nós estamos cada vez mais pobres...

ZÊQUINHA - Todo mundo é pobre, pobre, pobre de marré, marré de sim. E tôdas as revoluções falharam. Falharam por que? Por que?

PROSTITUTA - Sei lá eu.

ZÊQUINHA - Muito simples: por que sim. Porque foram tôdas revoluções corruptas. Revoluções sem idéia. Mas a nossa, ah! a nossa revolução, essa sim, tem uma idéia, se chama: Honestidade.

REVOLUCIONÁRIO - O que é isso?

ZÊQUINHA - A economia do país é devorada por amigos e inimigos, a nação está à beira da falência, e qual é a solução? A Revolução da Honestidade.

JOSÉ - Mas, o que é que vai mudar?

ZÊQUINHA - Não vai mudar nada, vai ficar tudo como está.

JOSÉ - E qual é a diferença.

ZÊQUINHA - Que diferença?

JOSÉ - Se a gente vai fazer uma revolução é pra mudar alguma coisa.

ZÊQUINHA - Ah, claro. Vai mudar. Vai todo mundo ser honesto.

JOSÉ - E eu não vou mais passar fome?

ZÊQUINHA - Sei lá... Mas se passar fome, você será um faminto honesto.

PROSTITUTA - E eu não vou precisar mais de...

ZÊQUINHA - A senhora será uma prostituta honesta.

JOSÉ - Quem sabe se a gente arranjasse uma maneira de me dar de comer?

REVOLUCIONÁRIO - Você parece que não entende as coisas? Então não sabe o que significa uma reforma moral?

JOSÉ - Desculpe. Eu estou com fome. Eu faço qualquer revolução que vocês quiserem, mas de barriga cheia.

ZÊQUINHA (para os Revolucionários) - Não reparem, êle já está embrutecido. Tem essa idéia fixa: comer, comer, comer.

REVOLUCIONÁRIO - Agora só falta marcar a data histórica para a nossa revolução.

JOSÉ (quase para si mesmo) - Todo mundo honesto: o operário, o banqueiro o dono do cartório, o juiz, o ladrão...

ZÊQUINHA - Até a data já está marcada. Amanhã ao meio-dia.

REVOLUCIONÁRIO - Amanhã?

ZÊQUINHA - Ao meio-dia em ponto. Vamos atacar o palácio do govêrno. Matar os vendilhões da pátria. Vamos fuzilar, enforcar.

REVOLUCIONÁRIO - Amanhã eu não posso.

ZÊQUINHA (quebra o tom) - Não pode?

REVOLUCIONÁRIO - Meu pai embarca pra Paris, tenho que levar êle na estação.

ZÊQUINHA - Que horas é o embarque?

REVOLUCIONÁRIO - A tarde.

ZÊQUINHA - Então não pode, que pena. E amanhã à noite? No escuro é até melhor. Às oito.

OUTRO REV. - Ih, velho, oito não dá.

ZÊQUINHA - Por que?

OUTRO REV. - Marquei um encontro com o meu broto justo pra essa hora.

ZÊQUINHA - Desmarca.

OUTRO REV. - De jeito nenhum. Eu estava controlando essa menina, e ontem ela aderiu. Não posso dar mancada logo no primeiro dia.

ZÊQUINHA - Quem sabe ela pode entrar pra revolução?

OUTRO REV. - Ela é de família, né?



ZÈQUINHA - Bem ,se não pode ser amanhã à tarde, nem amanhã à noite, então o melhor é não fazer logo essa revolução.

REVOLUCIONÁRIOS - Isso é que não. Agora que eu já comprei até as bandeiras, não vamos fazer mais revolução?

ZÈQUINHA - Que bandeira você comprou?

REVOLUCIONÁRIO - A revolução precisa de uma bandeira.

ZÈQUINHA - Como é que é? É bonita, é?

REVOLUCIONÁRIO - Foi minha mãe que bordou. Quer ver? Tem um franzido lindo.

ZÈQUINHA - Quero sim.

REVOLUCIONÁRIO (para José) - Vai lá dentro buscar.

JOSÉ - Eu vou comer essa bandeira, heim? (sai).

REVOLUCIONÁRIO - Vamos marcar logo a data.

OUTRO REV. - De madrugada é melhor: eu estou muito mais desperto.

ZÈQUINHA - De madrugada minha mulher não me deixa sair de casa.

REVOLUCIONÁRIO - Terça-feira?

ZÈQUINHA - Todo mundo pode?

REVOLUCIONÁRIO - Posso.

ZÈQUINHA - Então está combinado. Quando o governador sair do palácio, a gente joga uma bomba no carro dêle e todo mundo sai de perto.

REVOLUCIONÁRIO - Vai matar também o chofer? (condóido).

ZÈQUINHA (alucinado) - Vamos matar todo mundo. Nós somos honestos. Vamos fazer a revolução da honestidade. Triturar, trucidar... (as duas Prostitutas já tinham saído devidamente acompanhadas por seus cavalheiros. Uma delas volta afobada).

PROSTITUTA - Ih, gente, a conversa está muito animada, mas vamos picar a mula que a polícia vem aí (gritaria: Ah, meu Deus. Ah, minha Nossa Senhora. Socorro. Pega ladrão. O resto «Ad Libitum». Saem todos. Entram dois guardas, um dêles puxando uma Prostituta pelo braço).

GUARDA (voz nortista) - Mas minha filha, você não sabe que não pode andar fazendo essas coisas?

PROSTITUTA - Ah, seu guarda, larga mão, todo mundo faz.

GUARDA - Mas num pode cobrar. Se não eu vou ser forçado a prendê-la pra restituí-la ao bom caminho (entra José da Silva, alegre, sorridente).

JOSÉ - Sabe que essa bandeira da revolução é muito mais bonita do que o estandarte do meu bloco? (não entende a ausência dos companheiros). Hei. Onde é que está o resto do pessoal?

GUARDA - Que pessoal?

JOSÉ - Eles foram tudo embora? (o guarda está parado observando, imóvel com a prostituta pendurada pelo pescoço).

GUARDA - E você onde é que pensa que vai?

JOSÉ - Vou pra casa que já é tarde (entregando-lhe a bandeira). Se um sujeito chamado Zèquinha Tapioca perguntar assim: (imitando, infantil). «Onde é que está aquela bandeira da revolução», o senhor diz que está aqui e entrega, tá bom?

GUARDA - Vamo s'imbora, que o carro está esperando... (agarra José).

FIM DA CENA QUATRO



**CENA CINCO — NUM SÓ DIA, JOSÉ DA SILVA É PRESO,
TORTURADO E EXPULSO DA CADEIA**

Delegacia, mesa com telefone. Policial sentado, tomando notas. Vários papéis amarrotados, no chão, perto d'êlé.

POLICIAL (escrevendo) - Pois não, minha senhora. Já tomei nota de tudo (conferindo). Roubo, vinte contos, Bento Freitas, 37. A Rádio-Patrolha já vai. Té logo, passar bem (desliga, amarrota o papel e joga no chão perto dos outros. Toca o telefone). Delegacia. Mata-ram o seu marido? Não me diga. Mas se êle morreu, com quem a senhora vai ao cinema hoje à noite? Enderêço? Vou tomar providências pessoalmente, pode ficar descansada. Té logo, querida (guarda o papel cuidadosamente no bolso. Telefone) Alô, Delegacia (tomando notas). Cheque sem fundos. Nome e enderêço. Passar bem (amarrota o papel, joga no chão, vai desligar quando ouve qualquer coisa. Muda completamente de atitude). Senhor Deputado? Pois não, Excelência. Vou movimentar até o FBI e a Gestapo, Excelência (de gatinhas procura o papel no chão. Sirenas lá fora). A polícia já está na rua. Chegaram aí? Prenderam o homem? Obrigado, Excelência, de fato nós somos muito eficientes. Feliz Natal (entra o Delegado acompanhando o milionário).

DELEGADO - Esta é a sala dos interrogatórios. A mais moderna do mundo. Isto é o Detector de Mentiras. Uma maravilha.

MILIONÁRIO - Extraordinário.

DELEGADO - Dizem que a nossa terra é o país do futuro. Mas no que se refere aos métodos policiais, garanto que já somos o país do presente. Imagine que já temos até métodos indolores. Por exemplo, êste Detector...

MILIONÁRIO — Isso não dói?

DELEGADO - Absolutamente.

MILIONÁRIO - E o facinora confessa assim mesmo?

DELEGADO - Claro que confessa: é a verdade eletrônica. Vou fazer uma pequena demonstração (ruídos fora). O que é isso? (entra José e o Guarda).

JOSÉ - Oba, eu fui prêso. Vou pra cadeia. Até que enfim.

GUARDA - Seu Delegado. Isso aqui é um revolucionário.

DELEGADO - Ótimo. Põe êle sentado aqui (para o Misionário). Agora o senhor vai ver que maravilha, que perfeição, que técnica moderna.

JOSÉ - Ôba, ôba, vou ficar em cana (coloca o Detector na cabeça de José. As lâmpadas pendem como duas orelhas, uma verde e outra vermelha).

DELEGADO - Faça a pergunta e o condenado responde sim ou não. Se fôr verdade acende a luz verde. Mentira, a vermelha.

MILIONÁRIO - Ah, o que é a Ciência...

DELEGADO - O Detector veio substituir o Pau-de-Arara, que era um método anti-psicológico, e é hoje uma raridade de museu.

JOSÉ - Isso está com jeito de cadeira elétrica.

DELEGADO - Eu faço uma pergunta e você responde sim ou não (o Guarda acerta os fios na cabeça de José, que aliás, se sente muito pouco à vontade). Você alguma vez roubou o Banco do Brasil?

JOSÉ (pensativo) - Não... (luz verde, pisca-pisca).

DELEGADO (vitorioso, como que fazendo uma explanação) - Agora temos a certeza eletrônica de que êle não roubou o Banco do Brasil.

MILIONÁRIO - Mas é a Oitava Maravilha do Mundo Antigo...

DELEGADO - Você matou o Ghandi?

JOSÉ (muito sincero) - Nunca vi mais gordo... (luz verde).

MILIONÁRIO - O senhor vai me desculpar, mas da próxima vez que a minha mulher disser que estêve na costureira, vou trazer ela aqui pra tirar isso a limpo.

DELEGADO - É uma bela idéia. Foi você que crucificou Jesus Cristo?

JOSÉ - Não (luz vermelha).

MILIONÁRIO - Extraordinário.

DELEGADO - Fantástico.

GUARDA - Acendeu a vermelha.

- MILIONÁRIO - Então foi ele (José esconde a lâmpada).
 DELEGADO - Vem cá, seu safado. Foi você que crucificou Jesus Cristo.
 JOSÉ - Eu nem conhecia ele, juro.
 GUARDA - Fala a verdade. A eletrônica não mente.
 JOSÉ - Não fui eu.
 DELEGADO - Tira a prova dos nove (Guarda leva José para o interior da sala, sob protestos do mesmo. Muito envergonhado). Parece que desta vez a eletrônica falhou. Não creio que tenha sido ele o desalmado que matou Jesus (vão saindo). Hoje em dia já não se cometem mais essas atrocidades (José da Silva, lá dentro, dá um urro de dor).
 MILIONÁRIO (ponderado) - Certamente foi um episódio negro na história do Homem. Eles não deviam ter feito isso... (saem. Entra o Guarda seguido de José).
 GUARDA - Eu sabia que não tinha sido você.
 JOSÉ - Mas eu não sabia que ainda existia pau-de-arara. Agora diz logo qual é o número da minha cela.
 GUARDA - Por que essa vontade de ser preso?
 JOSÉ - Porque estou com fôdôme, não me agüento mais de pé, e o único lugar onde ainda tenho esperanças de comer de graça é na cadeia.
 GUARDA - Dá uma cela pra ele aí (Policia! procura a chave).
 JOSÉ - Já falei com a minha mulher e com os meus filhos. Eles vão matar, roubar, assaltar, fazer o diabo pra vir a família inteira se reunir aqui na cadeia.
 POLICIAL - Cela 16.
 GUARDA - Não pode.
 POLICIAL - Já está cheia?
 GUARDA - Tem umas quarenta e nove pessoas lá.
 POLICIAL - Dezessete?
 GUARDA - Superlotada.
 JOSÉ - Não tem importância: eu fico prêso aqui no corredor mesmo. Prometo que não fujo.
 COZINHEIRO (entrando) - Seu Delegado. Assim o orçamento acaba estourando. Tá tôda a população vindo comer na cadeia. Se

- você! prenderem mais alguém a Penitenciária vai à falência.
 POLICIAL (para José) - Você está em liberdade por falta de provas.
 JOSÉ (desesperado) - Mas eu sou perigoso.
 GUARDA - Você é um homem livre.
 JOSÉ - Eu sou um temível facinora. Grrrr... (faz careta).
 POLICIAL - Pode dar o fora que na cadeia não tem lugar. Você está livre.
 JOSÉ - Me prende pelo menos até amanhã. Eu matei o Ghandi. A eletrônica estava certa: eu crucifiquei Jesus Cristo.
 POLICIAL - Que diabo de homem que não quer a liberdade.
 GUARDA - Você é um homem livre (jogam-no para fora pelo fundilho das calças).
 JOSÉ (canta a «Canção da Liberdade»).

ZÉ DA SILVA - *Passo a vida trabalhando
 Dando duro no batente
 A comer de vez em quando
 Isso é vida minha gente?
 Se ser livre é passar fome
 Não basta ser livre não.*

CÔRO - *Zé da Silva é um homem livre
 O que, o que, o que...
 Zé da Silva é um homem livre
 O que ele vai fazer?*

ZÉ DA SILVA - *Pro patrão pedi aumento
 Só levei um pontapé
 Sem dinheiro e sem vintém
 E agora seu José?
 Se ser livre é passar fome
 Não basta ser livre não.*

CÔRO - *Zé da Silva é um homem livre
 O que, o que, o que...
 Zé da Silva é um homem livre
 O que ele vai fazer?*





SEGUNDO ATO

CENA SEIS — ENQUANTO JOSÉ DA SILVA SE
DESESPERA, OS POLÍTICOS TRATAM DOS
SAGRADOS INTERESSES DA NAÇÃO

Sede do Partido da Maioria. Estão em cena os chefes dos diferentes partidos, designados como «magro» e «Baixinho». Além deles, o Jornalista e o Líder que toma posição na tribuna: circunspecto, sério, ponderado, enérgico. Discrepância entre a sua maneira de falar e o conteúdo. Também presente o anjo da guarda sentado no seu trono. LÍDER (depois de agradecer uma ligeira salva de palmas, curvando-se) - Conterrâneos. O homem é um homem, e o gato é um bicho. Isto significa que hoje vamos fazer política (**fazendo uma revelação**). Nós somos políticos. Porém... o que é a política? Política não significa trabalho, porque quem trabalha é o trabalhador, e o trabalhador se divide em operário e camponês, sendo considerados votantes apenas os maiores de 18 anos. Política não é futebol, porque futebol é um esporte, e nós aqui estamos por profissão. Portanto, o trabalhador trabalha, o jogador faz goal, o padre reza, o condutor tlin-tlin, a mulher tem filho, o filho cresce e se transforma num belo eleitor. E os políticos... politicam. Porém, para o bom desempenho das suas funções, é necessário conhecer os princípios fundamentais da politicagem, que são em número de três, a saber: primeiro: vencer as eleições de qualquer maneira; segundo: não decepcionar os amigos; terceiro: iludir o povo (**discursa com base interior, seríssimo**). Para vencer as eleições é preciso união, porque a união faz a força. Para não decepcionar os amigos, existem as autarquias. Para iludir o povo, é preciso muita bossa.

JORNALISTA - Muito bem, muito bem (os demais não se manifestam. **Jornalista perde o elan**). Ele falou muito bem, não falou?

LÍDER - Sem mais delongas passo a palavra a mim mesmo para propor uma proposta. O meu Anjo da Guarda, aliás aqui presente (o

ZÉ DA SILVA - *No xadrês não me quiseram
Passe fome lá prá fora
Se estou livre, estou faminto
Com a barriga dando hora
Sem comida a liberdade,
É mentira, não é verdade.*

CÓRO - *Zé da Silva é um homem livre
O que, o que, o que...
Zé da Silva é um homem livre
O que ele vai fazer?*

ZÉ DA SILVA - *O quê?*

CÓRO - *é livre, é livre, é livre, é livre, é livre.*

ZÉ DA SILVA - *Tó, que eu sou livre!*

FIM DA CENA CINCO E DO PRIMEIRO ATO

Anjo agradece com a cabeça) me aconselhou a não fazer coligação nenhuma, porque vocês são uns... como direi? Crápulas. E sem a menor ressonância no seio das massas. Eu argumentei que deixa pra lá e como o seguro morreu de velho, resolvi juntar os vossos votos à minha campanha. Eu sou o nosso candidato!

MAGRO - Não apoiado.

BAIXINHO - Apóio o não apoiado.

MAGRO - Vossa Excelência é carta fora do baralho.

LÍDER - Fora do baralho? O povo me ama, o povo se diverte com os meus discursos, e qual é a função da política se não a de ajudar a digestão do povo?

MAGRO - Ajudar o povo a comer.

LÍDER - Sou digestivo.

MAGRO - Desculpe Vossa Excelência não usar de circunlóquios, mas Vossa Excelência é o que se chama em linguagem bíblica de um refinado ladrão.

LÍDER - Cuidado, olha o Anjo ali.

MAGRO - Vossa Excelência, meu nobre colega, em tôda a sua vida pública tem um enorme acervo de roubos e peculatos... (fala sem pausas).

LÍDER (intimidado pela violência) - Olha o Anjo...

MAGRO - O povo está cansado de gatunagem, rapinagem e estelionatagem.

LÍDER (enfezadinho) - O meu nobre colega vai ter que...

MAGRO - Concluindo o meu lúcido pensamento numa só palavra: Vossa Excelência é um ladrão.

LÍDER - É a mãe (confusão. O Anjo da Guarda permanece tranqüilo tratando das unhas).

BAIXINHO (com dignidade parlamentar) - Nobilíssimos colegas. Isto é uma vergonha para a mãe-pátria (prosegue o «Ad Libitum» dos demais personagens). Não invocai o nome dos vossos ancestrais em vão. Prometei-me, nobre, não mais aludir desairosamente à veneranda genitora deste dignatário.

LÍDER - Tá bom, não xingo mais, mas se ele torna a dizer que eu sou ladrão, a velha volta ao plenário.

MAGRO - Vou chamar de que?



LÍDER - Prometo só começar roubando depois de eleito.

MAGRO - Já é um progresso.

BAIXINHO - Vamos votar no nosso candidato a candidato.

LÍDER - Já.

TODOS - Eu.

LÍDER - Eu, quem? Eu?

TODOS - Não, eu.

LÍDER - Eu, quem? Vocês

JORNALISTA - Eu voto em mim.

LÍDER - Chega de palhaçada. Basta de individualismo. O meu Anjo da Guarda não está gostando nada (para o Anjo). Você está gostando?

ANJO - No.

LÍDER - Viu? Ele disse «no».

MAGRO - Nós temos que eleger alguém desconhecido, o povo já conhece Vossa Excelência e o povo só vota iludido. Precisamos caras novas, precisamos «New faces».

LÍDER - Se conhece, sabe que nunca roubei um conterrâneo meu (explodem os risos). Quer dizer: um conterrâneo pobre. A nação não conta porque a nação é rica.

BAIXINHO - Vamos fazer uma nova votação. mas não vale votar em si mesmo.

LÍDER - Um, dois, três, já.

MAGRO - Em branco.

BAIXINHO e JORNALISTA - Ele (apontam o Magro).

MAGRO - Obrigado, compatriotas. Eu sabia que seria o eleito dos vossos corações, principalmente depois que fui obrigado a fazer tantas promessas, e assinar sabe Deus o que assinei.

BAIXINHO e JORNALISTA - Parabens, felicidades, feliz Natal, boas festas.

MAGRO - Vou fazer minha proclamação de candidato (toma posição de discurso). Povo, meu amigo, povo, povo, povo... (engasga. Batem-lhe nas costas).

ANJO - (indignado) - No, no, no, no, no, no.

LÍDER (gozando) - Tá vendo? Ele disse «no». E agora? Não vamos perder tempo, a gente precisa chegar a um acôrdo.



MAGRO - Já chegamos: o nosso candidato a candidato sou eu.
LÍDER - E eu ia fazer uma coligação pra eleger você, minha bêsta? E te dava o meu Anjo da Guarda de graça? Já entrei em conchavos, já comprei mais de um milhão de votos, já... (gesto). Tô.
ANJO (na deixa) - Good, good.
LÍDER - É a última chance. Eu sou o nosso candidato e vocês entram na mamata comigo, ou vão fazer coligação lá com as suas nêgas. Agora confabulem! (retira-se para perto do Anjo).
MAGRO - A gente precisa de um candidato desconhecido: eu.
JORNALISTA - O povo está farto de saber quem êle é.
MAGRO - Ladrão de galinhas.
JORNALISTA - Até o meu jornal mete o pau nêle. E olha que nós somos unha e carne.
MAGRO - Sim, porque é preciso dizer um mínimo de verdade.
JORNALISTA - Não tem mais crédito na praça.
MAGRO - Nem moral.
BAIXINHO (quebra) - Mas tem dinheiro.
MAGRO - E se a gente fizesse uma campanha pra eleger eu?
JORNALISTA - Eu tenho um jornal, sei fazer discurso.
MAGRO - Já planejei uma «Campanha da Recuperação Moral e Financeira».
BAIXINHO (quebra) - Mas não temos dinheiro. Nem Anjo da Guarda. E quem não tem Anjo da Guarda não se meta em eleição (o Líder, no seu canto estica o ouvido e reage de acôrdo com o que êles dizem).
MAGRO - Então vamos fazer o quê?
BAIXINHO - Votar nêle.
MAGRO - Mas eu sou o nosso candidato.
BAIXINHO - Sem propaganda, ninguém fica sabendo se você é bom ou mau. E propaganda, só com o Anjo.
LÍDER - Na sua terra também é assim, é?
ANJO (sorrindo) - Well...
BAIXINHO - Decidimos fazer nova votação.
JORNALISTA - De fora não fico: política é profissão que rende muito.
LÍDER - Sapeca lá.



OS TRÊS - O nosso candidato é Vossa Excelência (declamam monotonamente). O único candidato honesto, íntegro, honrado, amigo do povo, etc., etc.

JORNALISTA - Agora vamos ao «ponto número dois»!

LÍDER - Que ponto dois?

JORNALISTA - «Não decepcionar os amigos». Assina aqui esta papeleta.

LÍDER - Isso é o que?

JORNALISTA - Nomeações.

LÍDER - Espera eu ser eleito.

MAGRO - Quero ser Secretário de Finanças (ritmo em crescendo).

JORNALISTA - Eu quero o SESC, o IAPI, o SENAI, o IAPETEC, o...

BAIXINHO - Chega. Me dá a Secretaria da Fazenda.

MAGRO - Espera lá: Secretaria da Fazenda fui eu que pedi primeiro.

BAIXINHO - Então vai a Caixa Econômica.

JORNALISTA - Deixa de ser bôbo: pede o Banco do Estado.

BAIXINHO - Correios e Telégrafos será que dá dinheiro? (a cena vai rapidamente atingindo o frenesi).

JORNALISTA - Pode tirar no sêlo.

MAGRO - Secretaria de Viação e Obras Públicas já tem dono?

BAIXINHO - Eu quero ser Embaixador no Paraguai.

JORNALISTA - Quer trocar a COFAP e o IPESP pela Caixa Econômica?

BAIXINHO - Se der o SESC de quebra, vou pensar... (o Líder vai assinando tudo).

JORNALISTA - Eu troco o SESC e o IAPI pela sua Secretaria.

MAGRO - Se você me dá o IAPETEC também eu dou o IAPB de quebra, mas ele vai ter que trocar tudo pela Caixa Econômica.

BAIXINHO (no telefone) - Alô. Folhas Informações? Quanto é que ganha o Presidente do Banco do Estado? (os outros dois continuam jogando figurinhas). E quanto é mais ou menos que eu posso roubar por mês? Obrigado (desliga). Olha, se você quiser, eu te dou o Banco do Estado mais a Caixa Econômica, pela Secretaria da Fazenda, e você me volta a COAP.



MAGRO - É, bébé, mamar na gata tu num qué.
 JORNALISTA - Ai, eu fui roubado.
 BAIXINHO - Quem roubou você?
 JORNALISTA - Onde é que está o meu SESC, SENAI, IAPI?...
 MAGRO - Não sabe jogar, depois reclama.
 JORNALISTA - Estou com a impressão de que alguém aqui é desonesto.
 LÍDER (anunciando) - Ponto número três: «Como iludir o povo». Vamos tratar apenas da nossa campanha eleitoral.
 JORNALISTA - Nossa, vírgula, que eu vou fazer a pista.
 LÍDER - Vai onde?
 JORNALISTA - Guinar pro outro lado. E lá vou exigir a Caixa, o Banco e a Secretaria. Bye, bye, Anjo (sai).
 LÍDER - O plano, aliás importado do estrangeiro, é o seguinte (para o Magro). Você vai ter que nos fazer um favor mais uma vez.
 MAGRO - Ah, não, isso é que não!!!
 LÍDER - Você é o maior inimigo político do nosso adversário.
 MAGRO - E daí?
 LÍDER - E vai daí que vamos quebrar a sua cara e pôr a culpa no adversário.
 MAGRO - Já é a terceira vez, ninguém mais acredita.
 LÍDER - Vai lá pra dentro.
 MAGRO - Seria muito mais publicidade quebrar a sua cara!
 LÍDER - Preciso fazer discurso. Fica bonzinho (entra um Secretário e arrasta o Magro lá pra dentro). Pode levar (o Magro berra o seu protesto). Agora vamos fazer a propaganda do adversário.
 BAIXINHO - Propaganda pra êle?
 LÍDER - Está aqui o texto. «Não vote no Líder». Eu. «O Líder é o candidato do populacho, do homem da rua, do povo imbecil, estúpido e ignorante. Vote em mim». Assinado, fulano. Já decidiram quem é que vai correr comigo?
 BAIXINHO - Um tal de Zêquinha Tapioca.
 LÍDER - «Zêquinha Tapioca, o candidato das elites esclarecidas, do high-society endinheirado, o candidato da Standard Oil à presidência da República» (durante essas falas o Magro grita). É a propaganda dêle. Tá boa, num tá?

MAGRO (entrando todo cheio de esparadrapo e gaze) - Hei, roubaram a minha carteira. Pega ladrão.
 BAIXINHO - Cadê o meu dinheiro? Roubaram a minha também.
 ANJO (fulo) - Isso non se faz, roubaram o minha carteira.
 LÍDER (fugindo assustado, de costas) - Não fui eu, heim, não fui eu (sai correndo).

CÔRO FORA - *O anjo não é anjo*
 DE CENA - *O anjo anjo é*
O seu, o meu, o nosso
Depende só de nós.

O anjo não é anjo
O anjo anjo é
Quem não quer ter anjo forte
Forte tem que se tornar.

FIM DA CENA SEXTA



CENA SETE — COMO JOSÉ DA SILVA DESCOBRIU QUE ANJO DA GUARDA EXISTE

Esta cena deve ser representada com um mínimo de objetos indispensáveis. O mais deve ser feito em mímica. Está em cena José da Silva, deitado, dormindo. O Anjo da Guarda, no escuro, continua no seu pedestal e no seu trono.

MULHER - José, acorda, está na hora. Parece até filho de capitalista: passa a vida na cama.

JOSÉ - Deixa eu dormir um poquinho mais hoje. Estou desempregado.

MULHER - Pois acorda e vai procurar emprego. Põe o terno mais bonito. Acho bom até comprar uma gravata. Tem sabonete no banheiro.

JOSÉ (estremunhando) - Ainda é madrugada. Acende essa luz que eu não enxergo nada. (mulher acende a luz e sai. Entra uma música angelical, etérea, que daqui pra frente será o tema do Anjo da Guarda. Entra o Anjo vestido de anjo). Hei, quem é esse cara-

ANJO - O Anjo da Guarda.

JOSÉ - Que bom que você veio. Imagina que ontem perdi o meu emprego. Quem sabe se nós dois juntos, a gente não acha outro melhor. Aliás, eu sempre achei que esse mundo materialista que não acredita em Anjo da Guarda, está muito errado. Vá, te arruma e vamos procurar emprego pra mim.

ANJO (fala com sotaque sempre) - Agora não posso. Estou ocupado.

JOSÉ - Se você é meu Anjo da Guarda, tem que me ajudar. Vou te botar pra trabalhar. Anjo da Guarda meu, tem que dar duro!

ANJO - Sou Anjo da Guarda, mas não o seu. E estou aqui trabalhando.

JOSÉ - Então trabalha, vá.

ANJO (estendendo a mão) - Paga.



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0098, p. 130



JOSÉ - O quê? Não te comprei nada.
ANJO - Você acendeu a luz.
JOSÉ - Estou na minha casa.
ANJO - Sou o Anjo da Guarda da Light. Paga o royalty.
JOSÉ - Toma lá, mas pode ir andando porque eu não preciso de Anjo que, em vez de me dar uma mãozinha, fica me aperreando (paga e entra no banheiro, em mímica). Que é que você está esperando?
ANJO - Receber, senhor.
JOSÉ - E o dinheiro que eu dei?
ANJO - Foi pra Light, mas o que é isso na sua mão?
JOSÉ - Pasta de dentes.
ANJO - Sou o Anjo da Guarda da Phillips do Brasil. Paga e não bufa.
JOSÉ - Toma (faz mímica de descarga).
ANJO - Você vai lavar as mãos com sabonete. Não se esqueça que eu sou o Anjo da Guarda da Lever Sociedade Anônima (José paga).
JOSÉ - Agora vou tomar café, não me venha com histórias. Café é feito aqui, e na sua terra num dá café.
ANJO - Feito aqui mas controlado pela American Coffee Company. Marcha.
JOSÉ - Claro que nessa altura não posso tomar bonde da Light, nem ônibus da Mercedes-Benz, nem taxi da Ford. Vou é a pé mesmo.
ANJO - Então paga.
JOSÉ - Eu disse que vou a pé.
ANJO - A sola do seu sapato é da Goodyear.
JOSÉ - Bolas, bem que eu queria comer uma feijoada em lata, mas não quero pagar a Wilson, Swift, Armour, Anglo... Já sei: vou ver um far-west. Toma (paga, respira fundo). Ah. Tá fresquinho aqui dentro (Anjo estende a mão). Eu já paguei.
ANJO - Que é que você está fazendo agora?
JOSÉ - Nada. Respirando.
ANJO - Respirando o ar refrigerado pela Westinghouse.
JOSÉ - Você não me dá uma folga. Acabou o dinheiro, toma a minha camisa. Não me larga um instante: se eu fôr pra casa de condução, pago. Se compro um jornal, o papel é importado, se subo num elevador, a marca é Otis, se como pão, o trigo vem da Argentina.

ANJO - Esqueci de dizer que essa calça é de linho irlandês.
JOSÉ (entrega-lhe as calças) - Só falta eu me suicidar (põe o revólver no ouvido).
ANJO (afobado) - Não, isso não, pelo amor de Deus, não faça isso. José da Silva, não se mate! Não! (chora).
JOSÉ (comovido) - Pelo menos você tem coração, não quer me ver morto.
ANJO - Não é isso, pode se matar a vontade, mas antes não esqueça de pagar royalties para a Smith & Wesson, fabricante de armas desde 1837 (leva o revólver). Agora pode morrer (José dá gargalhadas).
MULHER (entra assim que o Anjo sai) - Está rindo de que? É por isso que a gente vive nessa miséria. Eles te roubam até as calças, e ainda por cima você acha graça.
JOSÉ (em segredo) - Nós enganamos ele.
MULHER - Ele é que nos roubou.
JOSÉ (baixinho) - Imagina se ele descobre que a minha cueca é de mylon. Eu acabava ficando nu... (ri).

FIM DA CENA SETE



CENA OITO — A REVOLUÇÃO DA HONESTIDADE
TAMBÉM COLIGA, ou A UNIÃO ACABA COM A
REVOLUÇÃO

ESTÃO EM CENA O JORNALISTA E O MILIONÁRIO

JORNALISTA - Estou com um drama de consciência. Eu estava do lado de lá, agora estou do lado de cá. Eu de um lado e você do outro, nós dois metíamos o pau no Zèquinha Tapioca. Agora que estamos do mesmo lado, elogiamos o Zèquinha Tapioca. O Zèquinha Tapioca, que nunca ninguém soube de que lado estava, queria fazer revolução contra você, que estava do lado de cá, e contra mim, que estava do lado de lá. Agora já não sei mais de que lado é o lado de lá, de que lado é o lado de cá.
MILIONÁRIO - Nós estamos do lado do povo.
JORNALISTA - Então está todo mundo do mesmo lado.
MILIONÁRIO - Os nossos inimigos estão sempre contra o povo, e o povo está sempre do nosso lado.
JORNALISTA - Como eu sou Jornalista, quero simplificar as coisas: quem é que eu tenho que elogiar, e quem é que eu tenho que meter o pau? Tem que elogiar o Zèquinha. Ele é revolucionário!
MILIONÁRIO - Jesus Cristo também foi, meu filho.
JORNALISTA - Revolução pra quê? Está tudo indo tão bem. Aumentaram o salário mínimo, meu jornal está cada vez mais rico, minha filha casa amanhã... Revolução pra quê?
MILIONÁRIO - Foi ele que descobriu a honestidade.
JORNALISTA - Isso já existia. Lá na Suíça, onde eles passam a vida fazendo relógio, lá eles são honestos até em política.
MILIONÁRIO - Que absurdo (morre de rir). Parece piada...
JORNALISTA - Você acha mesmo que o Zèquinha serve pra nosso candidato?

MILIONÁRIO - Sabe o que o meu Anjo da Guarda disse?
JORNALISTA - Não.
MILIONÁRIO - Que êsse negócio de plataforma, programa programático, isso tudo é besteira. O que resolve mesmo é o personalismo, o eleitor vota na cara. E quem vê cara não vê programa.
JORNALISTA - Você acha êle bonito?
MILIONÁRIO - Já viu candidato bonito? Precisa ser feio como a fome. Dá a impressão de que o povo está votando em si mesmo (toca a campainha). É êle. Dá o fora (saem os dois apressados; entra Zêquinha. Logo atrás entram José e a Mulher).
JOSÉ - O Zêquinha vai falar com o Patrão. Vai ver se êle quer financiar uma revoluçãozinha.
MULHER - Revolução pra quê?
JOSÉ - Então você não sabe que o país está cada vez mais pobre, que nós estamos cada vez mais pobres, que os pobres estão cada vez mais pobres?
MULHER - E daí?
JOSÉ - Daí vamos fazer a Revolução da Honestidade.
MULHER - Honestidade? Que é isso?
JOSÉ - Num sei. Só sei que eu sou pobre, pobre, pobre de marré, marré de sim (sai. Voltam Zêquinha e o Milionário).
MILIONÁRIO - Política não é diversão de pobre.
ZÊQUINHA - Eu sou pobre.
MILIONÁRIO - Fuma estora peito, anda todo sujo, cheira mal...
ZÊQUINHA - Em casa não tem chuveiro.
MILIONÁRIO - É assim mesmo que você me serve.
ZÊQUINHA - Por quê?
MILIONÁRIO - Primeiro: você é feio. Segundo: inventou a honestidade.
ZÊQUINHA (feliz) - Já ganhei. Já ganhei.
MILIONÁRIO - Mas quem é que vai financiar a sua campanha?
ZÊQUINHA - É mesmo, eu nem pensei nisso... É muito cara?
MILIONÁRIO - Pensa bem: cartazes na rua, faixas, pixe, comícios, rádio, viagens... Quem é que vai pagar tudo isso?
ZÊQUINHA - Tem razão. Quem é que vai pagar tudo isso?
MILIONÁRIO - Eu. Eu pago a sua campanha.



ZÊQUINHA - Mas você é do lado de lá.
MILIONÁRIO - Então vem pro lado de cá.
ZÊQUINHA - How?
MILIONÁRIO - Qual é a sua bandeira?
ZÊQUINHA - Honestidade.
MILIONÁRIO - E a minha?
ZÊQUINHA - Verde e amarela com uma garrafa de Coca-Cola no centro.
MILIONÁRIO - Certo. Mas, concretamente?
ZÊQUINHA - O dinheiro!
MILIONÁRIO - E qual é a solução? Honestidade e dinheiro?
ZÊQUINHA - Juntar a honestidade com o dinheiro.
MILIONÁRIO - Juntemos as nossas bandeiras.
JOSÉ (entrando) - Você está louco, chefe. Nós vamos fazer uma revolução.
MILIONÁRIO - Manda êle embora que isto é uma conferência de cúpula.
ZÊQUINHA - Isto é cúpula!
JOSÉ - Até você está entrando nessa marmelada? Você que passou fome comigo?
ZÊQUINHA - Parece carrapato, fica grudado na gente. Cúpula sou eu e êle, você não tem que resolver nada. Tem que votar em mim, depois.
MILIONÁRIO - Toma dez cruzeiros e vai comprar um Baurú.
JOSÉ - Custa doze.
MILIONÁRIO - Toma vinte e traz o trôco.
JOSÉ - Posso comer sanduíche americano com ôvo?
MILIONÁRIO - Vai, vai (êle sai). É assim que se deve tratar essa gente: panen et circus.
ZÊQUINHA - Tradução: feijão com arroz e filme da Metro com a Grace Kelly.
MILIONÁRIO - Vamos fazer um só partido.
ZÊQUINHA - Mas não pode. A revolução, como o nome indica, é da Oposição, e vocês, com perdão da palavra, são a Situação. Eu sou Oposição.
MILIONÁRIO - Exatamente: você! Quando se fala em político ho-

nesto em quem é que se fala?

ZÊQUINHA - Em mim.

MILIONÁRIO - Quando se fala em dinheiro, em que é que se fala?

ZÊQUINHA - Você.

MILIONÁRIO - Vamos nos unir?

ZÊQUINHA - Vamos.

MILIONÁRIO - Você topa?

ZÊQUINHA - Topo.

MILIONÁRIO - Como é o nome disso?

ZÊQUINHA - Hipnotismo.

MILIONÁRIO - Co-li-ga-ção. A honestidade e o dinheiro, juntos numa só bandeira.

ZÊQUINHA - E você paga a festa!

MILIONÁRIO - Eu não.

ZÊQUINHA - Então quem? (entra o Anjo da Guarda).

MILIONÁRIO - Hello, Angel, take a seat (explicativo). É o meu Anjo da Guarda. Veio fazer uma visita de cortesia (para o Anjo). It's all set (entra o Jornalista. O Anjo traz uma casaca que veste em Zêquinha, que põe também uma cartola).

JORNALISTA - Acertaram tudo?

MILIONÁRIO - Põe em manchete: Zêquinha Tapioca aderiu.

JORNALISTA - Vamos começar a distribuição?

MILIONÁRIO - Distribuir o quê?

JORNALISTA - Quero o Banco, a Caixa e a Secretaria da Fazenda.

MILIONÁRIO - Que falta de compostura, na frente de estranhos...

JORNALISTA - É pra facilitar o serviço...

ZÊQUINHA - Vamos todos mudar de nome.

MILIONÁRIO - Por que?

ZÊQUINHA - É uma grande jogada. Todo mundo vai ter nome de coisa que limpa. Somos honestos e vamos lavar a podridão do país. Vote em Zêquinha Tapioca, o Sabonete da Alma.

JORNALISTA - Eu sou o crioulo.

MILIONÁRIO - Eu sou o palha-de-aço.

ANJO - Good, good, that's my boy.

ZÊQUINHA - E nós três juntos, somos o Comando Sanitário: Sabonete, crioulo e palha-de-aço (cantam a «Canção da Limpíssima Trindade»).

*Nos três que bela trinca
Trinca que lava, trinca que limpa
Somos três mosqueteiros do bem
Irmãos pela honestidade
Somos limíssima trindade
Somos higiênica trindade
Um por todos
Todos por um*

FIM DA CENA OITO



CENA NOVE — JOSÉ DA SILVA ACEITA OS FAVORES DO GOVERNO

Está em cena José, dobrando-se com dor de barriga. Entra a Mulher, sempre reclamando.

JOSÉ - Uúúúúiiiiiiiiii..

MULHER - É só isso que você sabe fazer. Dormir e gritar. Faz alguma coisa.

JOSÉ - Eu estou doente.

MULHER - Era só o que faltava. A gente nem tem comida pra comer e você se dá ao luxo de ficar doente. Você não pode ficar doente.

JOSÉ - Vou fazer o quê?

MULHER - Sei lá. Pede um novo aumento.

JOSÉ - Eu nem estou empregado. Pedi aumento, eles deram e me despediram.

MULHER - Vai falar com aquele deputado que prometeu trabalho pra todo mundo.

JOSÉ - Mandou voltar dia três de outubro.

MULHER - Entra pra revolução.

JOSÉ - A revolução aderiu.

MULHER - Ora, meu filho, mata aí alguém e vai comer na cadeia.

JOSÉ - A Penitenciária tá tão cheia que já virou restaurante do SAPS.

MULHER - Dá um tiro na cabeça.

JOSÉ - Tem que pagar royalties para a Smith & Wesson, e eu não tenho dinheiro.

MULHER - Você não tem nada.

JOSÉ - Tenho uma úlcera no estômago (batem a porta).

MULHER - É o médico (vai até a entrada) Pode entrar. É o meu marido que está passando mal, com uma úlcera. Será que ele morre?

MÉDICO - Que é que ele tem?



JOSÉ (choramingando) - Fome.

MÉDICO - Pelo barulho que está fazendo deve ser pedra na vesícula.

JOSÉ - Vai precisar pôr o motor no dente? Motor eu não gosto, tenho medo.

MÉDICO - Mas já que a senhora insiste que é úlcera, tá aqui a receita.

MULHER (lendo) - «Leite, ovos, frutas... repouso...»

JOSÉ - Doutor, o senhor vem aqui pra caçar da gente? Leite, frutas, repouso...

MÉDICO - Ou então o remédio é operar...

JOSÉ - Melhoral não resolve?

MÉDICO - Quanto é que você ganha?

JOSÉ - Salário mínimo.

MÉDICO - Com ou sem aumento.

MÉDICO - Cinco contos e novecentos.

MÉDICO - Então precisa operar urgente.

MULHER - Quanto é?

MÉDICO - Cinco contos e novecentos.

MULHER - Deixa a pedrinha aí mesmo, porque ele não vai operar, não.

MÉDICO - Vai no Instituto. Você paga em dia?

JOSÉ - O dinheiro já vem descontado.

MÉDICO - Lá tudo é de graça. Operação, enfermeira, hospital. O Instituto é uma maravilha. É a única coisa que funciona certo nessa terra...

JOSÉ - Essa vesícula nem pai de santo curou, e olha que eu tenho fé, heim.

MÉDICO - Pode ir sossegado. O senhor vai ser tratado maravilhosamente bem. Cena muda para a enfermaria. Estão três médico deitados, no chão mesmo. José entra com a enfermeira).

JOSÉ (esperançoso) - Essa idéia de Instituto é muito boa, sabe. Os médicos são uns exploradores. Cobram muito mais caro do que o Pai Joaquim. E aqui tudo é de graça, né? Posso até repetir a sobremesa, não posso?

ENFERMEIRA - Sintomas?

JOSÉ - Dor de barriga. Dói...

ENFERMEIRA - A sala dos médicos é essa. Pode entrar.

JOSÉ - Qual deles? (a Enfermeira já saiu). Será que eu devo incomodar? Uuuiiii, minha barriga... (aproxima-se do primeiro. **Hesita antes de chamar**). Doutor, doutor... Desculpe estar incomodando a essa hora da noite, mas é que o meu estômago está doendo muito. Ai, meu Deus, uma pedrinha tão pequenininha e como dói...

MÉDICO (acordando sobressaltado) - Que foi? Onde é que eu estou? Quanto é que está o jôgo?

JOSÉ - O senhor está de plantão no Instituto.

MÉDICO - Me acordar pra quê? Acabou o jôgo? Que é que você quer?

JOSÉ - É a minha vesícula. Se o senhor puder dar uma olhadinha, eu fico muito agradecido.

MÉDICO - Não é comigo. Eu sou um médico obstetra (deita).

JOSÉ - Mas é que...

MÉDICO (irritado) - Obstetra. Obstetra. O senhor vai ter um filho?

JOSÉ - Eu não.

MÉDICO (dormindo) - Então não é comigo (ronca).

JOSÉ (afastando-se) - Desculpe qualquer coisa (o segundo médico acorda).

MÉDICO - Que barulhada é essa? A gente não pode nem dormir sossegado.

JOSÉ (assustado) - Vesícula...

MÉDICO (de mau humor) - Que é que tem a vesícula.

JOSÉ (gesto) - Uma pedrinha...

MÉDICO - E eu com isso?

JOSÉ - O senhor não quer me examinar?

MÉDICO - A minha especialidade é a otorrinolaringologia, mas vamos lá fazer o exame...

JOSÉ (enche o peito, alegre, e fala sem pausa) - Trinta e três, trinta e três, trinta e três.

MÉDICO (sentado, sem nem olhar para êle) - De fato é vesícula. Vai operar?

JOSÉ - Se o senhor achar conveniente, e como aqui tudo é de graça mesmo...



MÉDICO - Isso é perigoso. Você já está nas últimas, vai morrer.
JOSÉ (alarmado) - Depressa, doutor, pelo amor de Deus... (tira a camisa).

MÉDICO - Pra que é que você está tirando a roupa?

JOSÉ - Pra operar, rápido, eu não posso morrer já.

MÉDICO (bocejando) - Eu não sou operador (deitando-se). Fala com aquele ali. (ronca. José, transtornado, procura o terceiro médico).

JOSÉ - Por favor, me acuda. Estou com uma pedra que vai me matar...

TERCEIRO MÉDICO (quase acordando, fala abraçando-se a José e continuando a sonhar) - Meu amor... quem diria que a tua doença ia acabar na cama...

JOSÉ (mui digno) - Espera lá, doutor... Eu não sou essa que o senhor está pensando.

MÉDICO (no mesmo estado) - Quando é que vai ser o seu próximo filme?

JOSÉ - Eu? Fazer um filme?

MÉDICO (acordando) - Eu estava sonhando com a Kim Novak. Você não acha ela meio fria?

JOSÉ - É um pouco, sim.

MÉDICO - Não é pra me gabar, mas o meu broto põe a Kim no chinelo.

JOSÉ (tentando um tom infantil e brincalhão) - E que tal fazer uma operaçãozinha heim? Uma vesiculazinha que eu tenho aqui. E enquanto o senhor opera a gente pode ir conversando...

MÉDICO - Olha, não é má vontade, se você quiser posso operar... Pra mim, tanto faz...

JOSÉ - Quero, sim, doutor...

MÉDICO - Só tem um problema: há muito tempo que nenhum paciente meu tem pedra na vesícula...

JOSÉ - Aproveita agora, aproveita...

MÉDICO - Estou meio destreinado. Não opero vai pra uns quinze anos... (levanta-se). Enfim, seja o que Deus quiser... (faz o sinal da cruz. José que já estava deitado, levanta-se inquieto).

JOSÉ - Quinze anos?



MÉDICO - Deus ajudando... É preciso ter fé...

JOSÉ - Fé eu tenho, mas vai me desculpar...

MÉDICO - Eu tenho um amigo que é especialista, se quiser o entenderêço... (dá um cartão). Ele cobra barato... (José pega o cartão e vai saindo). Não querem usar o Instituto, que é de graça, e depois ainda falam mal do govêrno... (Cena muda para o consultório do especialista, que é o mesmo médico do início).

MÉDICO - Precisa pagar adiantado.

JOSÉ (contando o dinheiro) - É melhor pagar do que morrer. Cinco contos e novecentos.

MÉDICO - Sete e duzentos.

JOSÉ - Mas o senhor disse que era o salário mínimo.

MÉDICO - Você não soube? O salário mínimo já foi aumentado de novo. No mês que vem você já recebe com aumento.

JOSÉ - Tá bom. No mês que vem eu passo aqui pro senhor fazer a minha autópsia e ver se foi de vesícula mesmo que eu morri...

FIM DA CENA NOVE

CENA DEZ — OS CANDIDATOS APRESENTAM AO POVO OS SEUS PROGRAMAS POLÍTICO-ECONÔMICOS

Em cena o Jornalista segurando um microfone ou transmissor portátil usado em campos de futebol. Seu estilo de speaker é igualmente esportivo. Na entrada dos candidatos é possível utilizar música circense, o mesmo acontecendo com algumas marcações.

JORNALISTA - E agora, senhores telespectadores, vamos apresentar a maior atração política dêste ano de eleições. Com vocês, dentro em pouco, nada mais nada menos do que os dois candidatos à presidência da República. Ambos estarão aqui assessorados pelos seus respectivos segundos. Ai vem... o candidato do Partido Ou Vai ou Racha: (entra o Líder, vai até ao meio do ringue, cumprimenta a platéia com os braços levantados). Pode ir sentando no seu corner (onde há um banquinho usado pelos pugilistas). E agora, em carne e osso, o candidato do Partido Comando Sanitário (frenético), também conhecido como Honestidade Futebol Clube. Entram em campo os segundos dos dois contendores (entram o Magro, completamente enfaixado, o Milionário e pouco depois, o Anjo da Guarda). Neste momento, tenho a honra de apresentar aos senhores telespectadores, o juiz da partida, o Sr. Anjo da Guarda. Como todos sabem, Sua Senhoria é o Embaixador de um país tão nosso amigo, mas tão amigo, que resolveu financiar tôdas as nossas campanhas eleitorais. Isso já se tornou mais do que um hábito: é uma verdadeira tradição da nossa vida política. E agora, espectador, tomarei a liberdade de dirigir algumas perguntas indiscretas aos dois candidatos, para que você (dirige-se face a face a José, que assiste o programa), eleitor, possa votar com a consciência tranqüila, certo de que estará servindo aos sagrados interesses da nação (voltando-se para o Líder). Senhor candidato. Qual será o seu programa político caso venha a ser eleito presidente da República?

LÍDER - Sou nacionalista. Estou com o povo. Se fôr eleito, darei ao povo escolas, hospitais, transporte e comida.

JORNALISTA - É um bellissimo programa, não há dúvida. E Vossa Excelência, o que fará?

ZÊQUINHA - Sou nacionalista. Estou com o povo. Se fôr eleito, darei ao povo escolas, hospitais, transporte e comida.

JORNALISTA - Bravo, bravissimo. E já que nós estamos com a mão na massa, o que é que o senhor pensa do seu adversário.

ZÊQUINHA - Como dizia Sócrates, roupa suja lava-se em casa: vou anotar alguns podres na vida do meu adversário.

JORNALISTA - Uns pôdôôdres na vida do seu adversário.

ZÊQUINHA - Desviou dinheiro da nação para o bolso dos seus amigos.

JORNALISTA - Infelizmente eu já não sou seu amigo.

ZÊQUINHA - Portanto precisamos acabar com êle.

JORNALISTA - Acabar com êle et caterva. Admirável. Admirável. O senhor positivamente não tem papas na língua. Gratíssimo pelas suas declarações vigorosas e oportunas.

LÍDER - Eu também quero falar.

JORNALISTA (hostil) - Espera a vez, que êle ainda não acabou.

ZÊQUINHA - Lembra aquêle banco?

JORNALISTA - Como não, foi um escândalo que abalou a opinião pública.

ZÊQUINHA - Foi de propósito: êle tinha depositado dinheiro do governo.

JORNALISTA - Será verdade?

ZÊQUINHA - Saiu até em jornal.

JORNALISTA - Eu sei, fui eu que publiquei, mas será verdade?

ZÊQUINHA - Deve ser, sei lá eu.

JORNALISTA - Depois de denunciado êste crime à opinião pública, como é que Vossa Excelência vai sair dessa?

LÍDER - Infâmias. Política, meus filhos, é assim mesmo: hoje eu estou por cima e êle está por baixo, amanhã êle estará por baixo e eu por cima. Logo, quem está lá no palácio sempre descobre uma coisa ou outra.



JORNALISTA - O senhor nos tira um pêso da consciência (para Líder). Ele não sabia que o banco ia quebrar.

LÍDER - Lógico que sabia: pois se fui eu quem deu a idéia.

JORNALISTA - Senhor candidato, mas isso não se faz.

LÍDER - O ordenado é pouco: a gente tem que fazer uma negociatazinhas a título de verba de representações.

JORNALISTAS - Bem raciocinado!

LÍDER - Mas o que você não sabe, é que esta estação de televisão que está me sabotando, foi comprada com dinheiro público porque o dono, você, com vários títulos protestados, tá do lado dêles.

ZÊQUINHA - Calúnia!

JORNALISTA - Claro que não passa de uma vasta mentira!

ZÊQUINHA - Mentira não é, mas êle aí andou emprestando dinheiro pra uma fábrica de pipocas.

JORNALISTA - Que mal há nisso?

ZÊQUINHA - Há que o dono da fábrica era êle! (confidencial). E sabe quem é que está pagando a campanha eleitoral dêle?

MILIONÁRIO - ZÊQUINHA, cala a bôca. Não toca nesse assunto.

ZÊQUINHA - São os gringos que andam emporcalhando a cidade, enchendo de cartazes, faixas, volantes...

MILIONÁRIO - Zêquinha, não mete a mão em combuca.

ZÊQUINHA (aparte) - Que é que tem? Deixa meter o pau!

MILIONÁRIO - E a nossa, quem é que paga?

ZÊQUINHA - Você, não é?

MILIONÁRIO - Nós somos um país sub-desenvolvido. O capital nativo não dá pra essas orgias de propaganda.

JORNALISTA - É por isso que todo candidato viaja para o estrangeiro (os dois tratam Zêquinha com infinita bondade, como uma professora primária explicando a uma criança que dois e dois não são absolutamente sete).

ZÊQUINHA - Mas se pagam, levam o que em troca?

JORNALISTA - Bem, isso está fora do tema da nossa reportagem.

ZÊQUINHA - Quer dizer que o negócio de honestidade, comando sanitário... nessa altura... lalalalalalal...

JORNALISTA - Funciona. Funciona nas faixas que a gente põe na rua.

MILIONÁRIO - Você estava dizendo que ele deu dinheiro a uma fábrica de pipocas. Continua.

ZÊQUINHA - Perdi a bossa...

LÍDER - Difamações. Emprestei dinheiro porque o proprietário era um homem digno, honrado, como há poucos nesta pátria infeliz e espoliada: Eu.

MAGRO (embaçado) - Já ganhou. Já ganhou.

LÍDER - Mas como a tara é botar tudo em pratos limpos, então vamos já fazer uma Comissão de Inquérito pra descobrir a origem da fortuna desse milionário (para o Magro). Vai passando a lista (para os demais). Vou provar que ele é apenas um testa de ferro dos grandes consórcios internacionais.

MAGRO (tom de vendedor de amendoim) - Comissão de Inquérito. Comissão de Inquérito. Vai assinar aí?

JORNALISTA (afobado) - Não é possível. Essa reunião em família está se tornando muito grave! O patrocinador do programa não vai gostar.

MAGRO (para o Anjo da Guarda) - Já tem número. Vai querer entrar num acôrdo?

ANJO (contrariado) - Well... (entrega-lhe um papel).

JORNALISTA - Por favor, retire o seu projeto.

LÍDER - Vai ter que me cantar muito...

MAGRO (para o Anjo) - Sessenta mil por mês? Não dá pra aumentar um pouco, não?

ANJO - No.

MAGRO (para o Líder O. T.) - Escuta aqui, eu estive pensando melhor...

LÍDER - E pra mim, quanto?

MAGRO - Esqueci.

LÍDER - Volta lá (para os Jornalistas). Aqui está a bomba que eu queria revelar à nação estarecida. Vem cá, meu filho (o Magro se aproxima depois de terminadas as novas negociações com o Anjo). Vêde o que ele fez. Espatifou a cara do meu companheiro de chapa (descobre a cara do Magro, tôda avermelhada, aparte). Prá mim



quanto é que ele deu? (todos fazem «Oh». O Magro faz cara de está à morte. Todos se penalizam).

MAGRO - Quarenta por mês. Você vai ser advogado da firma da Guarda S. A.

LÍDER - Pensa que eu não vi? Pra você, que não é candidato, sessenta, e pra mim quarenta. Não aceito. Vou fazer a comissão de inquérito.

MAGRO - Espera aí, vou dar um jeitinho (corre para o Anjo mas para no meio do caminho e fala). Vêde o que fizeram à minha cútis. Estrçalharam-na (recomeça a corrida. Coloquial, para o Anjo). Ele não topa, quer mais...

ANJO - Those natives... (põe a mão no bolso).

MAGRO - Thank you.

ZÊQUINHA (lendo) - «Se só existissem dois bancos, em qual você depositaria o seu dinheiro, eleitor? No meu ou no dêle?»

JORNALISTA - No seu, Excelência.

ZÊQUINHA - Porque sou o chefe do Comando Sanitário, da Campanha das Orelhas Limpas, porque quem tem os ouvidos entupidos não ouve as reclamações do povo. Sou o Sabonete da Alma (baixo para o Milionário). Vamos também ameaçar uma comissãozinha qualquer? Ele arruma emprêgo pra nós.

LÍDER - Trabalhador: se só existissem duas fábricas, em qual você trabalharia? Na minha ou na dêle?

MAGRO - Na sua, Excelência.

LÍDER - Porque sou o amigo dos fracos e oprimidos, e a indústria nacional é fraca e oprimida. Se eu fôr eleito o petróleo será nosso, ou, como diz o vulgo no seu linguajar poético: cara que mamãe beijou, vagabundo nenhum põe a mão.

MAGRO - Não fala assim que ele se chateia e te tira o emprêgo.

LÍDER - Depois a gente se explica.

ZÊQUINHA - Tá vendo? Ele é um ladrão!

LÍDER - E você um batedor de carteiras.

ZÊQUINHA - Desmoralizador do patrimônio público.

LÍDER - Entreguista confesso.

ZÊQUINHA - Assaltante fantasiado de nacionalista.

LÍDER - Agente de Wall Street.

ZÊQUINHA - Cavalo de aluguel dos trusts internacionais.
LÍDER - Pega ladrão.
ZÊQUINHA - Cachorro (os dois ficam de gatinhas no chão).
LÍDER e ZÊQUINHA - Auauauauauau.
LÍDER - Ele me mordeu.
ZÊQUINHA - Pega. Pega (sobe a música que entrou no início na cena enquanto os dois tentam mutuamente morder-se. Ladram, uivam, miam, escoiceiam-se).
JORNALISTA (voz de conselheiro sentimental) - E agora, amigo telespectador, você já sabe qual escolher (fala para José). Não hesite na resposta. Qual o mais sem vergonha? Qual é o menos sem vergonha? E não esqueça que da sua resposta dependerá o futuro da nação. Quem vencerá?

FIM DA CENA DEZ

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0098, P.139



CENA ONZE — ABANDONADO PELA NAÇÃO, JOSÉ DA SILVA VAI MORRER NA FLORESTA

Nenhum cenário. Apenas uma pedra ou duas. Ruído de grilos significando floresta. Entram José da Silva e sua Mulher.

JOSÉ - Aqui eu acho que está bom.
MULHER (chorosa) - Pelo menos é bem longe. A limpeza pública não vai sentir o cheiro.
JOSÉ (triste) - Você tem mesmo certeza?
MULHER - De quê?
JOSÉ - Que eu devo morrer?
MULHER - Morrer não deve, mas que vai, vai.
JOSÉ - A minha pedrinha já virou paralelepípedo na vesícula. Quase não posso andar.
MULHER - Será que não tem um lugar melhor?
JOSÉ - Puxa! Eu não tenho nem onde cair morto!
MULHER - Põe a cabeça em cima dessa pedra, que serve de traverseiro.
JOSÉ (hesitante) - Não seria melhor morrer lá em casa mesmo?
MULHER - Bem que eu queria... (chora).
JOSÉ - Não chora, meu bem.
MULHER - Queria que você morresse na nossa cama, onde nasceram os nossos filhos. Por falar nisso, na semana passada nasceu mais um, você ainda não viu.
JOSÉ - Com essa história de procurar emprêgo, nem tenho tempo.
MULHER - É uma gracinha. Todo enrugadinho (fala sorrindo em tom de choro).
JOSÉ - Então vamos voltar pra casa: eu morro lá.
MULHER - Você sabe que não pode.
JOSÉ - Por que?



MULHER - Por sua culpa Quem mandou pedir aumento? Agora a gente não tem mais dinheiro pra comprar a madeira do caixão.

JOSÉ - Então vai aqui mesmo, porque de hoje eu não passo.

MULHER - Um pouco pra lá ,o chão é mais macio.

JOSÉ (deitando-se) - Escuta: antes de voltar pra casa, não esquece de procurar emprêgo pro nosso filho.

MULHER - Qual? Esse último?

JOSÉ - Sei que nós já estamos atrasados, mas antes tarde do que nunca.

MULHER - Segura a vela (dá-lhe uma velinha de aniversário).

JOSÉ - Não tinha uma maior?

MULHER - Não tinha é dinheiro pra comprar. Te ajeita com essa mesmo (ela acende a vela). Desculpe ter que ir andando: tá na hora de dar de mamar.

JOSÉ - Está desculpada (deita de todo com a vela acêsa. A luz vai anoitecendo). Olha (a mulher que ia saindo, para). E diz ao nosso filhinho pra nunca pedir aumento de salário. E não esquecer de beijar os pés do patrão.

MULHER - Adeus (vai sair).

JOSÉ - Dizer «amém» tôda que vez o patrão falar com êle.

MULHER - Então até logo (vai sair).

JOSÉ - E devolve aquêles cem mil réis que a gente deve pro vizinho.

MULHER -Não precisa: êle já morreu também.

JOSÉ - Morreu de quê?

MULHER - De fome, ora essa. Também se morre de outra coisa?

JOSÉ - Onde?

MULHER - Preferiu se atirar no rio.

JOSÉ - No rio é melhor: as piranhas só deixam o osso.

MULHER - Mas aqui, a família pode ficar tôda junta e no rio a água leva.

JOSÉ - Então foi por isso que êle preferiu se afogar: não se dava bem com a mulher.

MULHER - Desculpe eu não poder ficar fazendo sala...

JOSÉ - Até logo.

MULHER - Até o além.



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0098, p. 193



JOSÉ - Até (ela vai sair). Olha. Não esquece de dar recomendação a todo mundo que perguntar por mim.

MULHER - Não esqueço não, pode morrer em paz.

JOSÉ - Adeus (a mulher volta).

MULHER - Posso pedir um favor?

JOSÉ - Se eu puder ser útil em alguma coisa...

MULHER - Quando meu pai morreu, minha mãe chorou muito porque viu ele morrendo. Eu queria também chorar, feito minha mãe, na hora da sua morte.

JOSÉ - Dá uma sentadinha aí e espera mais uns dez minutos. Não demoro mais que isso.

MULHER - Esperar não posso, mas se você não se incomodar, eu dou uma choradinha agora mesmo.

JOSÉ - Esteja à vontade.

MULHER - Então, com licença (ajoelha-se perto dêle e desata num choro violento). Meu maridinho morreu. O que será de mim? Eu quero morrer também. José da Silva, me leva contigo. Ai. Ai. Ai (para súbitamente. Levanta-se, recompõe-se. Pausa breve). Pronto. Já chorei o que eu queria chorar. Até logo.

JOSÉ - Até logo (sai silenciosa. José a segue com o olhar, depois olha para o céu. Chamando). Nosso Senhorôôôôr! Daqui a pouco eu estou aí em cima e nós vamos ter uma conversinha. Você não está agindo bem comigo não, viu?

FIM DA CENA ONZE

**CENA DOZE — ENQUANTO JOSÉ FALECE, O LÍDER
RECORRE A PODERES INTEMPORAIS**

Cenário: mesa com bola de cristal, baralho e demais apetrechos próprios à honrada profissão de cartomante. Entra Madame. Líder já está em cena.

MADAME - Doutor Líder, doutor Líder, nem queira saber o que foi que me aconteceu.

LÍDER - Diga.

MADAME - O senhor nem vai acreditar. Ontem quando o expediente já estava encerrado, não é que eu esqueci a bola de cristal aberta?

LÍDER - E daí?

MADAME - Baixou uma porção de espíritos, tudo procurando vossa Excelência.

LÍDER - Queriam o quê?

MADAME - Não sei, mas estavam perturbados, viu? O que é que o senhor andou fazendo?

LÍDER - Preciso falar com o meu guia. Me dá uma especial, materialista.

MADAME - Materialista sai um pouco mais caro. Se Vossa Excelência não anda bom de finanças, vai no baralho que faz o mesmo efeito.

LÍDER - Vou gastar tudo, cobra o que quiser, mas hoje preciso ver o meu guia. Tem que ser hoje.

MADAME - Por que essa pressa?

LÍDER - Porque? Então a senhora não sabe? Hoje é dois de outubro.

MADAME - E amanhã é três!

LÍDER - Dia de eleição. Estou frito. Esse povo está cada vez querendo saber de mais. Estou suando frio.



MADAME - Descobriram tudo?

LÍDER - Tudo também não, mas mais do que deviam.

MADAME - Vossa Excelência é que manda (gritando para dentro).
Maria.

MARIA (de dentro) - Senhora.

MADAME (gritando) - Materialista.

MARIA (de dentro) - Sim senhora.

MADAME - Só falta apagar a luz e a gente pode começar (ergue-se rapidamente o ritual da materialização do espírito. Entra o Guia, sonolento e cambaleante. Pode surgir debaixo da mesa. O Líder pula de satisfação).

LÍDER - Ó, velhão, você veio!

GUIA - Estava dormindo sossegado. A gente não pode ter descanso nem lá onde eu estou.

LÍDER (submisso) - Desculpe incomodar o seu descanso merecido, mas sabe que dia é hoje?

GUIA - Pra mim tanto faz! Eu vivo na eternidade.

LÍDER - Eu ainda estou aqui em baixo: tenho que rebolar até sem bambolê. E hoje é dois de outubro.

GUIA - Já que eu materializei mesmo, me serve uma caipirinha.

LÍDER - Whiskey, manda comprar whiskey (fala para a Madame).

GUIA - De whiskey já estou cheio. Lá em cima só se bebe Johnny Walker. Sinto saudade é de uma caipirinha nossa. Capricha no limão.

LÍDER - É produto nacional! Aliás, é a única indústria nossa que repousa em bases sólidas.

GUIA - Vamos lá. Qual é o seu parangolé?

MADAME - Vou lá pra dentro fazer o refogado, que ainda não jantei. Quando o senhor quiser entrar (aponta a bola de cristal) é só me chamar, viu? (sai).

LÍDER - Estou com medo de perder, e então vim aqui pra ver se você me dava uma ajudazinha, heim? (cutuca-o amistoso).

GUIA - Eu não voto mais. Se fôsse no meu tempo...

LÍDER - Mas aí por cima você tem amigos...

GUIA - É, mas está tudo morto... o mais vivo sou eu.

LÍDER - Vê se entende o meu plano. Isto aqui é um lápis. Você e



os seus amigos se materializam dentro da urna, riscam o nome que estiver na cédula, e escrevem o meu.

GUIA - Voto rabiscado não conta.

LÍDER - Eu trouxe cédulas também. Você entra na urna, tira tudo que estiver lá, e põe essas... Por favor. Faz isso pra mim. Só essa vez...

GUIA - Eu sou invisível, mas a cédula não é. Imagina uma porção de cédulas voando e entrando tudo na sua urna. Tem cabimento?

LÍDER - Você vai deixar eu perder? Eu, o seu melhor amigo. Lembra quando você estava aqui em baixo? Te dei cada emprêgo, velho! Tudo ó de penacho! Não tinha nem que assinar o ponto. Não vai agora me deixar na mão!

GUIA - A gente precisa pensar num método mais decente.

LÍDER - Não funciona. Você está esquecido, pode ser que as coisas aí em cima sejam diferentes, mas aqui em baixo decência não funciona.

GUIA - Vou te dar um conselho: comigo não conta muito não.

LÍDER - Mas meu Espírito, meu Espiritozinho, meu Guia do peito, meu amigão! Eu não posso perder!

GUIA - Vou te dar outro conselho: age com a cabeça. A turma do lado de lá deu um golpe genial. Faz o mesmo.

LÍDER - Como é que eu vou dar um golpe genial. Eles descobriram a honestidade e ficaram donos da bola. Essa ninguém tasca.

GUIA - Esse é o segundo conselho que eu vou te dar. Você roubou muito, aí na terra.

LÍDER - Mas não foi por mal, foi com boa intenção. Roubei bens materiais, e de que servem os bem materiais? Você que o diga. Os bens materiais são o pó. São o reverterem ad locum tuum.

GUIA - Pois devolve os bens materiais que você roubou.

LÍDER - Você está louco!

GUIA - É um golpe melhor que o deles, devolver tudo que você roubou.

LÍDER (afastando-se) - Preciso ser eleito pra continuar roubando, e você quer que eu devolva o que já consegui com o suor das minhas mãos?

GUIA - O regenerado é um ladrão que já não rouba mais honesto é um que ainda não começou. Vai por mim!

LÍDER (entusiasmado) - Para presidente da República vote o Ex-ladrão. Bom ladrão, não fica melhor? Ganha o voto dos feligiosos.

GUIA - Foi justo na Bíblia que eu me inspirei.

LÍDER - A idéia não é ruim, não. Vou dar só metade, tá?

GUIA - Faz o seguinte: tem muita gente por aí morrendo de fome. Muita gente que vai morrer hoje e amanhã não vota. Sai por aí, procura alguém caindo de fome, diz que é promessa, e devolve o dinheiro.

LÍDER - Metade, né?

GUIA - Sai gritando: «O dinheiro que roubei dos ricos poderosos, dou aos eleitores fracos e oprimidos». Robin Hood.

MADAME - Seu Espírito. Seu Espírito (entra afobada). O senhor nem queira saber.

GUIA - Que foi?

MADAME - Tornei a esquecer a bola de cristal aberta, desceu uma porção de amigos seus.

GUIA - Manda embora.

MADAME - Querem todos falar com a Sua Excelência.

LÍDER - Comigo?

MADAME - Estão brabos! (vozeiro dos espíritos fora).

ESPÍRITO - Achei. Ele está aqui.

GUIA - Que é que vocês querem?

ESPÍRITO - Esse não é o Líder?

GUIA - Por quê?

ESPÍRITO - Vamos acertar umas contas com êle.

GUIA - Sai pra lá. Vamos devagar. Madame, segura a turma aí. (entram outros espíritos que são contidos. Guia explica ao Líder). É tudo gente do povo. Estão pedindo de volta o dinheiro que você roubou.

LÍDER (assustadíssimo) - Eu dou em cheque depois, tá?



*Cuidado ó gente
Que ainda está viva
Cuidem da vida*

*é preciso lutar
Para não ter o castigo
De morrer como nós
De barriga vazia
De barriga vazia*

FIM DA CENA DOZE

GUIA - Some daqui e faz o que eu mandei.
LÍDER - Mas onde é que eu vou encontrar alguém morrendo de fome.
GUIA - Qualquer esquina dessas você encontra. Tem um aqui perto. Se chama José da Silva. Dá dinheiro que êle vota em você. E bate no peito.
LÍDER - José da Silva?
GUIA - Chama pelo apelido: Povo.
LÍDER - Povo?
GUIA - E no Natal, me manda uma garrafa de cachacinha.
LÍDER - Povo. Obrigado. Não larga êles atrás de mim, heim? (gritando. Po-vo. Po-vo. Po-vo. (sai sonâmbulo).
ESPÍRITO - Você é mesmo pelego, heim?
GUIA - Deixa pra lá. Daqui há pouco essa turma tá tôda aqui, penando...
ESPIRITINHO - Papaiê. Porque é que a gente tá aqui penando? Nós nunca fizemos nada de mal.
ESPÍRITO - Fizemos, sim, Espiritinho.
ESPIRITINHO - O que foi que a gente fêz?
ESPÍRITO - Nós morremos de barriga vazia. (cantam o «Hino do Povo que Morreu de Barriga Vazia»).

*Morreu de barriga
Morreu de barriga
Morreu de barriga vazia (bis)*

*Nós somos gente infeliz
Que morreu de barriga vazia
Enchendo a barriga dos outros
Enchendo a barriga dos outros
Passamos pela vida e não vivemos
Porque viver é lutar
Para um dia poder
Bem velho morrer
Feliz e contente
Depois do jantar*

CENA TREZE — JOSÉ DA SILVA É SALVO
MILAGROSAMENTE

Floresta. José continua deitado no mesmo local. Resta um toco de vela. As mãos postas sobre o peito, em atitude de quem já não está entre nós.

JOSÉ - Será que eu já morri? Vou me beliscar pra ver se ainda estou vivo (beliscando-se, e dá um berro). Tô, tô vivo (pausa). Por que será que demora tanto? (sorrindo malicioso, contente com a descoberta). Está com medo de mim, heim? Você bem que queria que eu me suicidasse prá ir pro inferno e não ter uma convesinha contigo, aí em cima, heim (apontando para o céu, travêso). Está com medo de mim, heim? Nosso Senhorôôôrrr? (sério). Pode ficar sossegado que eu não vou dar bronca não. Só queria que você me explicasse umas coisas, que eu não entendo, mesmo. Vai ver, você também não entende. Ninguém entende, mas todo mundo vai levando, vai levando sem pensar, e vai todo mundo morrendo, morrendo que nem eu, vai todo mundo roubando, e se de repente alguém pergunta porque, a resposta que vem é «eu não entendo». Não dou bronca não, deixa eu morrer (O. T.). Ah, vá, deixa eu morrer (chateado). Você, heim, vou te contar... Tudo que eu pedi, você nunca atendeu. Me faz êsse favor agora: deixa eu morrer (torcendo-se). Tá doendo... (ouve-se a voz do Líder, ao longe, chamando «Po-vo. Po-vo»). Parece alguém desconsolado pela perda de um gato de estimação. José olha pro céu, assustado). Você disse alguma coisa, Nosso Senhor? Falou comigo (de novo, o Líder). É alguém que está me chamando.

LÍDER (entra sonâmbulo, vagando pela arena, desesperançado) - Poooooovo. Poooooovo.

JOSÉ - Tô aqui.

LÍDER - Moço, o senhor viu alguém morrendo aqui perto.



JOSÉ (olhando em tórno) - Não, não vi...

LÍDER - Ah, meu Deus, onde é que eu vou achar êsse povo.

JOSÉ - Serve qualquer um?

LÍDER - Eleitor!

JOSÉ - Então tem eu, que estou vai ou não vai.

LÍDER - Quem é você?

JOSÉ - Não se lembra de mim?

LÍDER - Como é o seu nome?

JOSÉ - José da Silva.

LÍDER - (feliz) - José da Silva, povo, meu irmão! Há quantos anos! Porque você não me procurou? (abraça-o efusivo). Lá no palácio eu sou o teu escravo. Não vamos nos separar nunca mais, nunca mais (quase chorando). Meu irmão, meu filho, minha mãe, meu pai.

JOSÉ (emocionado mais pela surpresa) - Papai...

LÍDER - Como você está acabado, quase só pele e osso...

JOSÉ - E já não tenho mais intestino...

LÍDER - Que houve com o teu intestino? (demonstrando).

JOSÉ - Uma tripa foi entrando por dentro da outra, comendo a outra por falta de uso, ficou um canal só, retinho.

LÍDER - E agora?

JOSÉ - Agora tudo que eu ponho na bôca, cai no chão (faz a mágica com duas moedas, é claro).

LÍDER - Você está mais morto do que vivo.

JOSÉ - Pensei até que já estivesse à mão direita (olha pro céu).

LÍDER - Será que nesse estado, vão te deixar votar?

JOSÉ - Estando vivo, têm que deixar!

LÍDER (tirando uma banana do bolso) - Então come uma banana, meu filho. Fica forte. Aqui tens uma banana (José come a banana quase que dentro do bolso do Líder, com casca e tudo. Para si mesmo). O que foi que o meu Guia mandou dizer?

JOSÉ (comendo) - Não sei... não sei...

LÍDER (representando penitência) - Eu roubei muito durante tôda a minha vida política. Sou um ex-ladrão. Sou o Bom Ladrão. Aquê-le que morreu ao lado de Cristo, lutando, batalhando, sofrendo crucificado como êle. Te comove. Fica comovido.

JOSÉ - Comovo. Mas me dá outra banana.



LÍDER - Banana? Eu te darei tôda a minha vida, todo o meu dinheiro, todo o fruto do meu peculato, quer dizer, metade (tira um **terno enorme de um embrulho e tenta vesti-lo em José**). E toma também dinheiro (dá-lhe algumas notas de um cruzeiro).

JOSÉ - Isso tudo é prá mim?...

LÍDER - Tudo.

JOSÉ - E o que é que você leva em troca?

LÍDER - O seu perdão.

JOSÉ - Tá perdoado.

LÍDER - E o seu voto.

JOSÉ - Tá votado.

LÍDER - E uma vez eleito, começaremos vida nova.

JOSÉ - Escuta, você não quer ser perdoado pela minha mulher também?

LÍDER - E pelos seus filhos maiores!

JOSÉ - Vamos correndo lá em casa.

LÍDER - Quantos filhos?

JOSÉ - Só dois são eleitores.

LÍDER - Prá êsses eu dou casa, comida e um emprêgo público.

JOSÉ - Vou trazer o vizinho, o padeiro, o leiteiro. Dependendo da verba, trago até o papagaio. Ensino a dizer: «Já ganhou. Já ganhou». Puxa, a minha mulher vai ficar contente... Se tivesse eleição todo mês, ninguém precisava morrer de fome... As eleições resolvem a miséria do povo. As eleições deviam ser patrocinadas pelo... (entra a Mulher. Traz roupas e maquiagem próprias de teatro infantil, exageradíssima).

MULHER - José da Silva, querido, você não precisa mais morrer.

JOSÉ (assustado) - Quem é essa mulher?

MULHER - A sua (os dois estão mais fantasiados que palhaços).

JOSÉ - Você descobriu petróleo no quintal lá de casa?

MULHER - Descobri uma mina de ouro: um homem honesto.

JOSÉ - Maria, você prometeu não me trair, nem mesmo depois de morto.

MULHER - Ele é do Comando Sanitário.

JOSÉ (para o Líder) - Chegamos tarde. O voto é dêles.

ZÊQUINHA (entrando) - Pooo-vooo. Pooo-vooo. José da Silva, meu

irmão. Por que você me abandonou? Não vamos nos separar nunca mais. Somos como dois irmãos siameses: eu sou teu e o teu voto é meu.

JOSÉ (para a Mulher) - Que é que eu faço?

LÍDER - Eu sou teu e o teu voto ninguém tasca.

ZÊQUINHA - Eu vi primeiro.

LÍDER - Eu paguei primeiro.

ZÊQUINHA - Êle vai votar em mim porque eu sou honesto.

LÍDER - Vai votar em mim porque eu fui ladrão.

ZÊQUINHA - Ser honesto é melhor do que ser ladrão.

LÍDER - Ser ladrão e confessar, é muito melhor do que também ser e não dizer.

ZÊQUINHA - Resolve, José da Silva: qual é melhor?

JOSÉ - Quem dá mais?

LÍDER - Isso se diz, José da Silva?

ZÊQUINHA - Isso se faz?

JOSÉ - Eleição pra presidente, só daqui há cinco anos.

FEIRANTE (entra correndo, excessivamente bem vestido) - José me acode, êsse daqui quer que eu vote nêle.

MAGRO (correndo atrás) - Eu sou a salvação da pátria, você tem que votar em mim (saem correndo os dois).

HOMEM (nas mesmas condições que o feirante) - José da Silva, o que é que eu faço? Tenho só um voto prá dar?

MILIONÁRIO (correndo) - Comigo a indústria vai progredir.

JOSÉ - Êles também já te pagaram?

FEIRANTE (reentra) - Deixa eu ver a tua roupa. Em quem é que você vai votar?

MILIONÁRIO - Eu debelarei a fome.

ZÊQUINHA - Eu vos darei hospitais...

LÍDER - Eu vos darei escolas...

ZÊQUINHA - ...e escolas...

LÍDER - ...e hospitais...

ZÊQUINHA - Eu vos darei estradas...

LÍDER - Eu vos darei comida...

ZÊQUINHA - ...e comida...

LÍDER - ...e estradas...



MAGRO - Vote em mim pelo amor de Deus.
ZÊQUINHA - Vote em mim pelo amor da pátria espoliada.
LÍDER - Vote em mim pelo amor da pátria combalida.
MILIONÁRIO - Vote em mim pela pátria conspurcada.
ZÊQUINHA - Vote em mim e nos meus.
LÍDER - Vote nos meus e em mim. (os quatros candidatos cantam,
em tórno de José da Silva e sua Mulher, a «Canção do Vote em
Mim»).

CÓRO DOS CANDIDATOS - *Vota em mim
Vota em mim
Vota em mim
É só olhá prá logo vê
De nós quem é o melhó*

*Vota em mim
Vota em mim
Vota em mim*

*Se eu ganhá você ganhou
E a vida vai melhorá
Porque eu lhe dou
Se eu vencer
O céu, a terra e o mar*

LÍDER - *Eu fui um bom ladrão
Mas tenho a alma pura
Roubar é má ação
Mas é linda aventura
Regenerado estou
Imploro o teu perdão
Passado já morreu
Limpei o coração*

ZÊQUINHA - *Eu nunca fui ladrão
Eu sempre fui bonzinho
Você é meu irmão
Me dá o seu votinho*

*Eu sou você
Você sou eu (bis)*

E é, em mim que você vai votar





JOSÉ - *O que é que eu vou fazer
Para todos agradar*

(declamando) - *Todos são tão poderosos*

CÔRO DO POVO - *Mas precisam de mim prá votá
É preciso tirar a sorte
É preciso tirar vantagem*

JOSÉ - *O bom ladrão, o bom Zêquinha
O arreventado e o patrãozinho*

CÔRO DO POVO - *Eu preciso escolher um nome
Que mata melhor a fome
Vota em mim
Vota em mim
Vota em mim*

*Se eu ganhar você ganhou
E a vida vai melhorar
Vote em mim
Vote em mim
Vote em mim*

*Porque eu lhe dou se eu vencer
O céu, a terra e o mar*

MILIONÁRIO - *É em mim
É em mim*

CÔRO - *Que você vai votá
Vote em mim*

MILIONÁRIO - *É em mim*

CÔRO - *É em mim
Que você vai votá
Vote em mim*

MILIONÁRIO - *É em mim
É em mim
Que você vai votar
Vote em mim
Vote em mim
Vote em mim*

FIM DA CENA TREZE

CENA CATORZE — JOSÉ DA SILVA CUMPRE O DEVER SAGRADO

Esta cena segue-se imediatamente. Os quatros candidatos recuam, ajoelham-se. Se prezam, e assistem silenciosos à votação. Material de cena: uma urna.

JOSÉ - Agora eu vou votar.

MULHER - Eu também.

JOSÉ - Em quem você vai votar?

MULHER - Nos dois. Prometi aos dois.

JOSÉ - Mas quem foi que te deu o dinheiro?

MULHER - Os dois me deram dinheiro. E a você?

JOSÉ - A mim também.

MULHER - Vota em quem deu mais.

JOSÉ - Como é que eu vou saber quem foi que deu mais?

MULHER - E agora?

JOSÉ - É muito simples: a gente não pode votar no homem.

MULHER - Que homem?

JOSÉ - Precisamos votar conscientemente no programa político, na plataforma, nas idéias. Esse é o voto consciente do bom cidadão.

MULHER - Bom, teve um que prometeu escolas, hospitais, transporte e comida.

JOSÉ - E o outro prometeu escolas, hospitais, transporte e comida. Quem é melhor?

MULHER - Vamos votar nesse.

JOSÉ - Qual? O que prometeu escolas, hospitais...

MULHER - Não: no que prometeu escolas, hospitais, transporte e comida.

JOSÉ - Já sei: você vota num e eu voto no outro. Assim a gente não pode errar.

MULHER - Então eu voto no que prometeu escolas, hospitais, transporte e comida.



JOSÉ - Não, burra. Nesse quem vota sou eu. Você vota no que prometeu escolas, hospitais, transporte e comida.

MULHER - É que os programas são meio parecidos (mostrando uma cédula). Este é o meu voto.

JOSÉ (idem) - Este é o meu.

MULHER (observando) - Mas o programa dêste é escolas, hospitais...

JOSÉ - ...transporte e comida. Então troca. Esse é o meu.

MULHER - Já sei: eu voto no outro, o que prometeu hospitais, escolas...

JOSÉ - ...transporte e comida. Esse é o seu. Custou!

MULHER - Mas são dois votos.

JOSÉ - Não há jeito de errar. Você vota nesse e eu voto neste. Alguém da família tem que acertar nessas eleições.

MULHER (indecisa diante da urna) - José.

JOSÉ - Que foi?

MULHER - Você lembra da última vez nós dissemos a mesma coisa?

JOSÉ - Se lembro.

MULHER - Não vamos votar não (triste).

JOSÉ - O bom cidadão vota no programa. O bom candidato que o cumpra. Toma. Esse é o seu candidato, êste é o meu (macambúzios, deixam cair as cédulas na urna. Põe a mão no peito). Cumprimos o nosso dever de cidadãos. Cumprimos o dever sagrado do voto.

MULHER - Amém (ajoelham-se).

JOSÉ - E Deus que nos perdõe

MULHER - Nós pecamos juntos (levanta-se assustadíssima). Corre. Corre.

JOSÉ - Corre por quê?

MULHER - O nosso filho mais velho vem aí.

JOSÉ - Que é que tem?

MULHER - Ele também vota.

JOSÉ - E daí?

MULHER - Vai nos perguntar em quem deve votar.

JOSÉ (apavorado) - Corre, corre (saem correndo de cena).

FIM DA CENA CATORZE

car no próprio jornal, envenenando a opinião pública. E viu no que é que deu?

MILIONÁRIO (furioso) - Eu aceitei a pecha de honesto, porque pensei que funcionasse. Mas nós estamos num país de analfabetos, de índios botucudos.

ANJO (sereno) - Good... good...

ZÊQUINHA (desata a chorar, cai no chão de joelhos, de mãos postas para o céu) - Padre Nosso que estais no céu, Santificado seja o Vosso Nome, venha a mim o Vosso beneplácito nestas eleições, porque nada tens contra mim que sou temente a Deus, ao Pai, ao Filho, ao Tio, ao Espírito Santo, a tôda a Santíssima Família enfim. Prometo que se ganhar, nunca mais hei de trair o meu povo.

JORNALISTA (inconformado) - Essa história de honestidade é pra país civilizado, nós ainda não estamos à altura (o garoto põe 1 x 1. As atitudes mudam imediatamente nos dois grupos).

GRUPO DE ZÊQUINHA (piores que os torcedores do Palmeiras).

JORNALISTA (inconformado) - Essa história de honestidade é pra nada.

JORNALISTA - Claro que a gente precisa ser original.

MILIONÁRIO - Ser original é ser honesto.

ZÊQUINHA - Obrigado, meu bom Deus. Já ganhei.

JORNALISTA - Foi o que eu sempre disse.

MILIONÁRIO - Salvamos a Indústria.

JORNALISTA - Salvamos a Imprensa.

ZÊQUINHA - Salvamos a nação.

JORNALISTA - Lá vai êle de novo. Dois a um.

ZÊQUINHA (para os céus) - Pelo amor de Deus, Nosso Senhor, não torna a brincar comigo: eu sofro do coração.

LÍDER - Eu só queria saber qual foi êsse cretino que votou contra mim. Vai ver foi a minha mãe: ela nunca foi com a minha cara. Mas se foi um de vocês, que se acuse.

BAIXINHO - Ainda está no começo, calma.

MAGRO - Calma né? A idéia de votar nessa cavalgada foi sua!

LÍDER - Cavalgada, eu? Olha que a velha volta ao plenário! (o garoto põe Zêquinha 2 x Líder 1).

MILIONÁRIO (no meio da algazarra geral) - Onde é que você vai?

JORNALISTA - Conosco ninguém podemo. Conosco ninguém podemo.

ZÊQUINHA - Não viu que está dois a um? Agora a vitória é certa.

MILIONÁRIO - Graças a mim.

ZÊQUINHA (querendo sair) - Vou redistribuir o Ministério, que não preciso mais de vocês.

MILIONÁRIO - Não faça isso, que nós temos acôrdos escritos.

ZÊQUINHA - E eu com isso? A conjuntura político-econômica mudou, não mudou?

MILIONÁRIO - Zêquinha, pelo amor de Deus. Fui eu que elegi você. Não faça isso comigo.

ZÊQUINHA - Você me ajudou no passado, mas temos que pensar no futuro. No futuro da pátria e no futuro do meu bolso. Vou comer sobremesa todo dia.

JORNALISTA - E eu? E o meu jornal?

ZÊQUINHA - Se quiser uma vaga de Public Relations, dá uma esfregada no meu sapato que está cheio de poeira (Jornalista joga-se sobre os pés de Zêquinha e esfrega desesperadamente com as mãos). E você, dá uma lambida pra dar brilho (o Milionário obedece segurando-se as suas pernas).

MILIONÁRIO (completamente transformado) - Quer que eu faça uma cosquinha na sola do sapato, quer?

ZÊQUINHA - E você, Can-can pra me divertir (enquanto o Milionário faz cócegas na sola do sapato de Zêquinha, o Jornalista dança grotescamente. Zêquinha está feliz). Obrigado, meu bom Deus.

MAGRO (para o Baixinho) - Foi por sua causa que nós perdemos.

BAIXINHO (intimidade) - Ah, se eu soubesse...

MAGRO - E eu tinha prometido a minha sogra um emprêgo na Prefeitura, pra ela parar de me encher.

LÍDER (colérico) - Burro. Era êle que tinha que ser candidato. Você não viu logo que ninguém mais acredita em mim?

MAGRO - Vamos dar uma surra nêle? (os dois fecham o cêrco para esmurrá-lo).

LÍDER (dobrando-lhe o braço) - Pede pinico de joelhos.

BAIXINHO (acorvadado) - Pinico. Pinico (flash de esperança). Olha, lá vai êle. (o garoto põe 2 x 2).



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0098, p. 152

MAGRO (com o braço levantado para bater) - Dá cá um abraço.
LÍDER (feliz) - Meu grande amigo das horas incertas e titubeantes.
BAIXINHO - Obrigado. Dois a dois (o garoto muda para Líder 3 x 2).

JORNALISTA (empurrando Zêquinha que cai da cadeira) - Hei, gente, tem uma vaguinha pra mim aí? Eu queria fazer uma reportagem. Um anunciozinho, pelo amor de Deus (o garoto vai mudando o placard, passando sempre pelo empate. O Jornalista fica feito barata tonta, entre os dois grupos. José da Silva tenta falar com uns e outros e recebe respostas de «sai prá lá, moleque», «não encosta», «some da minha frente», etc.; o garoto vai se afastando com o placard e os políticos caminham atrás dêle gritando cada novo escore. José ainda consegue segurar o jornalista que é o último a sair).

JOSÉ - Seu Jornalista queria dar uma notícia pro senhor.

JORNALISTA - Anúncio pago?

JOSÉ - É uma notícia extraordinária!

JORNALISTA - Sôbre que?

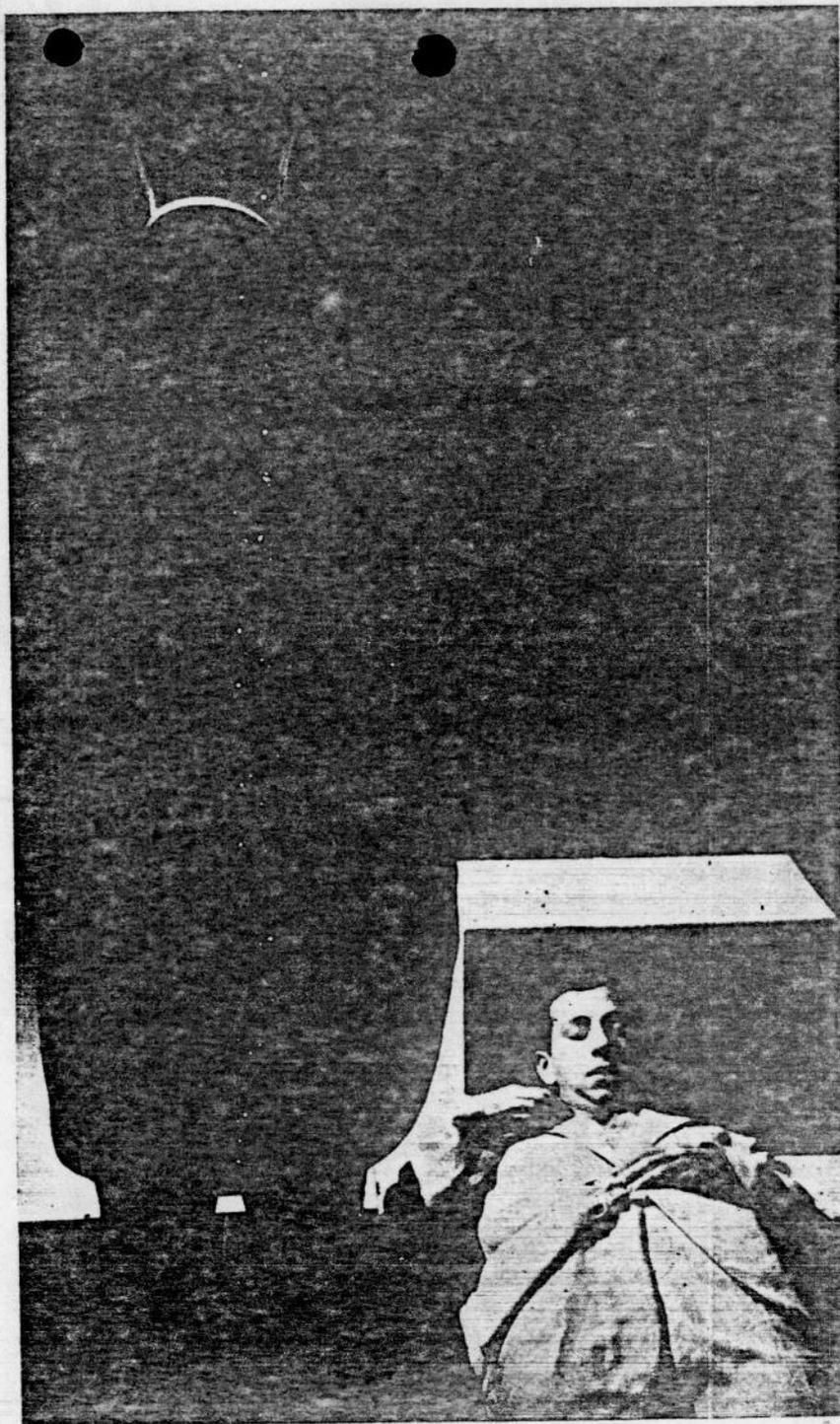
JOSÉ - Uma coisa que nunca se viu. Pelo menos que não se vê desde que eu ainda mamava no peito. Quando eu contar, ninguém vai acreditar. É espantosa!

JORNALISTA - Conta logo.

JOSÉ (solene) - Depois de muitos anos, e graças às últimas eleições, graças as eleições que resolvem os problemas do povo, eu, José da Silva, cidadão local, casado, vacinado, eleitor, vou almoçar, vou comer.

JORNALISTA (como repórter) - Deixa eu tomar nota (escreve). A imprensa estrangeira vai mandar repórteres para conhecer o fenómeno. Já se ouviu falar em mulher de duas cabeças, em homem de quatro patas, mas um homem do povo que almoça, isso é completamente inverossímil.

JOSÉ (com ingênua dignidade) - Como os senhores estão vendo não tenho nada nas mãos nem nas mangas da camisa (deposita a marmitta no chão, embrulhada num guardanapo. Abre o guardanapo). E dêste guardanapo retiro a marmitta, no interior da qual os senhores poderão ver arrôz, feijão e um pequeno embrulho. Neste embrulho encontra-se embrulhada o que se chama de sobremesa.



JORNALISTA (sempre tomando nota - Sobremesa... (murmura baixinho, algumas palavras ditas por José). O homem do povo também vai comer uma sobremesa. Graças às eleições!

JOSÉ - Esta sobremesa tem o nome de marmelada. E aqui estão os talheres. Faca, garfo, e colher. Comecemos pelo feijão com arrôz (para o Jornalista). Não é melhor chamar o fotógrafo?

JORNALISTA - Pelo sim e pelo não, vou me afastar um pouco, que pode acontecer alguma coisa. É perigoso ficar perto de José da Silva comendo.

JOSÉ - Atenção. Lá vai a primeira colherada (levanta a colher com comida acima da sua cabeça e depois engole). Ahhhhhh.

JORNALISTA - Consumatum est!

JOSÉ (dá um grito) - Aaaaaiiiii.

JORNALISTA - Está vendo? Fracassou a experiência?

JOSÉ - Estou morrendo.

JORNALISTA - Tinha veneno? Você foi assassinado? Quem matou você?

JOSÉ - Não é veneno. Entupiu (cai no chão e estrebucha).

JORNALISTA - Você vai morrer?

JOSÉ - Já estou morto.

JORNALISTA - Ainda há tempo de rezar. Morre rezando, enquanto eu vou chamar o resto da quadrilha.

JOSÉ (sòzinho, deitado, ao lado do guardanapo e da marmita) - Padre Nosso que estais no céu, perdoai a nós pecadores, mas não é justo perdoar os nossos devedores... fezei-os pagar, Aníem (morre).

JORNALISTA (reentrando) - Pára essa eleição, pessoal, não adianta mais nada. Acabou a festa. Pára com isso. Não interessa quem vai ganhar (entram todos. No meio vem também espíritos, prostitutas e todos os demais personagens, vestidos cada um do seu jeito. Não fica ninguém fora de cena).

LÍDER - Parar a eleição por quê?

LÍDER - Que idéia mais maluca: eu estava na frente.

LÍDER - Era eu que estava na frente.

MILIONÁRIO - Vamos decidir essa parada logo de uma vez.

JORNALISTA - Agora não adianta. Não adianta mais.

ZÊQUINHA - Não adianta?



LÍDER - Por que não adianta?

JORNALISTA - Porque não há mais ninguém a governar. José da Silva morreu (pausa).

ZÊQUINHA - Quem era José da Silva?

LÍDER - Nunca o vi mais gordo.

MILIONARIO - José da Silva? Quem era?

MAGRO - Ninguém conhece José da Silva...

JORNALISTA - Sem José da Silva não há eleição. A eleição escolhe quem governa: agora não há quem governar. José da Silva morreu.

LÍDER - Não tem importância: a gente faz eleição pra escolher quem governa e o que perder, fica sendo o governado.

ZÊQUINHA - Então eu governo você.

LÍDER - Não, isso não. Eu não quero ser governado. Quero governar você.

MILIONARIO - Não. A mim ninguém governa. Eu governo você.

ZÊQUINHA - Vamos eleger os governados (protestos gerais).

TODOS - Eu sou governante. Eu também. Eu também. Não quero ser governado.

JORNALISTA - Ninguém quer ser governado. José da Silva era governado. Agora que morreu também não há governante. Até o Anjo da Guarda já foi embora.

LÍDER - Se eu soubesse que ele era tão importante, pelo menos dava-lhe um emprêgo prá não morrer de fome.

ZÊQUINHA - Engraçado: ninguém sabia quem era José da Silva.

JORNALISTA - Já que foi tão esquecido em vida, não podemos enterrá-lo em silêncio.

LÍDER - Você tem razão. E a política não pode estar alheia ao sepultamento. Podem me dar a palavra que eu falarei por mim e por nós todos.

TODOS - Mais discurso! Chega de encheção.

LÍDER - É mais que um discurso: é uma encomenda da sua alma às instâncias superiores. E mais do que a encomenda, uma surpresa.

JORNALISTA - Tem, pois, a palavra o líder, que fará o elogio do falecido, e ousarei mesmo dizer, seu panegírico (o Líder prepara-se e fala. Seu discurso deve ser demagógico e duro. Deve ser cruel).

LÍDER - Senhor cadáver, aqui presente

e também alma do defunto
que não deve estar presente
Senhores membros do entêrro;

José da Silva, operário,
aqui jaz por nosso êrro
Um operário o que é?

Pequena formiga que constrói
Muralhas contra a corrupção
Desta formiguinha, agora morta,
dependeu o futuro da nação
Operário constrói fábrica, pasta de dente,
é ele que faz cathedral, bonde, cachorro quente
Pinga, vodka, whiskey
é operário que faz ...

Pobre Zé da Silva
que ora aqui jaz

Vou fazer revelação:
Sem José, a formiguinha,
o que seria do patrão?

Político faz discurso
Mas é o operário que paga.
Faremos pois uma surpresa:
não o deixemos partir
para as águas do Aqueronte
sem carregar um discurso
e um beijo em sua fronte

(Dois membros do entêrro levantam José e o colocam em cima de um pedestal, em posição de estátua de mendigo).

A surpresa é um monumento.
Túmulo do Operário Desconhecido
E a morte de José vem a propósito
Será o defunto fundamental
Vela não é preciso
basta só uma inscrição
arrancada a duras penas
de dentro do coração.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
RELATÓRIO Nº 273/84 - SCC

1 - IDENTIFICAÇÃO

- 1.1 - Título: "Revolução na América do Sul"
1.2 - Autor: Augusto Boal
1.3 - Espécie: texto teatral

2 - CONTEÚDO

- 2.1 - Enredo: José da Silva, operário, sofre todo tipo de privações, não conseguindo sequer comer e, ao pedir aumento salarial para seu patrão, é sumariamente despedido. Já Zequiinha Tapioca, outro operário, acredita que para acabar com a miséria coletiva basta fazer uma revolução, a Revolução da Honestidade. É iludido, todavia, pelo Milionário e pelo Jornalista. O primeiro financia sua candidatura política e o corrompe, o segundo o apóia através da imprensa, ambos pretendendo neutralizar os interesses - também espúrios - de candidato rival, o Líder, que conta com a importante ajuda do seu Anjo da Guarda.
- 2.2 - Mensagem: Crítica em tom de farsa burlesca ao arrivismo e à corrupção política; à exploração econômica (particularmente a realizada por empresas estrangeiras); ao jornalismo sectário e interesseiro ("imprensa marrom").

3 - PÚBLICO ALVO

Adolescentes, já com certo nível de maturidade, e adultos.

4 - LINGUAGEM

Coloquial.

5 - GRAU DE PERSUASÃO

Convincente.

6 - PERSPECTIVA CENSÓRIA

- 6.1 - Comentário: Em linguagem simples e escorreita, a peça satiriza a conjuntura social, econômica e, principalmente, política do país, reportando-se a um contexto anterior a 1964, época em que foi escrita, mas, nem por isso, perdendo sua atualidade. A nosso ver, as paródias genéricas e o tom jocoso do texto amenizam quaisquer implicações censórias.
- 6.2 - Parecer: Pela liberação com restrição etária, nada havendo no texto que contrarie a legislação censória em vigor.

Visto.
Em 05.06.84
BISPO DA HORA
Cens. Matr. 2.324.468
SCDP/SR/DPF/RS

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
RELATÓRIO Nº 273/84 - SCC (CONTINUAÇÃO)

- 6.3 - Classificação: Impróprio para menores de 16 (dezesesseis) anos.
- 6.4 - Justificação: Crítica sócio-política.

Porto Alegre, 31 de maio de 1984.

Alex Cardia Eschiletti

ALEX CARDIA ESCHILETTI
TC - Metr. (22.1.1)

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS-SR/DPF/RS

RELATÓRIO Nº 276/84-SCC

1. Identificação:

Título: REVOLUÇÃO DA AMÉRICA DO SUL

Autor: Augusto Boal

Espécie: Peça teatral - EXAME DE TEXTO

2. Conteúdo:

2.1. Enredo:

José da Silva é operário. Tem onze filhos. Hora do almoço. Zequinha Tapioca come sua marmita, onde encontra uma sobremesa, coisa que não sabia nem o que era. José tem que pagar, digo, tem que pagar para vê-lo comer. Sua mulher não lhe traz comida enquanto não pedir aumento de salário. Zequinha lhe diz que pedir aumento não adianta, que é preciso fazer uma revolução.

Por insistência da mulher, José pede aumento. O governo concede aumento de salário mínimo. José para comemorar, pede um almoço reforçado. Mas o preço o assusta e só lhe é permitido comer um osso, porque tudo subira com o salário. Quem é o culpado disso? Não é o governo, não é o patrão, não é... é o filho de José que nasceu e que precisa comer!

Mas Zequinha convence José da Silva a fazer revolução e vão encontrar-se com os "revolucionários" numa boate. Estes são "filhos de papai". Mas por falta de um dia em que todos estivessem disponíveis a revolução fica adiada. Aparece a polícia para combater a prostituição e todos fogem. Quem é preso é José - e até que fica satisfeito pois teria comida - mas é solto por falta de provas.

Na Câmara, os deputados discutem os problemas, mas só querem saber do proveito que tirarão das crises. Antevendo as eleições, já discutem quem será o candidato e com quem repartirão o "bolo" dos cargos de confiança.

Por falta de verbas, Zequinha se alia ao ricos do partido de oposição e passa a portar-se como um deles. Sob a proteção do "anjo da guarda" (as multinacionais), todos os partidos fazem a campanha política. A plataforma política dos partidos é idêntica. Na campanha é distribuído alimento. Apuram os votos. Está empate, mas vem a notícia da morte de José da Silva, porque ao comer, o organismo não suportou. Os políticos param a apuração e fazem um discurso em linguagem, digo, em homenagem ao operário morto.

2.2. Mensagem:

Crítica político-social das pretensas revoluções na América do Sul. Válida enquanto análise crítica.

3. Público Alvo: Adulto.

4. Linguagem: Coloquial, do cotidiano.

5. Grau de persuasão: acima de médio.

- segue -

Vino.
Caro 05.06.84
BISPO DA HORA
Cens. Matr. 2.324.483
Câmara do SCDP/SR/DPF/RS

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS-SR/DPF/RS

RELATÓRIO Nº 276/84-SCC - continuação

Fls. 2

6. Perspectiva Censória:

Trata-se de obra fazendo análise crítica, em tom sátiro-burlesco, das revoluções acontecidas no Brasil e, por extensão, na América do Sul. A causa das revoluções está na fome do povo.

As revoluções nunca atingem os objetivos, porque quem as faz não deseja mudar o sistema e sim ocupar o lugar dos que estão no poder - políticos e patrões. Alguém do povo que vá fazer uma revolução, logo quer ser o chefe e passa a portar-se com mordomias de rico.

Mostra que as revoluções também não acontecem por que seus líderes são muitas vezes filhos de pais ricos querendo vingar-se dos pais, alheios aos verdadeiros interesses do povo.

Ainda: Tanto a situação como a oposição buscam apoio financeiro do poder econômico internacional, cuja ganância ditará as diretrizes de governo de quem quer que vença as eleições ou chegue ao poder por outros meios. E o povo continuará morrendo de fome.

Também são feitas críticas de cunho religioso, relativamente ao tema.

É peça de cunho político. Não prega a revolução armada. Faz análise das revoluções que não aconteceram por falta de identidade de seus promotores com os objetivos revolucionários. Afirma que há muita "politicagem", mas não é ofensiva à honra de nenhuma autoridade consituída. Historicamente os "fatos" se passam no final da década de 50.

A peça se enquadra entre os temas permitidos, digo, temas permitidos pelas instruções do C.S.C.

PARECER:

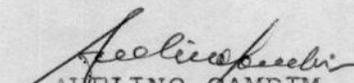
Opinamos pela liberação da peça teatral em epígrafe, pois a mesma não fere a legislação censória em vigor.

Classificação etária: IMPRÓPRIO PARA MENORES ATÉ 16 (DEZESSEIS) ANOS, por tratar-se de análise político-social complexa.

Justificativa de impropriedade:

"Abordagem complexa de tema político-social".

Porto Alegre, 1º de junho de 1.984.


 AVELINO GAMBIM
 Matr. Nº 2 324 369

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

RELATÓRIO Nº 277/84 - SCC

1. Identificação:

Título: "REVOLUÇÃO NA AMÉRICA DO SUL"

Autor: Augusto Boal

Espécie: peça teatral (EXAME DO TEXTO)

2. Conteúdo:

Enredo: José da Silva (representando o povão) cheira enlevado a marmitta do amigo Zé Tapioca. O que ganha, não dá mais para comer. Sonhando, lembra do tempo em que podia comer marmelada, de sobre-mesa. Paga alguns trocados para cheirar a comida do amigo. José não agüenta mais a mulher reclamando e o filho recém nascido chorando de fome. Zé Tapioca aponta uma única solução para sua situação de extrema penúria. Teria que pegar armas e sair para rua, organizando uma revolução.

O governo ouvindo boatos a respeito de revolução, se vê pressionado. Resolve decretar um substancial aumento para o salário mínimo. O Líder dá a notícia ao povo.

José da Silva, com o dinheiro do aumento, sai para fazer compras. Logo sente-se infeliz, pois descobre que com o dinheiro que recebeu, não consegue comprar mais nada. Os alimentos subiram, porque o transporte aumentou; o transporte aumentou, porque os pneus subiram; os pneus subiram, porque os salários aumentaram. Os salários aumentaram porque José reclamou, porque sua mulher também reclamou e porque seu filho chorou de fome. José convence-se de que é culpado por toda esta situação. Quando vai falar ao patrão que o aumento não adiantou, é despedido. O patrão acusa-o de que com o seu aumento de salário, os produtos tiveram que subir de preço e agora não consegue mais vender.

José vai à Câmara dos Deputados em busca de socorro para sua situação de extrema dificuldade. Os deputados, entretanto, não estão preocupados com sua pessoa(povo). Discutem bobagens do tipo, aumento do papel higiênico ou repartem verbas em projetos que lhes darão mais votos: campos de futebol, carnaval etc. Quando José da Silva e os Esfarrapados pedem emprego ou pelo menos um prato de comida para saciar a fome, o Líder pede que retornem mais próximo das eleições.

Zequinha Tapioca, com seu espírito de liderança, José da Silva, algumas prostitutas e os revolucionários, resolvem combinar uma revolução para o outro dia. Como a situação está muito difícil para todos, iriam atacar o palácio do governo, fuzilar e enforcar os vendilhões da pátria. Desistem da data primeiramente escolhida porque quase todos tinham compromisso. Um dos revolucionários teria que se despedir da mãe que partia para Paris, outro já havia marcado encontro com a namorada. Quando José aparece com a bandeira da Revolução da Honestidade, todos os participantes haviam sumido para tratar de seus interesses pessoais. José é preso e levado para interrogatório. Sofrendo torturas, nada nega pois aí está sua chance de comer. Quando os policiais descobrem que falta alimento no presídio, mandam José embora. Ele vai sob protesto e continua sua peregrinação em busca de solução para seu desemprego e fome. Enquanto isso, os políticos discutem, na Câmara, como dividirão as Estatais para tirar maior lucro para si próprios. Zequinha Tapioca, o pseudo líder da revolução, resolve candidatar-se, também, às eleições.

.....

Visto.
 Com 05.06.84
 JOÃO BISPO DA HORA
 Téc. Cens. Matr. 2.324.483
 Chefe do SCDP/SR/DF/RS

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

.....
 Ele também quer sua parte na divisão do quinhão. José da Silva, agoniado pela dor da fome, procura alívio no Instituto de Previdência. Também nada conseguindo, perde as esperanças. Resolve ir morrer numa floresta, pois lá, não daria despesas. A mulher chora ao seu lado e volta para cuidar dos filhos.

Quando os candidatos dão-se conta da proximidade das eleições, lembram-se de José (povo). O Líder sai à sua procura. Oferece-lhe uma banana para que tenha forças para votar e algum dinheiro. Promete que após as eleições dará tudo ao povo. Após a votação, José da Silva vai comer uma refeição completa que vai até ser narrada por um interessado jornalista. Quando ele começa a comer, cai morto. Não agüentara mais. Os candidatos contando os votos, dão-se conta que com José (povo) morto, não terão a quem governar.

Mensagem principal: Crítica político-social à estrutura de governos como o nosso e outros da América do Sul, que esquecem do homem (povo). Enquanto os Josés da Silva penam desemprego e fome, os políticos exploram e fazem demagogia. As multinacionais estão por trás levando seu quinhão assim como também agem os homens da imprensa. José da Silva está completamente só. Quando arma-se uma tentativa de luta por melhoras, sempre os interesses particulares dos falsos líderes se sobrepõe. Os Zés da vida são humildes e dóceis. Eles querem apenas manter vivos os seus. Os movimentos armados nascem de cabeças de filhos de papais ricos, líderes interesseiros ou arruaceiros. Esta é a mensagem da peça. Como crítica, ela tem aspectos negativos e positivos.

3. Público alvo: jovens com certa maturidade, maiores de 16 anos.
4. Linguagem: usual, do cotidiano.
5. Grau de persuasão: convincente.

Perspectiva censória: (6) - A peça faz uma crítica às pseudo-tentativas de revoluções ocorridas no Brasil e por extensão, na América do Sul. O tom satírico e caricato estão presentes no desenrolar do texto.

A crítica refere-se aos Josés da Silva que aí estão morrendo à mingua, enquanto os políticos manipulam verbas públicas, os falsos revolucionários aderem para aparecer ou fazer seu tipo de protesto, os falsos líderes não passam de interesseiros e os governantes nadam fazem. Os Zés são apenas lembrados nas épocas de eleições, quando são devidamente valorizados.

A peça desenrola-se em épocas passadas, mas nota-se que o autor quis escrevê-la abordando problemas sempre atuais.

PARECER

Tendo em vista o momento de abertura política em que o país vive, considerando instruções a respeito de liberação de textos políticos, creio que a peça possa ser liberada integralmente. A tentativa de revolução mostrada, perde-se em meio a interesses pessoais. O que pareceria um movimento violento perde-se em meio à narrativa. A "Revolução da Honestidade" transforma-se em nada.

Classificação: como a peça faz uma abordagem a tema complexo, que exige uma certo grau de amadurecimento, creio que não seria adequada a público mais jovem. Opino pela sua liberação para maiores de 16 anos.

Justificação de impropriedade: Crítica político social.

Porto Alegre, 04 de junho de 1984.

Irene Banka Butarelli
 IRENE BANKA BUTARELLI
 TC - Matr. 2.415.792



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MJ — DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

DELEGACIA DE POLÍCIA FEDERAL EM SANTA MARIA

RELATÓRIO

Cumprindo determinação de V.Sa., dirigi-me no dia 03 de setembro de 1984, às 21:00 horas, próximo passado nas dependências do Clube Santamariense, nesta cidade, para assistir ao ensaio geral da peça "Revolução na América do Sul" de autoria de Augusto Boal. Foi levada ao palco pelo grupo "Presença". Foi iniciado às 21:00 horas e terminou às 22:30 horas. Duração aproximada de 01:30 horas.

O Escript segue anexo a este relatório para confronto e posterior fornecimento do certificado de Censura.

A PEÇA

Representada em um só ato, trata-se da história de dois operários que são obrigados, face aos baixos salários que percebem, a buscarem uma solução para os seus problemas sociais. Em comum acordo resolvem partir para uma revolução, nascendo assim um líder que, após reuniões com os operários, vai até a Câmara dos Deputados tentar uma solução de todos os trabalhadores assalariados. Em contato com um piloto (digo) político (Deputado), é orientado a mudar a imagem e fazer promessas aos desportistas, carnavalescos e povo com alta soma em dinheiro para votar nêle, deputado, candidato a presidente da república. Em suma é uma peça que faz críticas aos salários, assistência social e as manobras políticas.

CENÁRIO ILUMINAÇÃO E MÚSICA

No desenrolar da peça aparece só um cenário, representado por um picadeiro de circo. Ailuminação é perfeitamente adequada à peça. É executada somente uma música popular brasileira, entre um quadro e outro.

COREOGRAFIA E GUARDA ROUPA

É uma peça movimentada, com muitos pulos, gestos e expressões faciais. Os personagens da peça vestem roupas de jeans e alguns, roupas de palhaço, prostitutas e damas, sem ferir aos bons costumes.

continua....

Visto.
Em 03.09.84
BISPO DA IGREJA
Téc. do SOSP/DF/RS
Matr. 2.324.463



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 378/84-RS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0098, p.163

PEÇA REVOLUÇÃO NA AMÉRICA DO SUL

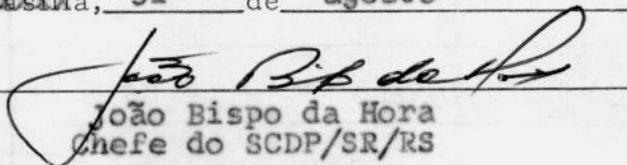
ORIGINAL DE AUGUSTO BOAL

PELO SCDP/SR/RS
APROVADO PELO DCDP
CLASSIFICAÇÃO
CRÍTICA SÓCIO-POLÍTICA

VÁLIDO ATÉ 31 de outubro de 19 84

P. Alegre, 31 de agosto de 19 84 T

CENSURA FEDERAL/RS
IMPRÓPRIO PARA MENORES
DE 16 ANOS


João Bispo da Hora
Chefe do SCDP/SR/RS
Diretor do DCDP

M.J-D.P.F
CERTIFICADO DA D.C.D.P

Certifico constar no arquivo de registro de peças teatrais deste Serviço, o assentamento da peça intitulada REVOLUÇÃO NA AMÉRICA DO SUL

Original de AUGUSTO BOAL

Tradução de _____

Adaptação de _____

Produção de GRUPO PRESENÇA - SANTA MARIA/RS

Requerida por PEDRO FREIRE JUNIOR

Tendo sido censurada em 31 de agosto de 19 84 e recebido

a seguinte classificação: IMPRÓPRIA PARA MENORES DE 16 (DEZESSEIS) ANOS, SEM CORTES. CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. ESTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO POR ESTE SCDP/SR/RS.

P. Alegre, 31 de agosto de 19 84
Brasília, xxxxxx

RENATO RODRIGUES DE FARIA
Téc. Censura Matr. 2.415.816
Chefe da SCC/SCDP/SR/DPF/RS

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX
Chefe do Serviço de Censura

TEATRO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0098, p.165

TÍTULO " REVOLUÇÃO NA AMÉRICA DO SUL "

AUTOR DA PEÇA: " AUGUSTO BOAL "

1) S.C.T.C.

Clas. Anterior INTERDITADA

Praça SCDP/SR/RS

Obs.:

DF. 18 / SET. / DE / 1984

Adilson J. L. S.
Resp. pela elaboração do Processo
ADILSON

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de / / a / /

DF. / /

Resp. pela Programação

4) SERVIÇO DE CENSURA

De Acordo. 16 anos sem corte.
Em: 21 de 09 de 1984
[Signature]

Em de de 1.97

3) CHEFE DA S.C.T.C.

*Senhor Chefe do S.C.
Contrariamente ao que o título poderia sugerir, trata-se de peça de crítica política - social das pretensas revoluções na América do Sul. É sátira.
Os pareceres (4) são todos unânimes pela liberação para 16 anos.
Com base nelas, opto pela ratificação da classificação, ou seja 16 (dezesseis) anos sem cortes.
A consideração superior.
BSB, 21/09/84
*[Signature]**

Brasília - DF de de 1.97

1. Sátira sócio-política.

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

*Liberação para maiores de 16 (dezesseis) anos.
Em 28/3/85
Chafiz de
(Dir. D.C.D.P.)*

, 10 de outubro de 1.984.

1.953/84-SO/DCDP.

a : Diretora da Divisão de Censura de Diversões Públicas.

: Sr. Chefe do SCDP/SR/PS

: Peça Teatral "REVOLUÇÃO NA AMÉRICA DO SUL".

Com referência ao Ofício nº 236/84, desse Serviço, esclarecemos que a peça teatral intitulada "REVOLUÇÃO NA AMÉRICA DO SUL" teve seu texto vetado em 1967 e desde aquela época não houve nenhum recurso endereçado à autoridade de hierarquia superior a que determinou o veto, postulando pela reforma da decisão proibitória.

Atenciosamente,


SOLANGE MARIA TEIXEIRA HERNANDES
Diretora da DCDP

Teatro

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL DIVISÃO DE TELECOMUNICAÇÕES RADIOGRAMA RECEBIDO	RECEBI NO DIA ____/____/____ AS ____ HRS.	CONTROLE Nº <u>46360</u>
	Assinatura _____ Legível _____	20 NOV 17 20 000001

 DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL DIVISÃO DE TELECOMUNICAÇÕES RADIOGRAMA RECEBIDO	DIVISÃO DE TELECOMUNICAÇÕES SEOP - CMG
INDICAÇÕES DE SERVIÇO PREÂMBULO: PALEGRE/RS 5006 55 201600P RECEPÇÃO: NRI/MC 201641	END. DCDP/DPF/BSA

TEXTO E ASSINATURA

NR 146/84/SCDP/SR/RS/201184 PT DIRETOR GRUPO ,,PRESENCA,, REQUER VG
 ATRVS PROCESSO VG LIB ESPECIAL APRESENTACAO DIAS 30 NOV VG 1 ET 2 DEZ
 PECA TEATRAL INTIT ,,REVOLUCAO NA AMERICA DO SUL,, AUT AUGUSTO BOAL
 VG OCASIAO PRIMEIRO FESTIVAL TEATRO SANTA MARIA NESTE ESTADO PT AGUAR-
 DO DECISAO PT

CH/SCDP/SR/DPF/RS



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

3ª VIA

PARA U... ESTAÇÃO
TELECOM
Nº - CMG

28 NOV 14 31 5. 000001

PRÉAMBULO	Espécie: OFICIAL	Número.....	Data.....
	Origem.....	Palavras.....	Hora.....

ENDEREÇO
SCDP/SR/RS

ENCAMINHADO A
POSIÇÃO: *[Signature]*
QUITAÇÃO
HRS: OPR:

RADIOGRAMA

Nome e cargo do expedidor fechando o texto. Escrever separando as linhas com 2 espaços

TEXTO A TRANSMITIR

Nº 2.061 /SO- de 28 - 11 - 84 --- RERA 146 DE 201184 VG COM V.S. VG
AUTORIZADA PRORROGAÇÃO CERT PROV SOMENTE APÓS APRESENTAÇÃO FESTIVAL TEATRO SANTA MARIA PT APOS EVENTO VG INT DEVERAM REGULAR SITUÇÃO PEÇA ABRASPAS REU AM LAT PECHASPAS CASO PRETEN- DA NOVAS APRESENTAÇÕES PT DCDP

Assinatura ou rubrica do expedidor..... *[Signature]*.....



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

ESPETÁCULO TEATRAL

CERTIFICADO Nº 1.351	EMIÇÃO 29 MARÇO 1985	VALIDADE 29 MARÇO 1990
--------------------------------	--------------------------------	----------------------------------

TÍTULO "REVOLUÇÃO NA AMÉRICA DO SUL"
--

AUTOR (ES) AUGUSTO BOAL

CLASSIFICAÇÃO 16 IMPRÓPRIO PARA MENORES DE DEZESSEIS ANOS

JUSTIFICAÇÃO DE IMPROPRIIDADE SÁTIRA SÓCIO-POLÍTICA

Coriolano de L. C. Fagundes
CORIOLANO DE LOIOLA C. FAGUNDES
Diretor da DCDP
ASSINATURA

TÍTULO: **"REVOLUÇÃO NA AMÉRICA DO SUL"**

ESPÉCIE: **PEÇA TEATRAL**

CERTIFICADO Nº **1.351**

TRADUTOR OU ADAPTADOR:

REQUERENTE: **PEDRO FREIRE JUNIOR** ***PORTO ALEGRE/RS***

DECISÃO: **IMPRÓPRIA PARA MENORES DE 16 (DEZESSEIS) ANOS. CONDI
CIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. ESTE CERTIFICADO
SÓ TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SEU "SCRIPT"
DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.**

Sergio Roldan de Oliveira
SERGIO ROLDAN DE OLIVEIRA
Chefe do SC /DCDP
ASSINATURA

Brasília, 29 DE MARÇO DE 1985.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0098, p. 170/170

29 de março de 1985

523/85-SE/DCDP

RS

"REVOLUÇÃO NA AMÉRICA DO SUL", de autoria de Augusto Boal

Atenciosamente,

Coriolano de L. Fagundes
CORIOLANO DE LOIOLA C. FAGUNDES
Diretor da DCDP